

Universidade Federal de Juiz de Fora
Pós-Graduação em Ciência da Religião
Mestrado em Ciência da Religião

Rogers Teixeira Soares

**AS ASSOCIAÇÕES MÉDICO-ESPÍRITAS E A DIFUSÃO DE SEU PARADIGMA DE
CIÊNCIA E ESPIRITUALIDADE**

Juiz de Fora

2010

Rogers Teixeira Soares

As associações médico-espíritas e a difusão de seu paradigma de ciência e espiritualidade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, área de concentração: Ciências Sociais da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Ayres Camurça

Juiz de Fora
2010

Soares, Rogers Teixeira.

As associações médico-espíritas e a difusão de seu paradigma de ciência e espiritualidade / Rogers Teixeira Soares. – 2010.
132 f.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião)—Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

1. Espiritismo. 2. Medicina. 3. Religião e ciência. I. Título.

CDU 133.9:61

Rogers Teixeira Soares

As associações médico-espíritas e a difusão de seu paradigma de ciência e espiritualidade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Área de Concentração em Ciências Sociais da Religião, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião.

Aprovada em 25 de agosto de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo Ayres Camurça (Orientador)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Octavio Andres Ramon Bonet
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. André de Faria Pereira Neto
Fundação Oswaldo Cruz

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Prof. Dr. Marcelo Ayres Camurça, pelo incentivo, pela cordialidade e confiança no meu trabalho.

Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, de modo especial, aos professores doutores Francisco Luiz Pereira da Silva Neto e Fátima Regina Gomes Tavares, pelas críticas e incentivos.

À coordenação da pós-graduação.

Aos colegas de mestrado, Fábio Henrique de Abreu, Delano de Jesus Silva Santos, Cynthia Cavaleri Miguel, pela colaboração e amizade.

Aos meus pais, Clever Pereira Soares e Maria de Fátima Teixeira Soares, pelo amor e apoio.

A minha companheira Júlia Maria Cerqueira, pelo apoio, dedicação e paciência.

À *Universidade Federal de Juiz de Fora*.

Ao órgão financiador da pesquisa: *FAPEMIG*.

RESUMO

Este trabalho analisa o paradigma médico-espírita, proposto por médicos espíritas, e as estratégias empreendidas para legitimá-lo frente à sociedade e à medicina oficial na atualidade. Os proponentes desse paradigma estão organizados em associações denominadas Associações Médico-Espíritas (AMEs), cuja história abordaremos sucintamente. Essas associações, coordenadas pela Associação Médico-Espírita do Brasil (AME-Brasil), criada em São Paulo, em 1995, estão presentes em várias cidades e Estados, totalizando 36 entidades. Os seus associados têm publicado livros, promovido palestras, congressos e campanhas com o escopo de obter mudanças nos conceitos da medicina oficial. Além de analisarmos as estratégias de legitimação utilizadas pelos médicos associados às AMEs, analisamos também a maneira como eles aliam ciência e religião num só paradigma.

Palavras-chave: Espiritismo. Medicina. Associação Médico-Espírita. Medicina complementar.

ABSTRACT

This study analyzes the medical-spiritist paradigm proposed by Spiritist physicians and the strategies to legitimize it before society and the official medicine at present. Proponents of this paradigm are organized into associations named as Medical-Spiritist Associations (AMEs), whose history we discuss briefly. These associations, coordinated by the Spiritist Medical Association of Brazil (AME-Brazil), were created in São Paulo in 1995 and are present in several cities and states, totaling 36 entities. Its members have been publishing books, promoting lectures, conferences and campaigns, aiming at achieving changes in concepts of official medicine. Besides analyzing the strategies used by physicians associated with the AMEs in order to achieve legitimacy, we also analyze how science and religion are combined into a single paradigm.

Keywords: Spiritism. Medicine Medical-Spiritist. Associations Complementary medicine.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1: O MÉTODO DE KARDEC	11
1.1 O longo século XIX.....	12
1.2 Visão geral contextualizada da obra de Kardec.....	14
1.3 O método de Kardec.....	17
1.4 Caráter de progressividade da pesquisa.....	27
1.5 Kardec e Darwin.....	29
1.6 Da autoridade dos espíritos.....	32
1.7 Os tempos são chegados.....	33
1.8 Considerações finais sobre o capítulo.....	36
CAPÍTULO 2: O CONTEXTO TERAPÊUTICO ATUAL E A AÇÃO DOS MÉDICOS ESPÍRITAS	41
2.1 O espiritismo numa perspectiva sócio-histórico-antropológica.....	42
2.2 Um pouco da história e da organização das AMEs.....	50
2.3 A biomedicina em crise.....	53
2.4 EQM, Transcomunicação pessoal... testemunhos do <i>post mortem</i> ?.....	59
2.5 Religião: o ópio contra o sofrimento.....	66
2.6 Holismo, física quântica e espiritismo.....	73
CAPÍTULO 3: A CONCEPÇÃO DOS MÉDICOS ESPÍRITAS DE CIÊNCIA E RELIGIÃO	86
3.1 O que é doença.....	86
3.1.1 Função da doença.....	89
3.1.2 Flexibilização da lei cármica.....	91
3.2 Evangelhoterapia e campo terapêutico alternativo.....	97
3.3 Ciência e religião.....	104
3.3.1 Fé metódica: princípio de certeza absoluta.....	104
3.3.2 Guinada espiritual.....	110
3.3.3 Asclépio no leito de Procusta.....	116
CONCLUSÃO	124
REFERÊNCIAS	128

INTRODUÇÃO

“O que diz respeito aos médicos, só os médicos tratam; de ferragens cuidam os ferreiros.”

(Horácio)¹

A competição pela hegemonia no campo da prática terapêutica atravessa os séculos. Toda a História é pontuada por conflitos entre um grupo que se arroga a exclusividade do conhecimento médico – supostamente superior e verdadeiro –, contra outros, tachados de charlatões.²

No Brasil, a restrição do exercício da medicina aos diplomados tem encontrado inúmeros desafios. Entre os anos 1890 e 1940, especialmente, uma das preocupações constantes para muitos médicos foram as práticas e doutrinas espíritas imiscuindo-se na atividade de cura e de terapia. Nesse período, muitos profissionais da área da saúde formularam teorias para explicá-las e deslegitimá-las – o que não raramente assumia a forma de campanhas contra o espiritismo –, enquadrando-as, junto a tantos outros sistemas que concorriam com a medicina oficial, nos casos de charlatanismo.³

A eficácia dessas práticas nem chegava a ser objeto de discussão no âmbito da medicina acadêmica: era terminantemente negada.⁴ Argumentava-se que elas colocavam os

¹ *Quod medicorum est, promittunt medici; tractant fabrilia fabri.* [Horácio, Epistulae 2.1.115]

² SAYD, Jane Dutra. *Mediar, Mediar, Remediar: aspectos da terapêutica na medicina ocidental.* Rio de Janeiro: EdUERJ, 1988, p. 60.

³ GIUMBELLI, Emerson Alessandro. Heresia, doença, crime ou religião: o Espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 40, n. 2, 1997, p. 36.

⁴ Não obstante a refutação peremptória da academia, não faltaram espíritas que procuraram sustentar a cientificidade da medicina espírita: o caso mais paradigmático é o do médico Bezerra de Menezes, cuja obra magna, *A loucura sob novo prisma*, traz o subtítulo *estudo psíquico-fisiológico*, no qual já se divisa a sua “[...] expectativa de estar contribuindo para a definição dos rumos da ciência psiquiátrica”. GIUMBELLI, Emerson. *O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do Espiritismo.* Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997, p. 67. Merece consideração o fato de que, embora negada pelas autoridades, a medicina espírita continuava sendo exercida: muito comum era a imagem do médium receitista, um “[...] indivíduo que, inspirado pelo ‘espírito’ de um médico já falecido, diagnosticava doenças e prescrevia um tratamento que residia na quase totalidade das vezes em uma medicação homeopática.” Sua existência é notada, por meio de menções de espíritas e jornais da época, desde a década de 1870. Idem, ibidem, p. 76-77.

pacientes sob a responsabilidade de pessoas sem competência para tratá-las; impediam a intervenção qualificada dos médicos (com seus saberes e suas práticas oficiais) e ainda podiam ser diretamente prejudiciais, agravando uma enfermidade. Esse tipo de “medicina” – “supersticiosa”, “primitiva” e “irracional” – só podia existir em virtude da “ignorância” e do “misticismo” do povo, conjugados à falta de repressão por parte das autoridades competentes.⁵

A partir da década de 1940, de acordo com Emerson Giumbelli, a tensão entre a medicina acadêmica e o espiritismo parece ter se atenuado. Esforçando-se para que suas práticas alcançassem legitimidade frente aos poderes públicos como *religião*, os espíritas, coordenados pela Federação Espírita Brasileira (FEB), foram gradativamente abandonando os traços que os identificavam à ciência médica formal e acadêmica, e paulatinamente intervindo no campo espiritual e moral.⁶ Daí a difusão de práticas que se destinavam a agir sobre o espírito, como os passes e as desobsessões. O físico e o material só seriam atingidos, caso o fossem, de modo tangencial, em virtude de sua ligação ao espírito.⁷

Recentemente, porém, o espiritismo volta a ganhar evidência, sinalizando a retomada de uma perspectiva de ciência espiritualizada. Médicos espíritas vêm propondo um novo paradigma na medicina que leva em conta a espiritualidade e seus corolários – chamam-no de *paradigma médico-espírita*. Coordenados pela Associação Médico-Espírita do Brasil (AME-Brasil), criada na cidade de São Paulo em 1995, esses profissionais têm feito pesquisas, congressos e campanhas, buscando implementar mudanças na base da medicina oficial; fato que vem crescendo no Brasil e despertando a atenção de pesquisadores no país e no exterior.

A proposta do paradigma médico-espírita deve ser entendida num contexto em que, atualmente, a medicina convencional, malgrado todos os seus avanços e sucessos, atravessa uma grave crise, ao passo que muitas medicinas alternativas⁸ já fazem parte da realidade de

⁵ GIUMBELLI, Emerson. *O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do Espiritismo*, op. cit., p. 36.

⁶ Idem, *ibidem*, p. 267.

⁷ Embora a orientação espírita passe a ser espiritual e moral, as terapias espíritas prosseguem em sua existência, não apenas por meio de “passes” e “desobsessões”, mas também de “cirurgias espirituais”. O fato é que o ideal de uma “medicina espírita” nunca chegou a ser totalmente sublimado, não obstante essa prática tenha se conformado a uma nova configuração de não-intervenção física, mas apenas espiritual. Ademais, mesmo com a corrente “religiosa” imperando no espiritismo brasileiro, a “científica” esteve sempre atuante, o que constituiu uma fonte de constante tensão. (Cf. Giumbelli, Greenfeld, Camurça). Daí a idéia de defendermos um *recrudescimento* de uma “ciência espiritualizada”, pois ela ressurgiu de práticas históricas.

⁸ Segundo Madel T. Luz, esse termo diz respeito “[...] não apenas as medicinas tradicionais das culturas nacionais (ou mesmo regionais), como também as medicinas tradicionais provindas do Oriente, e a medicina homeopática”. A autora apresenta a definição do termo “medicina alternativa”, como ela própria enfatiza, segundo a Organização Mundial de Saúde (em 1962). LUZ, Madel T. *Cultura contemporânea e medicinas alternativas: novos paradigmas em saúde no fim do século XX*. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 15, p. 145-176, 2005. Suplemento, p. 146.

grande número de pessoas.⁹ Essas medicinas propõem uma terapêutica que foge à racionalidade do modelo médico dominante, sobre o qual se fundamenta a moderna prática médica, qual seja, o modelo biomédico, cuja ênfase é o estudo *isolado* de órgãos e tecidos.¹⁰ Essas práticas alternativas, como também são chamadas, adotam uma postura holística e naturalística diante da saúde e da doença, opondo-se, dessa forma, à medicina especializada, tecnológica e mercantilizada.¹¹

Há de se destacar que não só cresce o número de estudos científicos a respeito do efeito da religiosidade sobre a saúde, como demonstraremos, mas, também, o número de médicos que vêm associando aos seus trabalhos os princípios de suas crenças religiosas, como, por exemplo, os médicos católicos capixabas que fundaram a Associação Católica Médica do Espírito Santo.¹²

No encaço dessas críticas à medicina oficial, proclamando a união entre a religião e a ciência, a fé e a razão, os médicos espíritas reivindicam, de modo bastante articulado, um espaço dentro da própria ciência médica, tentando escapar aos epítetos que acompanham as práticas de cura espírita, como os de supersticiosa, primitiva e irracional. Visam também coordenar ações anticharlatanismo, *i.e.*, desmascarar pessoas não espíritas e sem formação médica que se dizem capazes de realizar milagres. De acordo com a revista *Saúde & Espiritualidade*:

A Associação Médico-Espírita do Brasil tem por missão básica contribuir para o estudo e a pesquisa científica no âmbito da Medicina e do Espiritismo, promover a difusão do paradigma médico-espírita, através do ensino e dos meios de comunicação, de livros e outras publicações; contribuir para a implantação desse paradigma, tanto nos cursos de formação médica, quanto em outros; e incentivar o médico espírita no cumprimento de sua missão humanitária, apoiando as instituições beneficentes que visem à melhoria da saúde da coletividade, sobretudo, a dos mais carentes.¹³

Este trabalho objetiva, portanto, em primeiro lugar, analisar o discurso dos médicos associados às AMEs e as suas estratégias para alcançar legitimidade frente à sociedade e à medicina oficial na atualidade. O contexto, então, é fundamental em nosso trabalho, já que,

⁹ De acordo com Luz, no Brasil, “[...] mesmo os pacientes que se tratam pela medicina convencional freqüentemente buscam as medicinas espirituais da umbanda, do candomblé e dos centros kardecistas, utilizando-as sincreticamente como forma terapêutica popular”. LUZ, Madel T. Cultura contemporânea e medicinas alternativas: novos paradigmas em saúde no fim do século XX. op. cit., p. 157.

¹⁰ Idem, *Ibidem*, p. 145.

¹¹ QUEIROZ, Marcos S. O itinerário rumo às medicinas alternativas: uma análise em representações sociais de profissionais da saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, 2000, p. 364.

¹² Cf. ASSOCIAÇÃO dos médicos católicos do Espírito Santo. *Revista Arautos do Evangelho*. São Paulo: Associação Internacional de Direito Pontifício, n. 96, dez. 2009, p. 40.

¹³ A HISTÓRIA e a missão das Associações Médico-Espíritas. Associação Médico Espírita do Brasil (Org.). *Medicina e Espiritismo*, São Paulo, p. 4-5.

diversamente daquele período em que a medicina espírita ensaiava seus primeiros passos no Brasil, atualmente delinea-se um campo bastante favorável – pelo menos se comparado àquela época – em que os médicos espíritas podem divulgar seus pressupostos.

Em segundo lugar, analisar a maneira como os médicos espíritas aliam ciência e religião num só paradigma. A persecução desse último objetivo é que justifica dedicarmos um capítulo à análise do método de Kardec, cujas obras – baseadas, como alegava, em pressupostos filosóficos e científicos – são as balizas que norteiam a reflexão dos médicos espíritas.

CAPÍTULO 1: O MÉTODO DE KARDEC

Constitui parte de nosso trabalho entender as mudanças ocorridas, ao longo desses mais de 150 anos, na maneira de se fazer “ciência espírita”, isto é, na metodologia espírita. Para tanto, este capítulo situa o trabalho de Kardec em seu contexto histórico e analisa o processo de codificação da doutrina.

As referências de ciência que Kardec tinha em seu tempo eram diferentes das que os espíritas têm hoje.¹⁴ Não obstante, as obras de Kardec continuam como uma diretriz nos trabalhos de pesquisa e divulgação dos médicos das AMEs, quer dizer, como uma metodologia e como um *corpus* teórico e moral.

Depois de um pequeno exame na metodologia empregada por Kardec na análise dos fenômenos espíritas, argumentaremos que ela hoje, muitas vezes, ou não é levada totalmente a efeito ou é ainda incompreendida, isso nos termos dos grandes vultos do espiritismo, como Herculano Pires, um dos contumazes críticos daqueles que se dizem espíritas, mas não levam a cabo todas as diretrizes de Kardec. Contrariando o próprio método a que fazem referência, não raras vezes, como se verá, muitos espíritas tomam os espíritos que têm um histórico de comunicações consolidado à guisa de verdadeiros “gurus” e utilizam os argumentos de Kardec em razão da *autoridade* do autor, entre outras distorções no método defendido pelo Codificador.

O ponto de partida para o nascimento da doutrina de Kardec foi uma série de fenômenos insólitos, largamente noticiados pelos jornais europeus, e que encantavam a sociedade parisiense do século XIX. Tratava-se de mesas que se moviam sem justificativa aparente, sons misteriosos e batidas ritmadas de origens invisíveis, mas que sugeriam formas de comunicação.

¹⁴ Senão, talvez, por um motivo: ambas as referências estão inseridas em um contexto de grandes transformações científicas e epistemológicas; naquele tempo, a ascensão do evolucionismo, neste, a física quântica, concomitante à crise dos grandes paradigmas.

A respeito da celeuma em torno desses fenômenos, Kardec havia comentado que aquele que tivesse preocupações científicas rir-se-ia da credulidade dos supersticiosos e ignorantes, mas, em nome daquela mesma ciência, afirmava não poder se furtar à investigação diante de fatos que exigiam comprovação.¹⁵ Então, em 1865, pela primeira vez, Kardec presenciava experiências com tais fenômenos. Começavam os estudos que trariam como resultado a codificação espírita.

Dessa maneira, Hippolyte Leon Denisard Rivail, sob o pseudônimo de Allan Kardec, publica, entre os anos de 1857 e 1869, *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, *O Céu e o Inferno*, *A Gênese* e *O Evangelho segundo o Espiritismo*;¹⁶ conjunto que define o Espiritismo, segundo o autor, como “[...] uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos espíritos, bem como de suas relações com o mundo corpóreo.”¹⁷

1.1 O longo século XIX

“Os espíritos que imaginam realmente lutar contra a marcha da civilização obedecem, inconscientemente, a sua irresistível influência e concorrem por si a colaborar com ela”.

(Auguste Comte)

O século XIX foi um período de transformações rápidas e intensas, que se espalharam, a partir da Europa, para boa parte do mundo. Esse século, que Eric Hobsbawn denomina de “o longo século XIX”, inicia-se, para esse autor, com as “duplas revoluções” (a Francesa e a Industrial Inglesa), ainda no século XVIII, e termina com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914.¹⁸ As transformações ocorridas são de toda ordem, englobando as variadas áreas da vida humana.

No campo das idéias, destaca-se o surgimento de três escolas de pensamento profundamente polêmicas: o *positivismo*, encabeçado por Augusto Comte; o *socialismo*, especialmente as propostas defendidas por Karl Marx e Friedrich Engels; e o *evolucionismo*, resultado dos trabalhos de Charles Darwin. Como afirma Hobsbawn, essas correntes, e outras que também marcaram a época – como o *utilitarismo* de John Stuart Mill ou os escritos de

¹⁵ MEDINA, Ceres de Carvalho. Reflexões sobre o pensamento de Kardec. Revista *Nures* (PUC-SP), n. 3, maio/set. 2006, p. 4.

¹⁶ Essas são as principais obras, conhecidas como “Pentateuco Espírita”; entretanto, existem outras: *O que é o Espiritismo*, *O Espiritismo na sua expressão mais simples*, *Viagem Espírita*, etc. Além dessas publicações, Kardec esteve à frente, durante doze anos, da *Revista Espírita*, por ele fundada.

¹⁷ KARDEC, Allan. *O que é o Espiritismo*. 41. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999, p. 50.

¹⁸ HOBBSAWN, Eric. *A Era das Revoluções. Europa 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. *A Era do Capital. 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004. *A Era dos Impérios. 1875-1814*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

Herbert Spencer –, embora diferentes em suas origens e objetivos, compartilhavam uma característica, marca do século XIX europeu: a crença irrefutável no progresso.

Como corolário dessa confiança no progresso, a ciência era elevada a um patamar quase religioso: “Homens cultos do período não estavam apenas orgulhosos de suas ciências, mas preparados para subordinar todas as outras formas de atividade intelectual a elas”.¹⁹

O cientificismo do século XIX conheceu o despertar da consciência histórica. O mundo humano passou a ser entendido não como *algo que é*, mas como algo que *vem a ser*. Os pensadores voltaram-se, antes de tudo, para os problemas do desenvolvimento, da gênese, da evolução.²⁰ Desta forma, o mundo dos homens ganhou um incrível dinamismo: passou a ser um mundo em evolução. Uma preocupação com o porvir, com a história teleológica passou a figurar na reflexão dos intelectuais de então. Se os filósofos do século XVIII tinham mais preocupação com a estrutura, o novo cientificismo singularizou-se pela perspectiva dinâmica e histórica, visível na ciência e na religião.

O filósofo deveria compreender que a evolução humana obedece a leis rigorosas e que o determinismo presente no mundo natural é o mesmo que rege o desenvolvimento da humanidade.²¹ Semelhante determinismo que rege os movimentos dos astros ou as combinações químicas dos corpos, por exemplo, rege também os fenômenos sociais e os psíquicos; desse modo, uma marcha fatal se verificava no universo humano tanto quanto no universo físico.²² A própria consciência era considerada apenas um fenômeno mais complexo do que os de ordem física, mas não de outra natureza; a filosofia, nesta nova perspectiva, se quisesse desempenhar algum relevo, haveria de tornar-se uma “filosofia científica”.²³

A legitimidade de um valor era medida, portanto, de uma parte, pela realidade atual que ele traduzia, de outra, pela meta final do homem, que a filosofia da história se ocuparia em determinar cientificamente, graças à formulação das leis dinâmicas fundamentais.²⁴ O materialismo, o positivismo, o darwinismo, e várias formas de psicologismos ou biologismos são doutrinas impregnadas dessa visão de mundo.

Dentro da perspectiva evolucionista, destacou-se Auguste Comte, que, buscando compreender a história do gênero humano, postulou a lei dos três estados. A humanidade teria passado, segundo ele, pelas etapas *teológica* (primeiro fetichista, depois politeísta, enfim

¹⁹ HOBSBAWN, Eric. *A Era do Capital. 1848-1875*. op. cit., p. 349.

²⁰ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 28.

²¹ BARROS, Roque Spencer Maciel de. *A ilustração brasileira e a idéia de universidade*. São Paulo: Convívio, 1986, p. 108.

²² Idem, *ibidem*.

²³ Idem, *ibidem*.

²⁴ Idem, *ibidem*.

monoteísta), *metafísica*, atingindo, finalmente, a etapa *positiva*.²⁵ Esta última teria sido propiciada pelas duas revoluções modernas – a política (francesa) e a industrial (inglesa) –, mas só a filosofia positivista era a marcha da Humanidade, o Grão-Ser, única divindade digna do culto de seres racionais.²⁶

Toda essa análise fundamentada na dinâmica histórica trazia como conseqüência o seguinte pensamento: o país vale não pelo que é, mas pelo que haverá de ser. Era necessário insistir na responsabilidade de cada um no sentido de construir a nação, de fazê-la digna e feliz. Construía-se para o futuro: a ilustração cientificista trabalhava com os olhos voltados para a imagem ideal da humanidade, que a Europa já se encontrava em vias de tornar realidade. As nações mais “atrasadas”, acreditavam esses ilustrados, deveriam apressar a marcha do país no sentido daquele finalismo dotado de um valor supremo.²⁷

Diante desse relativismo histórico, não mais se podia falar na organização perfeita, no direito único e sempre verdadeiro, no sistema social incondicionalmente justo. A história humana, entendia-se, não é uma história cíclica, em que as situações ora se aproximam, ora se distanciam de um ideal estático, valendo para todos os homens e todas as épocas, e devendo por eles ser avaliadas. A história passa a ser vista como um processo de aperfeiçoamento contínuo, intermitente; os ideais cumprem o seu papel e dão lugar a valores novos, decorrentes das situações sociais reais – e esses novos valores geram ideais novos, que adiante serão outra vez substituídos ou transformados.²⁸

1.2 Visão geral contextualizada da obra de Kardec

Concorde ao espírito da época, Kardec apresentou grande preocupação em dar *status* de ciência a sua doutrina; assim, frisava que seu método consistia em observar, examinar, comparar, analisar e teorizar. De forma análoga aos seus pares, Kardec supunha poder submeter todos os fenômenos, inclusive os sociais, a leis rigorosas. No entanto, era preciso considerá-los além da matéria. Para Kardec, dois elementos (ou duas forças) regem o Universo: o *elemento espiritual* e o *elemento material*; da ação simultânea desses dois princípios nasceriam os fenômenos.²⁹

²⁵ ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Os pensadores, Volume Comte*. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 56.

²⁶ PERRONE-MOISÉS, Leyla (Org.). *Do Positivismo à desconstrução: idéias francesas na América*. SP: Edusp. 2004, p. 18.

²⁷ Idem, *ibidem*, p. 18.

²⁸ Idem, *ibidem*, p. 167.

²⁹ KARDEC, Allan. *A gênese: os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003, p. 9.

Levando em conta a existência do mundo espiritual e suas relações com o mundo material, o espiritismo buscava fornecer a chave para a explicação de uma imensidade de fenômenos incompreendidos e considerados, em virtude mesmo dessa circunstância, como inadmissíveis, a exemplo daqueles sobre os quais Kardec se debruçou para a Codificação, como as mesas girantes e a comunicação com espíritos. Para Kardec, por desconhecerem as leis que regem tais fenômenos é que os estudiosos não conseguiram chegar a uma solução racional: uns faziam abstração dos dados positivos da ciência, outros, do princípio espiritual. A solução encontrar-se-ia na ação recíproca do espírito e da matéria.

À idéia de progresso, Kardec também não saíra incólume. À maneira de seus coetâneos, o compreendia como inexorável, como nos mostram as perguntas 781 e 782 de *O Livro dos Espíritos*:

781. Tem o homem o poder de paralisar a marcha do progresso?

‘Não, mas tem, às vezes, o de embaracá-la.’

a) – Que se deve pensar dos que tentam deter a marcha do progresso e fazer que a Humanidade retrograde?

‘Pobres seres, que Deus castigará! Serão levados de roldão pela torrente que procuram deter.’

782. Não há homens que de boa fé obstam ao progresso, acreditando favorecê-lo, porque, do ponto de vista em que se colocam, o vêem onde ele não existe?

‘Assemelham-se a pequeninas pedras que, colocadas debaixo da roda de uma grande viatura, não impedem de avançar’.³⁰

A história da humanidade, nesse sentido, se reveste de um dinamismo no qual nada é estático, mas sujeito às leis da evolução. Para Kardec, vive-se num mundo provisório, onde imutáveis são somente as leis divinas.³¹ Uma preocupação figura, então, em seu pensamento: o *dever*, que não se esgota após a morte, uma vez que o espírito reencarna diversas vezes, a fim de evoluir intelectual e moralmente.

Bem à maneira cientificista, Kardec também relaciona etapas de evolução do homem, ou melhor, do espírito. Num gradiente evolutivo, Kardec enumerou três categorias de espíritos, que por sua vez suportam subdivisões e interposições, a saber: *Espíritos Imperfeitos* (impuros, levianos, pseudo-sábios, neutros, batedores e perturbadores); *Bons Espíritos* (espíritos sábios, de sabedoria, superiores) e *Espíritos Puros*.³²

Kardec reconhecia o patamar de evolução que a Europa havia atingido. Porém, a despeito de todo progresso material, os povos civilizados da Europa, que se destacavam do restante dos outros continentes, eram, para ele, “apenas povos esclarecidos”, que tinham

³⁰ KARDEC. *O Livro dos Espíritos*. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, p. 370.

³¹ Idem, *ibidem*, p. 362-372.

³² Idem, *ibidem*, p. 370.

“percorrido a *primeira* fase da civilização”.³³ Urgia, entretanto, um desenvolvimento moral, então em desequilíbrio com o progresso intelectual conquistado. Assim, Kardec propugnava por uma educação moral, capaz de reformar os homens;³⁴ contudo, uma educação amparada no conhecimento das denominadas “leis divinas”, que estão acima das instabilidades das leis humanas.

Outra parte importante do pensamento evolucionista de Kardec era a crença numa mudança iminente no planeta. A Terra estaria passando por um momento de transformação, em que se esperava o esforço de todos, através da vigilância moral, para galgar o novo patamar dentro da “escala de evolução planetária”.³⁵ Nosso orbe, portanto, seria apenas um entre vários mundos, que “Deus povoou de seres vivos [...], concorrendo todos esses seres para o objetivo final da Providência. [Assim,] Acreditar que só os haja no planeta que habitamos fora duvidar da sabedoria de Deus, que não fez coisa alguma de inútil”.³⁶

Kardec lista quatro etapas de evolução dos mundos: *Mundos Inferiores*, *Mundos de Provas e Expições*, *Mundos de Regeneração* e *Mundos Perfeitos*. A Terra se encontrava na iminência de subir um degrau, passando do de *Provas e Expições* para o de *Regeneração*, o que explicaria, para Kardec, as séries de avanços rápidos por que passava então a Terra.

Nessa empreitada evolutiva, o homem deteria as rédeas do progresso, ele seria o artífice de sua própria felicidade, a medida de todas as coisas. Esse individualismo não excluiria, entretanto, uma solidariedade entre os homens, pois, para alcançar o progresso, seria preciso ter por base a caridade. Nem todos progrediriam, porém, simultaneamente e do mesmo modo: os mais adiantados auxiliariam o progresso dos outros, mediante o contato social.³⁷ Kardec argumenta ainda que o progresso intelectual é imprescindível ao progresso moral, já que eles nem sempre andam juntos. O progresso intelectual faz mais compreensível a distinção entre o bem e o mal, e o desenvolvimento do livre-arbítrio acompanha o desenvolvimento da inteligência.³⁸

Num século em que uma doutrina, para ser levada a sério, tinha que se amparar em bases empíricas, Kardec procurava, então, identificar o espiritismo com a ciência:

Apliquei a essa nova ciência, como o fizera até então, o método experimental; nunca elaborei teorias preconcebidas; observava cuidadosamente, comparava, deduzia conseqüência; dos efeitos procurava remontar às causas, por dedução e

³³ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. op. cit., p. 370.

³⁴ Idem, *ibidem*, p. 371-372.

³⁵ Ver Idem. *A gênese: os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. op. cit.

³⁶ Idem. *O Livro dos Espíritos*. op. cit., p. 69.

³⁷ Idem, *ibidem*, p. 363.

³⁸ Idem, *ibidem*, p. 363.

pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo por válida uma explicação, senão quando resolvia todas as dificuldades da questão. [...] Fazia-se mister, portanto, andar com a maior circunspeção e não levianamente; ser positivista e não idealista, para não me deixar iludir.³⁹

O mundo, dentro da mentalidade científicista e espírita, é dotado de um incrível dinamismo. É um mundo que evolui, dentro de regras rígidas e cognoscíveis. Se, para o científicismo, elas se inscreviam na realidade física, para o espiritismo, essas leis fundamentais deveriam ser entendidas na confluência da matéria com o espírito.

Para ambos, era preciso apressar esse *finalismo*. Dentro do humanismo científico, era preciso investir no conhecimento positivo e erradicar a superstição, pois só por meio da ciência, o homem, tornando-se senhor da natureza, civilizar-se-ia realmente e tornar-se-ia dono de si mesmo. Para Kardec, no entanto, especialmente em relação à Europa, era preciso investir numa educação moral que ombreasse com a evolução material e intelectual, então alcançada.

Tanto o positivismo quanto o espiritismo acentuam a *unidade* humana. Para o positivismo, há povos mais adiantados, como há os mais atrasados, mas o seu destino é comum, o seu ponto de chegada é o mesmo. Para o espiritismo, todos nascem ignorantes e percorrem, necessariamente, variados estágios até o grau de perfeição absoluta, que não se dá neste mundo.

As atenções, portanto, estavam voltadas para o futuro, para um devir histórico. Os povos menos adiantados poderiam se beneficiar com o exemplo dos mais adiantados. A Europa era o modelo de civilização, na mentalidade científicista. Cristo, o “governador do planeta Terra”, entre uma corte de “Espíritos iluminados”, era o exemplo a guiar todos os seres, “encarnados” e “desencarnados”, presentes neste orbe, para Kardec. Tanto no ideário científicista quanto no espírita compreendia-se que o atraso, a miséria e a fraqueza não eram constitucionais, mas uma fase a ser superada pelo trabalho, pela educação e pela moral.

1.3 O método de Kardec

“A falsa ciência gera ateus; a verdadeira ciência leva os homens a se curvar diante da divindade.”

(Voltaire)

Como vimos, o ponto de partida para as pesquisas de Kardec foram os fenômenos das mesas girantes, que naquela época divertiam damas e cavaleiros nos nobres salões europeus.

³⁹ KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. op. cit., p. 259.

O primeiro produto da observação desses fenômenos e dos estudos a que eles deram ensejo foi *O Livro dos Espíritos*, cuja primeira edição é de 1857.

Como despertasse reações – favoráveis e adversas – ao seu livro, Allan Kardec passou a receber um grande volume de correspondências. Algumas dessas ou traziam novas questões, que então mereciam análise, ou traziam conteúdos relevantes, que dariam mais plausibilidade a alguma hipótese por ele levantada. Dessa maneira, para centralizar e facilitar o concurso de todos aqueles que, de uma forma ou de outra, se interessassem pelos fenômenos analisados pelo espiritismo, Kardec trouxe a lume, em 1º de janeiro de 1858, a primeira edição da *Revista Espírita*⁴⁰ – publicação que serviria também ao propósito de agilizar a divulgação de novos conhecimentos e, de certo modo, disponibilizar, para o exame público, novas hipóteses, apresentadas por Kardec e seus correligionários. Na primeira edição, após a introdução, lê-se a seguinte observação:

Por multiplicadas que sejam nossas observações pessoais, e as fontes em que as haurimos, não dissimulamos nem as dificuldades da tarefa, nem a nossa insuficiência. Contamos, para isso suprir, com o concurso benevolente de todos aqueles que se interessam por essas questões; seremos, pois, muito reconhecidos pelas comunicações que queiram bem nos transmitir sobre os diversos objetos de nossos estudos [...]⁴¹

Em 1863, ao cabo de uma análise geral das comunicações mediúnicas que lhe chegavam às mãos, oriundas das mais variadas partes do mundo, Kardec afirmou ter examinado e classificado mais de 3.600. De acordo com essa classificação, 3.000 eram de uma “moralidade irreprochável”; dessas, menos de 300 eram consideradas “publicáveis”, não obstante apenas 100 fossem de “mérito excepcional”. Acerca dos manuscritos e trabalhos de grande fôlego, considerou de valor real somente 5 ou 6 entre os 30 até então lhe remetidos.⁴²

As cartas foram, portanto, uma grande fonte de pesquisa para Kardec. Segundo ele, por provir de partes variadas do globo, relatando, muitas vezes, assuntos semelhantes e descrevendo fenômenos idênticos, elas continham uma irrefutabilidade manifesta. Delas, podia-se inferir a universalidade de muitos fenômenos que se descortinavam em locais diversos e contemporâneos, relatados por médiuns que não se conheciam. Assim, as correspondências seriam uma das principais fontes que concorreriam para o processo de validação de uma teoria.

Além dessas, várias outras fontes foram utilizadas por Kardec na composição de suas

⁴⁰ *Revue Spirite – Journal D'études Psychologiques*, com edição mensal.

⁴¹ KARDEC, Allan. Introdução. *Revista Espírita*. 1. ed. Araras: IDE, 1993, p. 6. Tradução de Salvador Gentile da obra original *Revue Spirite – Journal D'études Psychologiques*, de janeiro de 1858.

⁴² WANTUIL, Zeus e THIESEN, Francisco. *Allan Kardec: o educador e o codificador*. 2. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004, v.1, p. 351.

conclusões. De início, presenciou as “pancadas” e “saltitadas” de mesas, que despertaram não só a sua atenção, mas também a de vários outros pesquisadores.⁴³ Em seguida, estabeleceu contato com médiuns de variadas faculdades – de fenômenos físicos, sensitivos, audientes, falantes, videntes, sonâmbulos, curadores, psicógrafos, entre outros –,⁴⁴ através dos quais presenciou diversos fenômenos: aparições de espectros tangíveis, psicografias, curas, etc. Além disso, visitou muitos locais onde fenômenos reputados sobrenaturais chamavam a atenção; analisou notícias de jornais com comentários de fenômenos dessa natureza e tornou freqüente a perquirição direta aos espíritos, através de manifestações voluntárias ou evocadas.

A *Revista Espírita*, que ele próprio dirigiu até a data de sua morte, em 1869, antecipou muitos assuntos abordados em *O Livro dos Médiuns* e em *A Gênese*. A revista serviu, assim, como um laboratório em que se propunham e analisavam idéias, algumas das quais, depois de amadurecidas, entrariam na codificação. Deste modo, toda teoria era apresentada ao exame dos leitores:

Quando, na *Revue Spirite* de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a **interpretação da doutrina dos anjos decaídos**, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversável, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre este assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica.⁴⁵ [grifos do autor].

É importante se ressalte, pois, que a Revelação espírita não foi ditada pronta pelos espíritos, argumentava Kardec, visto que eles não só mantiveram contato com médiuns de várias partes do mundo – não confiando a mensagem inteiramente, portanto, a um só “profeta” –, como também não dispensaram os homens do trabalho de observação e reflexão dos conteúdos. Tendo em vista essa participação ativa dos homens na construção da doutrina, não só buscando comprovação científica das mensagens, mas também sua suplementação, a revista serviria como uma tribuna em que se conclamavam os leitores para a reação, para a

⁴³ Entre a segunda metade do século XIX e os primeiros anos do século XX, os fenômenos “psíquicos” ou “espíritos” despertaram o interesse de um conjunto de cientistas que se dispunha a investigar a sua credibilidade e identificar as suas forças produtoras. Entre eles, destacaram-se Cesare Lombroso e William James. VASCONCELOS, João. *Espíritos clandestinos: espiritismo, pesquisa psíquica e antropologia da religião entre 1850 e 1920. Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, 2003, p. 98.

⁴⁴ Ver classificação em KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003.

⁴⁵ KARDEC, Allan. *A gênese: os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. op. cit., p. 292.

argumentação necessária à “construção do conhecimento”⁴⁶ espírita. Assim, escreveu em 1858:

Todavia, como o nosso objetivo é chegar à verdade, acolheremos todas as observações que nos forem endereçadas, e tentaremos, quanto no-lo permita o estado dos conhecimentos adquiridos, seja levantar as dúvidas, seja esclarecer os pontos ainda obscuros. Nossa revista será, assim, uma tribuna aberta, mas, onde a discussão não deverá jamais desviar-se das leis, as mais estritas, das conveniências. Em uma palavra, discutiremos, mas não *disputaremos*. [grifos do autor].⁴⁷

Como a Revelação promanava, segundo Kardec, de diversas fontes e partes do mundo, fazia-se mister, portanto, se constituísse um centro onde se pudessem reunir todas as instruções a fim de “proceder a uma espécie de apuro das vozes”,⁴⁸ ou seja, distinguir uma opinião pessoal de um princípio universalmente ensinado. Dessa maneira, com o escopo de centralizar os esforços de pesquisa e concorrer para a unidade dos ensinamentos, Kardec inaugura a *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*, em 1º de abril de 1858 – praticamente um ano após a publicação da primeira edição de *O Livro dos Espíritos*. Entre seus membros, contar-se-iam numerosos colaboradores: médiuns, intelectuais, membros da alta sociedade, dentre outros. A respeito disso, escreveu:

A extensão, por assim dizer, universal que tomam, cada dia, as crenças espíritas, fazem desejar vivamente a criação de um centro regular de observações; essa lacuna vem de ser preenchida. [...] Seu regulamento orgânico lhe assegura homogeneidade sem a qual não há vitalidade possível; está baseada na experiência de homens e de coisas, e sobre o conhecimento das condições necessárias às observações que fazem o objeto de suas pesquisas. Os estrangeiros que se interessam pela Doutrina Espírita encontrarão, assim, vindo a Paris, um centro ao qual poderão se dirigir para se informarem, e onde poderão comunicar suas próprias observações.⁴⁹

Embora a autoria da codificação seja dada a Kardec, duas questões devem ser logo colocadas: em primeiro lugar, como vimos, ele não estava totalmente só nessa empresa de elaborar o conhecimento, pois contava com dados e ponderações trazidos por companheiros de pesquisa – não obstante lhe coubesse integralmente a responsabilidade sobre o que figuraria na codificação. Em segundo lugar, conquanto o papel de Kardec tenha sido capital na codificação, qual seja, o de observar, examinar, comparar, analisar e teorizar sobre o objeto de estudo, não arrogava a si a autoria das idéias constantes na doutrina, pois afirmava que a

⁴⁶ Se é que nos seja permitido empregar, anacronicamente, essa expressão.

⁴⁷ KARDEC, Allan. Introdução. *Revista Espírita*. op. cit., p. 3. Tradução da *Revue Spirite – Journal D’études Psychologiques* de janeiro de 1858.

⁴⁸ Idem. *A gênese: os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. op. cit., p. 56-57.

⁴⁹ Idem. *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*. *Revista Espírita*. op. cit., p. 148. Tradução da *Revue Spirite – Journal D’études Psychologiques* de janeiro de 1858.

iniciativa do conhecimento era dos espíritos. Isto quer dizer que Kardec considerava-se tão-somente um instrumento por intermédio do qual a revelação chegaria aos homens. Entretanto, ela chegaria inevitavelmente, fosse por meio dele, fosse por meio de outro “missionário”, que a “espiritualidade” se encarregaria de preparar.

Dessa forma, podemos entender o duplo caráter atribuído por Kardec à revelação espírita: ela participa, ao mesmo tempo, da “revelação divina” e da “revelação científica”. De acordo com Arthur Conan Doyle, a invasão de espíritos – “uma invasão devidamente organizada”⁵⁰ – foi providencial: veio revelar aos homens realidades que não se teria como saber sem a iniciativa e a participação desses seres incorpóreos. Entretanto, como os homens não estão impedidos de analisar criteriosamente, mesmo esse tipo de assunto, a revelação espírita participa também da ciência:

Participa da segunda [da revelação científica], por não ser esse ensino privilégio de indivíduo algum, mas ministrado a todos do mesmo modo; por não serem os que o transmitem e os que o recebem seres *passivos*, dispensados do trabalho da observação e da pesquisa, por não renunciarem ao raciocínio e ao livre-arbítrio; porque não lhes é interdito o exame, mas, ao contrário, recomendado; enfim, porque a doutrina não foi *ditada completa, nem imposta à crença cega*; porque é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos lhe põem sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara, a fim de tirar ele próprio as ilações e aplicações. Numa palavra, *o que caracteriza a revelação espírita é o ser divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem.* [grifos do autor].⁵¹

Conforme se observa, Kardec dilata o sentido da palavra revelação. Para o autor, “[...] todas as ciências que nos fazem conhecer os mistérios da Natureza são revelações e pode dizer-se que há para a Humanidade uma revelação incessante.”⁵² O espiritismo seria, “na acepção científica da palavra”, “uma verdadeira revelação”,⁵³ pois facultou-nos conhecer o mundo invisível e as leis que o regem.⁵⁴

Kardec assinala que a especulação sobre a existência ou não da vida após a morte sempre existiu; entretanto, permanecia no campo da metafísica: embora os fatos se apresentassem, faltavam ferramentas de investigação.⁵⁵ O Codificador, todavia, do seu ponto

⁵⁰ CONAN DOYLE, Arthur. *História do espiritismo*. São Paulo: Cultrix, 1995, p. 12.

⁵¹ KARDEC, Allan. *A gênese: os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. op. cit., p. 28-29.

⁵² Idem, *ibidem*, p. 22.

⁵³ Literalmente: tirar o véu, como explica Kardec. *Ibidem*, p. 21.

⁵⁴ Idem, *ibidem*, p. 28.

⁵⁵ Kardec assevera que sempre houve comunicações com os espíritos, o que se pode divisar até na Bíblia: a anunciação do Anjo Gabriel a Maria, mãe de Jesus, por exemplo, não seria senão um espírito comunicando-se com uma “médium”; entretanto, argumenta, apegados à superstição, entre outros escolhos, os homens não souberam apurar devidamente esse “fato da natureza”. Confirma algumas passagens nesse sentido em *A gênese*. op. cit.

de vista, conseguiu manter contato com seres que não pertenciam mais à vida corpórea, o que se deu por meio dos médiuns. Assim, da mesma forma que o microscópio trazia ao conhecimento do homem seres microbianos, outrora insuspeitos, os médiuns, por sua vez, permitiam o conhecimento do mundo imaterial. Tratava-se do mesmo tipo de verificação, posto que os médiuns, como os microscópios, eram apenas instrumentos, meios de acessar uma realidade inescrutável sem o auxílio destes. Foi tendo alcance a esse mundo, portanto, que o espiritismo fez da existência dos espíritos mais do que uma crença, mas uma ciência; como muitas que se especializavam naquele século, assevera Kardec.

Segundo Kardec, nenhuma teoria foi preconcebida; ante os fenômenos espíritos perguntava-se: será fraude? Será efeito de magnetismo ou força desconhecida? Será algum efeito anímico? Será telepatia? E dessa forma avançava até a teoria mais plausível:

Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental. Fatos novos se apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; depois, deduz-lhes as conseqüências e busca as aplicações úteis. *Não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida*; assim, não apresentou como hipóteses a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem qualquer dos princípios da doutrina; concluiu pela existência dos Espíritos, quando essa existência ressaltou evidente da observação dos fatos, procedendo de igual maneira quanto aos outros princípios. Não foram os fatos que vieram *a posteriori* confirmar a teoria: a teoria é que veio subseqüentemente explicar e resumir os fatos. É, pois, rigorosamente exato dizer-se que o Espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação. As ciências só fizeram progressos importantes depois que seus estudos se basearam sobre o método experimental; até então, acreditou-se que esse método também só era aplicável à matéria, ao passo que o é também às coisas metafísicas.⁵⁶ [grifos do autor]

Assim chegamos à definição dada por Kardec ao espiritismo: uma “ciência de observação” e, ao mesmo tempo, uma “doutrina filosófica”: “[...] como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os espíritos; como filosofia, compreende todas as conseqüências morais que dimanam dessas mesmas relações”.⁵⁷

A ênfase que Kardec atribuía à observação e o fato de sublinhá-la em suas obras não eram fortuitos. O século XIX foi marcado por uma crença muito forte no poder da observação, que seria tanto mais refinada quanto mais fiel fosse aos fatos. Foi Auguste Comte quem melhor exprimiu o espírito dessa época:

⁵⁶ KARDEC, Allan. *A gênese: os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. op. cit., p. 29-30.

⁵⁷ Idem. *O que é o espiritismo*. op. cit., p. 50. No que se refere ao objeto de estudo, “O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal”. Idem, *ibidem*.

De agora em diante o espírito humano renuncia de vez às pesquisas absolutas, que só convinham à sua infância. Circunscreve seus esforços ao domínio, que agora progride rapidamente, da verdadeira observação, única base possível de conhecimentos verdadeiramente acessíveis, sabiamente adaptados às nossas necessidades reais. [...] Reconhece de agora em diante, como *regra fundamental*, que toda proposição que não seja estritamente redutível ao simples *enunciado de um fato*, particular ou geral, não pode oferecer nenhum sentido real e inteligível. Os princípios que emprega são apenas *fatos verdadeiros*... A pura *imaginação* perde assim, irrevogavelmente, sua antiga supremacia e *se subordina necessariamente à observação* [...] ⁵⁸ [grifos do autor].

Kardec alega que seriam necessárias muitas sessões de observação para se formar uma convicção a respeito dos fenômenos mediúnicos, pois ele próprio, conforme assegura, precisou de “[...] mais de um ano de trabalho para ficar convencido”.⁵⁹ Ousar tirar uma conclusão peremptória sobre o espiritismo, portanto, servindo-se de algumas poucas “sessões mediúnicas”, seria o mesmo que escrever um livro de Astronomia manejando “uma ou duas vezes” uma luneta, compara o Codificador.⁶⁰

Quanto à natureza, esses fenômenos, ou fatos, foram classificados por ele em *espontâneos* ou *provocados*:

Entre os primeiros estão as visões e as aparições, tão freqüentes; os ruídos, barulhos e movimentações de objetos, sem causa material, e grande número de efeitos insólitos que olhávamos como sobrenaturais e hoje nos parecem simples, porque não admitimos o sobrenatural, visto como tudo se submete às leis imutáveis da Natureza. Os fatos provocados são os obtidos por intermédio de médiuns.⁶¹

Entretanto, esses fatos, ou fenômenos, analisados pela “Ciência Espírita”, mesmo os provocados, possuem uma peculiaridade que os diferem dos das Ciências Exatas: enquanto os fenômenos produzidos por estas têm forças materiais por agentes, os produzidos por aquela têm inteligências dotadas de independência, de livre-arbítrio; daí, portanto, a razão de que “[...] nunca se é senhor de produzir os fenômenos espíritas à vontade, e que as inteligências desses agentes fazem, muitas vezes, frustrarem-se todas as nossas previsões.”⁶² Não podendo submeter esses agentes aos processos de laboratório, era preciso, pois, “[...] se colocar nas condições necessárias para os poder observar”.⁶³ Lançando mão de uma analogia, como é de seu costume, Kardec compara a condição de um observador dos fenômenos espíritas com a de

⁵⁸ Apud ALVES, Rubem. *Filosofia da Ciência – introdução ao jogo e sua regras*. 21. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 154.

⁵⁹ KARDEC, Allan. *O que é o espiritismo*. op. cit., p. 52.

⁶⁰ Idem, ibidem, p. 56.

⁶¹ Idem, ibidem, p. 82.

⁶² Idem, ibidem, p. 64.

⁶³ Idem, ibidem, p.150.

um “naturalista”⁶⁴ estudioso dos hábitos de um animal: a postos, ele espera as manifestações espontâneas do espécime, “colhendo-as”⁶⁵ de passagem.

A questão do método é sem dúvida determinante para o resultado da pesquisa. Rubem Alves, valendo-se de uma analogia motivada por Novalis,⁶⁶ argumenta que, da mesma forma como os anzóis predeterminam o resultado da pescaria, os métodos predeterminam o resultado da pesquisa, já que eles são preparados, antecipadamente, para “pegar” aquilo que se deseja. A esse respeito, Alvim Goudner argumenta:

Encarada sob uma certa perspectiva, a “metodologia” parece uma questão puramente técnica, sem nenhuma relação com a ideologia; pressupõe-se que ela tem a ver apenas com métodos para extrair informações fidedignas do mundo, métodos para coligir dados, construir questionários, amostragens e analisar os resultados. Entretanto, ela é sempre muito mais do que isto, pois comumente está carregada de pressuposições que todos aceitam.⁶⁷

Os cientistas, portanto, de com Kardec, se quisessem captar os fenômenos mediúnicos, haveriam de abrir mão da metodologia de laboratório. Não poderiam submeter os espíritos, que agem conforme o próprio alvedrio, de maneira semelhante a que é submetida uma “pilha voltaica”.⁶⁸ O objeto da “ciência espírita” não é de uma “rotina” comum ao das – mais tarde denominadas – ciências exatas.

No entanto, não era só com a metodologia que Kardec se preocupava. Para ele, muitos de seus pares, homens de ciência, tinham idéias preconcebidas que atrapalhavam a pura observação. Dentre eles, os materialistas constituíam-se os mais avessos a qualquer idéia nova; logo, combateu, até o fim de seus dias, a posição empedernida deles. Em seguida vinham os céticos, que tinham ao menos a virtude de não demover os que crêem – seja no espiritismo, seja no espiritualismo⁶⁹ –, já que, diversamente dos materialistas, não tinham nenhuma doutrina deletéria a propugnar. Assim, Kardec assegurava que:

⁶⁴ O século XIX notabilizou-se como o século das especializações e dos limites entre as áreas de conhecimento. As então denominadas *ciências naturais* participaram desse período de especialização, alcançando, aliás, uma valorização inaudita, sendo a biologia, a partir da teoria da evolução, o grande modelo de análise. Os naturalistas, a que Kardec se refere, viriam a desmembrar as ciências naturais em biologia, botânica e zoologia. SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. op. cit., p. 29-30.

⁶⁵ KARDEC, Allan. *O que o espiritismo*. op. cit., p. 78.

⁶⁶ “Teorias são redes; somente aqueles que as lançam pescarão alguma coisa” apud ALVES, Rubem. *Filosofia da Ciência – introdução ao jogo e suas regras*. op. cit., p. 93.

⁶⁷ Alvim Goudner apud idem, *ibidem*, p. 107.

⁶⁸ KARDEC, Allan. *O que o espiritismo*. op. cit., p. 78.

⁶⁹ Kardec criou o termo *Espiritismo* para diferenciar do *Espiritualismo*, vocábulo já existente, que expressava, segundo ele, a crença em algo além da matéria; nesse sentido, qualquer doutrina que defendesse a idéia de alma, de vida após a morte, seria, *ipso facto*, espiritualista. Ver KARDEC, Allan. *O livro dos Espíritos*. op. cit. Kardec preocupava-se sobretudo com a posição dos materialistas, pois provocavam a descrença na sociedade, contribuindo – usando o termo de seu compatriota Durkheim – com a *anomia*.

As provas abundam para o observador assíduo e refletido: uma palavra, um fato aparentemente insignificante, é para ele um raio de luz, uma confirmação; ao passo que tais fatos não têm sentido para quem os observa superficialmente ou por simples curiosidade [...] ⁷⁰

[...] ora, há cépticos que negam até a evidência e aos quais os próprios prodígios não convenceriam.

Quantos deles, depois de haverem visto, não persistem ainda em explicar os fatos a seu modo, dizendo que o que viram nada prova? ⁷¹

Os fatos, por si só, como podemos depreender, não “falariam” – pelo menos não para aqueles que não quisessem “ouvir”. ⁷² Dessa forma, os candidatos à captura dos fugazes fenômenos espíritas deveriam, primeiro, iniciar-se no paradigma espírita; era preciso instruir-se “primeiramente pela teoria”, como reiterava:

[...] lede e meditai as obras que tratam dessa ciência; nelas aprendereis os princípios, encontrareis a descrição de todos os fenômenos, compreendereis a possibilidade deles pela explicação que elas vos darão, e, pela narrativa de grande número de fatos espontâneos de que pudestes ser testemunha sem os compreender, mas que vos voltarão à memória, vós vos fortificareis contra todas as dificuldades que possam surgir e formareis, desse modo, uma primeira convicção moral. Então, quando se vos apresentar a ocasião de observar ou operar pessoalmente, compreendereis, qualquer que seja a ordem em que os fatos se mostrem, porque nada vereis de estranho. ⁷³

O que Kardec não havia considerado, assim como os “homens de ciência” de seu tempo, é que da observação para a teoria há um *salto*. Como Hume já aludira: “Em todos os raciocínios derivados da experiência, existe um passo dado pela mente que não é apoiado por nenhum argumento ou processo de entendimento”, ⁷⁴ explicando melhor: “A observação sugere mas não dá resposta. É necessário imaginação.” ⁷⁵ A observação sozinha fica apenas no nível da descrição – algo que Auguste Comte propôs, mas que muitos contemporâneos não acataram. Os fatos, em si mesmos, não oferecem sua própria iluminação, eles precisam de interpretação. Assim, a lógica, não sendo um dado, tem de ser construída mentalmente.

Ao estabelecer como condição, aos neófitos na doutrina, a iniciação primeiro na teoria, para então serem capazes de “capturar” os fenômenos espíritas, Kardec faz exatamente – talvez sem o saber – o que se faz na “ciência normal”, ⁷⁶ ou seja, iniciar os observadores no

⁷⁰ KARDEC, Allan. *O que o espiritismo*. op. cit., p. 63.

⁷¹ Idem, *ibidem*, p. 87.

⁷² Idem, *ibidem*, p. 151.

⁷³ Idem, *ibidem*, p. 64.

⁷⁴ ALVES, Rubem. *Filosofia da Ciência – introdução ao jogo e suas regras*. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2007, p. 52.

⁷⁵ Idem, *ibidem*, p. 31.

⁷⁶ Kuhn afirma que a ciência passa por momentos de *ciência normal* e por *períodos de crise* – que podem levar a revoluções científicas. A “[...] ‘ciência normal’ significa pesquisa firmemente baseada em uma ou mais

paradigma.⁷⁷ O que propõe como remédio ao “pré-conceito” dos céticos e materialistas, visão sem dúvida romântica, vai de encontro ao que defende, pois propõe a determinação da direção dos olhos, a partir da compreensão, primeiro, de sua hipótese.

A hipótese já determina o que buscar dentro de milhares de coisas que podem ser observadas, assim os dados são colhidos seletivamente através da observação na medida em que são relevantes às questões propostas.⁷⁸ Toda teoria inclui um pré-julgamento, um pré-juízo acerca das coisas destituídas de significação.⁷⁹ Os dados, contrariamente ao que os positivistas defendiam, só fazem sentido dentro das malhas da teoria; por si só nada explicam:

Os fatos não se organizam em conceitos e teorias se simplesmente os contemplamos. Na verdade, exceto no contexto de conceitos e teorias, não há fatos científicos mas apenas caos. Existe um fator a priori inevitável em todo trabalho científico. Perguntas devem ser levantadas antes que respostas possam ser dadas.⁸⁰

Assim, vamos para um laboratório ou campo já com um repertório de idéias anteriores aos fatos. Os resultados da investigação são fatalmente viciados de pré-conceitos.

Kardec, imbuído do espírito científicista e evolucionista da época, acreditava que o conhecimento progredia rumo à verdade incontestável, e a humanidade, à maturidade relativa, isto é, a maturidade possível neste planeta de *Provas e Expições*. Como houvera não só apurado a origem excelsa de muitos espíritos engajados na “Terceira Revelação” – por meio da sublimidade moral de suas mensagens –, como também divisado a universalidade do ensinamento que apresentavam, deu por certo que eles ajudariam a guiar a humanidade. Por isso, enquanto a maioria fiava-se simplesmente no poder da razão, Kardec acreditava no funcionamento da providência. A evolução era um fato não somente porque a ciência caminhava celeremente, mas porque estava na ordem da providência.⁸¹

realizações científicas passadas. Essas realizações são reconhecidas durante algum tempo por alguma comunidade científica específica como proporcionando os fundamentos para sua prática posterior.” KUHN, Thomas. *A Estrutura das revoluções científicas*. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 29. Uma ciência em seu estado *normal* é dirigida por um paradigma, que determina os padrões para o trabalho legítimo dentro da ciência normal que governa. A existência de um paradigma capaz de sustentar uma tradição de *ciência normal* é a característica que distingue a ciência normal da *não-ciência*, ou seja, a existência do paradigma é condição indispensável para a caracterização de uma ciência.

⁷⁷ O conceito de paradigma é um pouco controvertido, posto que Kuhn o emprega, em sentido geral, como *exemplar*; no entanto, posteriormente, em seu pós-escrito à edição de 1970, distingue esse sentido geral e passa a utilizá-lo como *matriz disciplinar*. Contudo, pode-se afirmar que os paradigmas representam conjuntos de conceitos fundamentais que, num dado momento, determinam o caráter da descoberta científica. KUHN, Thomas. *A Estrutura das revoluções científicas*. op. cit., 2006.

⁷⁸ ALVES, Rubem. *Filosofia da Ciência – introdução ao jogo e sua regras*. 21. ed. op. cit., p. 88.

⁷⁹ Idem, *ibidem*, p. 94.

⁸⁰ Gunnar Myrdal apud idem, *ibidem*, p. 110.

⁸¹ Neste ponto, nota-se um Kardec menos científicista/evolucionista e mais inclinado à noção cristã de Providência, que rege a marcha das coisas.

1.4 Caráter de progressividade da pesquisa

“Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.”

(Kardec)

Kardec afirmou, a respeito do espiritismo, que muitas coisas ainda haviam de ser descobertas; e outras, possivelmente, reformadas, sem prejuízo da doutrina como um todo – o que confere enorme *elasticidade* ao paradigma. Obedecendo a esse princípio, Kardec considerou algumas idéias, trazidas pelos espíritos, como meras possibilidades – pois, apesar de coerentes, ou apresentavam mais de uma solução ou careciam de fatos apreciáveis –, retificou uma hipótese por ele elaborada, e ainda relegou outras informações, também trazidas por espíritos, a uma espécie de “limbo”.

Como um exemplo de teoria ditada por espíritos, mas considerada por Kardec como pouco admissível, há a da “formação da Terra por incrustação”, *i.e.*, pela incrustação de vários corpos planetários. Mesmo sendo apresentada por mais de um espírito, e em mais de uma época, ela não recebe o assentimento de Kardec. Assinalando o fato de que esta teoria não era a única oferecida pelos espíritos, Kardec havia comentado:

Isso nos prova que, fora da moral, que não pode ter duas interpretações, só devem aceitar as teorias científicas dos Espíritos com a maior reserva, porque, repito-o, eles não estão encarregados de nos trazer a ciência totalmente elaborada; estão longe de tudo saber, máxime no que respeita ao princípio das coisas; enfim, é preciso desconfiar das idéias sistemáticas que alguns dentre eles buscam fazer que prevaleçam, e às quais não têm nem mesmo o escrúpulo de dar uma origem divina.⁸²

Kardec assegurava que era sobretudo com as teorias científicas que se deveria agir com máxima prudência, não as apresentando apressadamente como verdades. Se demonstrassem lógica, deveriam ser consideradas, ainda assim, como meras possibilidades, servindo como base para observações ulteriores. Mas era preciso abster-se de tomá-las como axioma, que poderia vir a receber, mais tarde, desmentido oficial.

Uma questão, como afirmamos, chegou mesmo a ser retificada. Acompanhemos esse caso de reparação de uma teoria, remontando-nos cronologicamente às publicações de Kardec. Em *O Livro dos Médiuns*, de 1857, o Codificador assegura não existir o fenômeno de

⁸² KARDEC, Allan. Formação da Terra – Teoria da incrustação planetária. *Revista Espírita*. op. cit., p. 347. Tradução da *Revue Spirite – Journal D'études Psychologiques* de abril 1860.

possessão. No item 473, do capítulo intitulado *Possessos*, escreve:

Pode um Espírito tomar temporariamente o invólucro corporal de uma pessoa viva, isto é, introduzir-se num corpo animado e obrar em lugar do outro que se acha encarnado neste corpo?

“O Espírito não entra em um corpo como entras numa casa. Identifica-se com um Espírito encarnado, cujos defeitos e qualidades sejam os mesmos que os seus, a fim de obrar conjuntamente com ele. Mas, o encarnado é sempre quem atua, conforme quer, sobre a matéria de que se acha revestido. Um Espírito não pode substituir-se ao que está encarnado, por isso que este terá que permanecer ligado ao seu corpo até ao termo fixado para sua existência material.”⁸³

Para dirimir quaisquer dúvidas residuais, Kardec escreve na *Revista Espírita* de outubro de 1858:

Antigamente dava-se o nome de *possessão* ao império exercido pelos maus Espíritos, quando sua influência ia até a aberração das faculdades. Mas a ignorância e os preconceitos, muitas vezes, tomaram como *possessão*, aquilo que não passava de um estado patológico. Para nós, a *possessão* seria sinônimo de *subjugação*. Não adotamos esse termo [...] porque ele implica igualmente a idéia de tomada de posse do corpo pelo Espírito estranho, uma espécie de coabitação ao passo que existe apenas uma ligação. O vocábulo *subjugação* dá uma idéia perfeita. Assim, para nós, não há *possessos*, no sentido vulgar da palavra; há simplesmente *obsedados*, *subjugados* e *fascinados*.⁸⁴

Entretanto, em abril de 1862, Kardec retoma a discussão na *Revista Espírita*, ao se informar de uma “epidemia demoníaca em Savoie”,⁸⁵ na comuna de Morzine, distrito de Thonon, França. Um membro da Sociedade Parisiense, tendo observado o fenômeno, endereça à *Revista Espírita* um relato em que diz: “Todos esses infelizes obsidiados pronunciam, em suas crises, palavras obscenas; dão pulos prodigiosos acima das mesas, sobem nas árvores, nos tetos, e profetizam, às vezes.”⁸⁶ Intrigado, Kardec decide acompanhar de perto a epidemia de *possessos* em Morzine. Depois de observar vários pacientes e estudar detidamente um caso, o da senhorita Julie, Kardec sofre uma total inflexão em seu conceito de *possessão*.

Temos dito que não havia *possessos*, no sentido vulgar do vocábulo, mas *subjugados*. Voltamos a esta asserção absoluta, porque agora nos é demonstrado, que pode haver verdadeira *possessão*, isto é, substituição, posto que parcial, de um Espírito errante a um encarnado. [...] Não vendo senão o efeito, e não remontando à

⁸³ KARDEC, Allan. *O livro dos Espíritos*. op. cit., p. 310.

⁸⁴ Idem. *Obsedados e subjugados*. *Revista Espírita*. op. cit. Tradução da *Revue Spirite – Journal D’études Psychologiques* de outubro de 1858.

⁸⁵ Título de um artigo publicado por Kardec na *Revista Espírita*. op. cit., p. 8. Tradução da *Revue Spirite – Journal D’études Psychologiques* de abril de 1862.

⁸⁶ Idem, *ibidem*, p. 9.

causa, eis porque todos os obsedados, subjugados e possessos passam por loucos. [...] Eis um primeiro fato, que o prova, e apresenta o fenômeno em toda a sua simplicidade.⁸⁷

Dessa forma, já na sua obra *A Gênese*, escreve:

Na possessão, em vez de agir exteriormente, o Espírito atuante se substitui, por assim dizer, ao Espírito encarnado; toma-lhe o corpo para domicílio, sem que este, no entanto, seja abandonado pelo seu dono, pois que isso só se pode dar pela morte. A possessão, conseqüentemente, é sempre temporária e intermitente, porque um Espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar de um encarnado, pela razão de que a união molecular do perispírito e do corpo só se pode operar no momento da concepção.⁸⁸

E prossegue: “Quando é mau o Espírito possessor, as coisas se passam de outro modo. Ele não toma moderadamente o corpo do encarnado, arrebatá-lo, se este não possui bastante *força moral para lhe resistir*.”⁸⁹ [grifo do autor].

Um exemplo de teoria, retomando nossas próprias palavras, relegada ao “limbo” é o da vida em Júpiter. Referências entusiásticas a espíritos mais desenvolvidos encarnados em tal planeta são encontradas em alguns artigos da *Revista Espírita*; entretanto, essa questão, que a princípio parecia tão importante, é relegada ao esquecimento, não chegando a figurar no (mais tarde cognominado) “Pentateuco Espírita”, isto é, nas obras primaciais da doutrina.

Vê-se que Kardec vai construindo seus argumentos à medida que os fatos se lhe vão apresentando; por isso o Codificador afiança que, como na ciência comum, suas hipóteses podem ser corrigidas ou mesmo refutadas, sem o comprometimento da estrutura da ciência espírita como um todo. Novas questões poderiam vir a fazer parte da codificação, outras – deixadas em aberto –, ser resolvidas com o avanço da ciência.

1.5 Kardec e Darwin

Na *Revista Espírita* era comum se comentar artigos de jornais, obras literárias, filosóficas e científicas à luz do espiritismo. Algumas teorias em evidência naquela época influenciaram bastante o Codificador, a ponto de participar do “Pentateuco Espírita”, após ensaios nessa revista.

É o que parece ter ocorrido, por exemplo, com a teoria de Darwin, publicada em

⁸⁷ KARDEC, Allan. Um caso de possessão. Senhorita Julie. *Revista Espírita*. op. cit., p. 11. Tradução da *Revue Spirite – Journal D’études Psychologiques* de dezembro de 1863.

⁸⁸ Idem. *A gênese: os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. op. cit., p. 390.

⁸⁹ Idem, *ibidem*, p. 391.

novembro de 1859. Em sua célebre obra, *A Origem das Espécies*,⁹⁰ o naturalista britânico apresentou a teoria de que todo ser vivo está sujeito a constantes mutações e que todas as formas de vida teriam se desenvolvido por meio da *seleção natural*. De acordo com o cientista, o meio ambiente, ao selecionar os mais aptos, faz com que sejam transmitidas à geração subsequente as diferenças que facilitam a sobrevivência; os menos dotados, por sua vez, acabam por ser extintos. Ao longo das gerações, essas características darão origem a uma nova espécie. O aparecimento do Homem, dessa maneira, seria o produto de um lento processo de evolução, iniciado há bilhões de anos com organismos unicelulares. O último elo nessa imensa cadeia evolutiva, antes do “Homo Sapiens,” teria sido os “símios antropóides”.

Cientistas e religiosos reagiram, incontinente, às idéias de Darwin. Muitos alegavam ser uma arrematada tolice a idéia de “descender dos macacos”, enquanto outros imputavam a Darwin a alcunha de “trocista”, de um “homem sem Deus”.

Allan Kardec, entretanto, parece não ter desprezado as argumentações de Darwin – nem dos coevos que lhe compartilhavam algumas idéias semelhantes acerca da evolução das espécies. Em sua obra, *A Gênese*,⁹¹ publicada em 1868 – nove anos após a publicação de *A origem das Espécies* –, admite a hipótese de uma evolução das “formas físicas” em conformidade com a evolução espiritual. Na seção intitulada *Hipótese sobre a Origem do Corpo Humano*, Kardec alega:

Da semelhança, que há, de formas exteriores entre o corpo do homem e do macaco, concluíram alguns fisiologistas que o primeiro é apenas uma transformação do segundo. Nada aí há de impossível, nem o que, se assim for, afete a dignidade do homem. Bem pode dar-se que corpos de macaco tenham servido de vestidura dos primeiros espíritos humanos, forçosamente pouco adiantados, que viessem encarnar na Terra, sendo essa vestidura mais apropriada às suas necessidades e mais adequadas ao exercício de suas faculdades, do que o corpo de qualquer outro animal. Em vez de se fazer para o espírito um invólucro especial, ele teria achado um já pronto. Vestiu-se então da pele de macaco, sem deixar de ser espírito humano, como o homem não raro se reveste da pele de certos animais, sem deixar de ser homem.⁹²

Como se pode observar, Kardec acolhe a possibilidade da evolução das “formas exteriores”, outorgando-a, porém, um novo sentido. A “vestidura”, isto é, o corpo, serve aos imperativos do espírito, assim ele deve ser o mais apropriado para o seu nível de evolução, de modo que quanto mais rude o espírito, tanto será o corpo físico que o abrigará. Para Kardec, o

⁹⁰ *On the origin of species by means of natural selection or the preservation of favoured races in the struggle for life* – título que resume, praticamente, a teoria.

⁹¹ *A gênese: os milagres e as predições segundo o Espiritismo* (op.cit.), obra que vendeu muito logo após o lançamento, foi bastante trabalhada. Ela teve três edições: a primeira em 6 de janeiro de 1868; a segunda em fevereiro de 1868 e a terceira em março de 1868 – um ano antes de sua morte.

⁹² KARDEC, Allan. *A gênese: os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. op. cit., p. 212.

espírito humano seria um produto decorrente de um longo processo de evolução do chamado *princípio inteligente*, que percorreria necessariamente variados estágios antes de chegar ao nível da alma humana.

As idéias de Darwin renderam renhidas discussões em sua época, pois, afinal, contrariavam dogmas bíblicos e desmentiam autoridades científicas. Quanto à carga valorativa que se pudesse atribuir à idéia de um “parentesco” com os símios, Kardec divergia de muitos de seus contemporâneos, já que, para ele, isso em nada afetaria a “dignidade do homem”.⁹³ Diante de calorosas alterações como essas, Kardec advertia:

Deveríamos, por respeito aos textos vistos como sagrados, impor silêncio à Ciência? Isso seria algo tão impossível quanto impedir a Terra de girar. As religiões, quaisquer que sejam, jamais ganharam coisa alguma sustentando erros evidentes. A missão da Ciência é descobrir as leis da natureza, ora, como essas leis são obras de Deus, elas não podem ser contrárias às religiões fundadas sobre a verdade. [...] Condenar o progresso, como atentatório à religião, é ir contra a vontade de Deus, sendo, por outro lado, trabalho inútil, uma vez que todas as maldições do mundo não impedirão que a Ciência avance, e que a verdade apareça. Se a religião se recusa a avançar com a Ciência, a Ciência avançará sozinha.⁹⁴

Em junho de 1869, na *Revista Espírita*, é publicado ainda um artigo do engenheiro Emile Barbault, comentando a obra *A religião e a política na sociedade moderna*, possivelmente de 1867, cujo autor é Frédéric Herrensneider – antigo sansimonista que depois se tornou espírita. Eis um trecho do artigo:

Como se vê, o autor adota os princípios científicos do progresso dos seres, emitidos por Lamarck, *Geoffroy Saint-Hilaire*, e *Darwin*, com esta diferença de que a ação moderadora das formas e dos órgãos animais não é mais somente o resultado da seleção e da concorrência vital, mas é também, e sobretudo, o efeito da ação inteligente do espírito animal, modificando incessantemente as formas e a matéria, que ele reveste para realizar uma apropriação mais conforme com a experiência que adquiriu.⁹⁵

Vê-se, pois, que muitas obras contemporâneas, não apenas científicas – como as de Lamarck, Saint-Hilaire e Darwin –, mas também filosóficas, eram tidas em alta conta por Kardec e seus confrades. Depois de submetidas à lógica espírita, muitas idéias entrariam na Codificação. Ao avanço do conhecimento, especialmente no que dizia respeito à controvertida “Teoria da evolução das espécies”, Kardec era enfático: o “[...] Espiritismo, longe de temer as descobertas da Ciência e o seu positivismo, lhe vai ao encontro e os provoca, por possuir a

⁹³ KARDEC, Allan. *A gênese: os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. op. cit., p. 270.

⁹⁴ Idem, ibidem, p. 77.

⁹⁵ BARBAULT, Emile. Notícias bibliográficas – A religião e a política na sociedade moderna. *Revista Espírita*. op. cit., p. 17. Tradução da *Revue Spirite – Journal D’études Psychologiques* de junho de 1868.

certeza de que o princípio espiritual, que tem *existência própria*, em nada pode com elas sofrer.”⁹⁶ [grifo do autor].

1.6 Da autoridade dos espíritos

“No mundo invisível, como na Terra, não faltam escritores, mas os bons escritores são raros”.

(Allan Kardec)

Em seu tratado de mediunidade, *O livro dos médiuns*, Kardec traça um roteiro de como proceder com os espíritos e tirar o máximo proveito das comunicações. Entre outras ações, ele esmiúça todas as variedades de manifestações mediúnicas, discorre sobre todos os diferentes meios de comunicação com os espíritos e analisa a maneira de desenvolver, naqueles que trazem disposição orgânica, a mediunidade.

O que destacamos nessa obra, porém, diz respeito à autoridade que se possa atribuir às mensagens dos espíritos.⁹⁷ Kardec explica que eles, não sendo mais do que as almas dos homens, trazem consigo imperfeições e virtudes. Logo, é normal se verifique, além da pertinência, a veracidade das mensagens. Tomadas como “opiniões pessoais”, as informações só serão aceitas ou descartadas depois de submetidas ao “controle da lógica e dos meios de investigação [...] fornecidos pela própria ciência espírita”.⁹⁸ Daí a necessidade de dialogar com vários espíritos, para divisar se entre eles há consenso a respeito das mensagens postas em questão.⁹⁹

Kardec esclarece ainda que, ao homem, “*Os Espíritos não ensinam senão justamente o que é mister para guiá-lo no caminho da verdade, mas abstêm-se de revelar o que [...] [ele]*

⁹⁶ KARDEC, Allan. *A gênese: os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. op. cit., p. 260-261.

⁹⁷ Tratada também em *Os Livros dos Espíritos*. op. cit. e outros.

⁹⁸ Kardec apud WANTUIL, Zeus; THIESEN, Francisco. *Allan Kardec: o educador e o codificador*. op. cit., p. 344.

⁹⁹ Kardec concitava os espíritos a fazer largo uso da evocação, desde que observados certos cuidados. Não é à toa que na página de rosto do livro em que trata deste e de outros assuntos relativos à mediunidade, a saber, *O livro dos Médiuns*, lê-se: “Espiritismo experimental – O livro dos médiuns ou guia dos médiuns e dos evocadores” (*Spiritisme experimental – Le livre des médiums ou guide des médiums et des évocateurs*, no original). A evocação de toda sorte de espíritos era uma prática constante na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos a fim de, entre outros propósitos, submeter questões à universalidade dos espíritos. Francisco Cândido Xavier, no tocante a esse assunto, teria dito: “o telefone só toca de lá pra cá”; frase que vem sendo constantemente reiterada por inúmeros palestrantes espíritos, dada a prática que parece ter se estabelecido tacitamente no Brasil, qual seja, a de não evocar, senão em casos muito especiais. (Em tempo: sabemos do *pré-juízo* de não especificarmos o contexto em que Francisco Cândido Xavier a proferiu, entretanto, o que nos interessa é a sua reiteração em circunstâncias diversas Brasil afora). Curiosamente, a tradução de Herculano Pires da obra *supra* traz, no lugar do vocábulo *evocador*, a palavra *doutrinador*, mudando totalmente o significado do original – o que não ocorre em outras traduções. Uma das questões que parece estar relacionada à evocação dos espíritos atualmente talvez seja a de um certo sentido religioso para o qual deslizou a prática utilizada por Kardec. Enquanto ele perquiria toda sorte de espíritos, sondando-lhes variados assuntos, no Brasil os espíritos parecem restringir-se à doutrinação e à deferência. Aos “frívolos”, a doutrinação; aos “superiores”, a deferência, isenta de questionamentos.

pode descobrir por si mesmo".¹⁰⁰ [grifos do autor]. A Providência divina incumbiu ao próprio homem o desenvolvimento da inteligência e da moral; deve ele, portanto, submeter tudo ao escrutínio da razão. Caso os espíritos trouxessem a "ciência já feita",¹⁰¹ prossegue Kardec, "todo ignorante podia tornar-se sábio sem estudar, todo preguiçoso ficar rico sem trabalhar".¹⁰²

Kardec observa ainda que, assim como ocorre entre os encarnados, também entre os espíritos há aqueles que são mais esclarecidos:

Quanto aos Espíritos esclarecidos, esses nos **ensinam**, muito, porém sempre nos limites do possível; nunca lhes perguntemos o que eles não podem ou não devem revelar; contentemo-nos com o que nos **dizem**; querer ir além é **sujeitarmo-nos** às manifestações dos Espíritos frívolos, sempre dispostos a falar de tudo.¹⁰³ [grifos do autor].

Um exemplo dado por Kardec de como os "espíritos superiores" não se antecipam àquilo que pode ser depreendido pelo próprio homem, através da observação, é o que se passa com certos espíritos após o desencarne. Há alguns que desconhecem a própria condição de desencarnados, isto é, julgam viver ainda a vida terrestre, conservando gostos, costumes e instintos – situação que pode demorar semanas, meses ou anos. Segundo Kardec, foi a observação de vários casos semelhantes – provocados, no entanto, pelos espíritos superiores – que lhe possibilitou a conclusão. "Foi assim que a teoria nasceu da observação":¹⁰⁴ à maneira de um naturalista, foi "espreitando e deixando a natureza agir" que Kardec conseguiu "flagrar" tal fenômeno, segundo relata, prescindindo de uma explicação antecipadamente ditada pelos espíritos.

1.7 Os tempos são chegados

"On résiste à l'invasion des armées; on ne résiste pas à l'invasion des idées."

(Victor Hugo)

Consentâneo ao determinismo peculiar à época de Kardec, em especial a sua doutrina, o próprio aparecimento da codificação naquele contexto não fora casual. Mais do que simples contingência, naquele momento de grandes transformações, as revelações dos espíritos aguardavam o tempo certo para se fazerem inteligíveis e se perpetuarem. Neste sentido, a

¹⁰⁰ KARDEC, Allan. *A gênese: os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. op. cit., p. 51.

¹⁰¹ Idem. *O que é o Espiritismo*. op. cit., p. 109.

¹⁰² Idem, ibidem, p. 169.

¹⁰³ Idem, ibidem, p. 119.

¹⁰⁴ Idem. *A gênese: os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. op. cit., p. 30.

Humanidade, na época de Kardec, teria progredido intelectual e moralmente, reunindo condições para o entendimento da “Boa Nova”. O espiritismo seria “O Espírito da Verdade”, o “Consolador”, que Cristo anunciara, entendia Kardec.¹⁰⁵

Na realidade, argumentavam os espíritos, Cristo sabia que a Humanidade passaria por diversas fases de experiências, de sofrimentos e de imposições do atraso e da ignorância, fatores que não permitiriam a recepção e a permanência do “Consolador prometido”. Sem o desenvolvimento do conhecimento de “verdades eternas”; sem uma maior justiça nas organizações sociais; e, sobretudo, sem a conquista das liberdades de pensamento, de expressão e de reunião, as “idéias superiores” não encontrariam meios e formas de se firmarem em um mundo “atrasado”, de “provas e expiações”.¹⁰⁶

A “Espiritualidade Superior” aguardou o momento adequado para o cumprimento da promessa do envio do “Consolador”.¹⁰⁷ Entendia-se que, se tivesse vindo antes da época oportuna, não teria sobrevivido às perseguições e imposições dos detentores dos poderes governamentais e religiosos, aliados entre si:

Mais cedo, ter-se-ia chocado contra o materialismo todo-poderoso; em tempo mais recuado, teria sido sufocado pelo fanatismo cego. Apresenta-nos no momento em que o fanatismo, aniquilado pela incredulidade que ele mesmo provocou, não mais lhe pode opor uma barreira séria, e em que se está fatigado do vazio deixado pelo materialismo; apresenta-se no momento em que a reação espiritualista, provocada pelos próprios excessos do materialismo, se apodera de todos os espíritos, em que se está à procura das grandes soluções que interessam o futuro da Humanidade. É, pois, nesse momento que o Espiritismo vem resolver esses problemas, não por hipóteses, mas por provas efetivas, dando ao Espiritualismo caráter positivo, o único que convêm à nossa época.¹⁰⁸

Dentro dessa reflexão teleológica, a França já havia reunido condições para receber o “Espírito da Verdade”, prometido pelo próprio Jesus. Todas as etapas pelas quais passou a humanidade seriam estágios preparatórios para a recepção da doutrina. Não seria acaso, então, o nascimento de Kardec na França naquele tempo. Nem fortuitas as encarnações de grandes nomes da filosofia e da ciência até aquele momento, que, muito mais do que influenciadores do pensamento de Kardec, seriam “espíritos missionários”, colaboradores para o

¹⁰⁵ SOUZA, Juvanir Borges de. A vinda do Consolador. *O Reformador*. Brasília: FEB, n. 2.113, abr. 2005, p. 5-7.

¹⁰⁶ Idem, *ibidem*.

¹⁰⁷ Idem, *ibidem*.

¹⁰⁸ Kardec apud WANTUIL, Zeus; THIESEN, Francisco. *Allan Kardec: o educador e o codificador*. op. cit., p. 337. Kardec assevera que em todos os tempos e lugares existiram comunicações com os espíritos. No entanto, naquela época, além de terem se vulgarizado, elas “ganham foros de verdade incontestável”, “despojando-se do misticismo” que as acompanhavam, de acordo com os argumentos de Wantuil e Thiesen. Idem, *ibidem*.

entendimento futuro da “Terceira Revelação”.¹⁰⁹

O espiritismo veio, portanto, em uma “época em que o homem está maduro para compreendê-lo, [para] completar e explicar o que o Cristo propositadamente não fez senão tocar, ou não disse senão sob a forma alegórica.”¹¹⁰ Uma época marcada pelo “livre pensamento”, que:

Em sua concepção mais larga, [...] significa: livre exame, liberdade de consciência, fé raciocinada. Simboliza a emancipação intelectual, a independência moral, complemento da independência física. Não quer mais escravos do pensamento, quanto não os quer do corpo, porque o que caracteriza o livre pensador é que pensa por si mesmo e não pelos outros; em outros termos, sua opinião lhe é própria. Assim, pode haver livres pensadores em todas as opiniões e em todas as crenças. Neste sentido, o livre pensamento eleva a dignidade do homem fazendo dele um ser ativo, inteligente, em vez de uma “máquina de crer”.¹¹¹

Dentro desse viés teleológico, os médicos espíritas associados às AMEs acreditam que se vive momentos decisivos na história da medicina. Assiste-se ao limiar de uma nova era – predita e esperada pela “espiritualidade maior” –, em que os ensinamentos sobre a imortalidade da alma, sua trajetória em sucessivas encarnações e todos os requisitos para o bom êxito dessa empreitada, no que diz respeito à propedêutica e à terapêutica, serão ensinados nos cursos universitários de saúde.

¹⁰⁹ Daí, portanto, uma genealogia das idéias kardequianas sugerida por Dora Incontri, doutora em Educação (estágio pós-doutoral na USP) e articulista da Associação Brasileira de Pedagogia Espírita (ABPE): Jan Amos Comenius, Rousseau, Pestalozzi e finalmente Kardec – todos “missionários da educação”, colaboradores, de certa forma, das condições de recepção da doutrina espírita, confiada ao último, ainda que servido de vários cooperadores. Segundo a autora, o mestre de Kardec, Pestalozzi, por ela chamado de “O precursor”, “[...] em sua intuição [...] previa a vinda de um grande Espírito, que abriria novos rumos à evolução humana”. Buscando salientar sua hipótese, a pesquisadora cita em seus trabalhos uma carta escrita por Pestalozzi a um amigo, em que parafraseia João Batista: “Às vezes me parece que minha voz é como a voz que clama no deserto para preparar o caminho de alguém que virá depois de mim. É como se muitas vezes eu mesmo não soubesse o que estou fazendo e para onde estou indo”. INCONTRI, Dora. *Quem era mestre de quem?* Disponível em <http://www.pedagogiaespirita.org.br/tiki-read_article.php?articleId=30&show_comzone=y#comments> Acesso em: 21 jul. 2009.

¹¹⁰ KARDEC, Allan. *O que é o espiritismo*. op. cit., p. 145.

¹¹¹ Idem. O livre pensamento e a livre consciência. *Revista Espírita*. op. cit., p. 4. Tradução da *Revue Spirite – Journal D’études Psychologiques* de fevereiro de 1867. Essa passagem lembra-nos Kant, para quem a emancipação intelectual ou esclarecimento é um “[...] processo, de um lado, da superação da ignorância e da preguiça de pensar por conta própria e, de outro, da crítica das prevenções inculcadas nos intelectualmente menores por seus maiores”. É a saída do homem de sua menoridade, da qual é o próprio culpado. A menoridade é a incapacidade de se servir de seu próprio entendimento sem a direção de outrem, é o entendimento dirigido pela razão. A condição para ser homem é pensar por si mesmo. KANT, Immanuel. *Resposta a pergunta: Que é esclarecimento?* Textos Seletos. Tradução Floriano de Sousa Fernandes. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 63-71.

1.8 Considerações finais sobre o capítulo

Talvez seja desnecessário argumentar, sobretudo a esta altura, que não pretendíamos avaliar ou questionar os métodos empregados por Kardec. Não tínhamos em mira julgar se o método era ou não científico; se os fatos observados seriam ou não positivos; enfim, se Kardec teria feito ou não ciência. Nossa intenção foi tentar entender a metodologia de Kardec a partir de seus próprios argumentos, de suas próprias premissas, ou, como se diz amiúde em antropologia, entendê-la do “ponto de vista do nativo”. A propósito, nessas linhas finais, argumentaremos sobre a mudança ocorrida no Brasil, de um modo geral, na maneira de os espíritas lidarem com as mensagens espirituais: muitas vezes de um modo que se poderia dizer religioso e não “científico”, destoando da metodologia kardequiana, o que se verifica também entre os médicos espíritas.

Vimos reiterando implicitamente a idéia de que, para entender o processo de codificação, é imprescindível o estudo da *Revista Espírita*. Segundo Kardec, a revista serviu de “anais ao Espiritismo. É lá que todos os princípios novos [foram] elaborados e colocados em estudo.”¹¹² Assim, sem a análise desse material, fica difícil remontar os passos de Kardec, com seus avanços e recuos, e compreender seu método.

Por meio dessa revista, podemos compreender a diversidade empírica de que nos fala Kardec: correspondências, “pesquisas de campo” – como aquela realizada em Morzine –, evocações, tanto de desencarnados como de encarnados. Podemos entender, também, sua metodologia: como um naturalista, ele não só observava os fatos, mas tinha uma integração teórica, o que, aliás, ia de encontro a algumas recomendações daquela época.

No que se refere aos critérios de elaboração e teste de teorias, vimos que Kardec, frente a um novo fato, após sucessivas observações, tentava, inicialmente, explicá-lo por meio de uma teoria convencional; na inexistência de alguma teoria conhecida que se adequasse a esse fato, elaborava, por dedução, uma hipótese original, que também poderia ser fornecida pelos espíritos. Também promovia “debates” com encarnados e desencarnados, pedindo aos últimos esclarecimentos, que seriam submetidos à razão e à lógica. A lógica não é suficiente para validar uma teoria, que pode ser lógica e falsa ao mesmo tempo, por isso Kardec buscava uma adequação empírica e uma universalidade dos espíritos. Quando a concordância entre eles não era desmentida pelos fatos, mas, ao contrário, explicava o maior número deles, ela era aceita – sempre atentando, porém, para o caráter de progressividade, de possibilidade de ajustes em qualquer teoria.

¹¹² KARDEC, Allan. Obras fundamentais da doutrina. *Revista Espírita*. op. c it., p. 22. Tradução da *Revue Spirite – Journal D'études Psychologiques* de dezembro de 1868.

No Brasil, país para o qual foi transplantada a “árvore do Evangelho”,¹¹³ parece existir, entretanto, uma tendência a não se discutir a veracidade dos conteúdos das obras de “espíritos consagrados”, como Emmanuel, André Luiz e outros – além de não se questionar as próprias obras de Kardec.¹¹⁴ A importância dada sobremaneira à idéia de “revelação”, ou melhor, de “A Terceira Revelação”, tende a ratificar esta confusão, como se verá nos livros escritos pelos médicos espíritas.

Há, pelo menos, a tendência de não apurar, da maneira como fizera Kardec, a mensagem dos espíritos. Suas idéias são, não raramente, citadas em razão da autoridade destes. Kardec, no entanto, afirmava não empregar “argumento de autoridade”, ou seja, mesmo quando aceitava como bastante provável tratar-se de comunicações com “espíritos superiores”, como Santo Agostinho ou Fénelon, não utilizava o conteúdo dessas mensagens como verdades absolutas; pelo contrário, analisava-as.¹¹⁵

É curioso notar que a primeira tradução, no Brasil, da *Revista Espírita* tenha sido feita muitos anos depois do lançamento de seu primeiro volume na França, procedendo daí, talvez, parte da confusão sobre o modo como foi constituída a “ciência espírita”, não obstante, porém, o fato de o resumo das idéias fundamentais dessa revista estar presente nas principais obras. Seja na falta de leitura dessas revistas, seja na falta de entendimento ou estudo do próprio “Pentateuco Espírita”, o fato é que, como havia sido detectado já na década de 1970, “O movimento espírita cresce e se propaga, mas a Doutrina Espírita permanece ignorada, quando não adulterada em muitos dos seus postulados, ressalvadas as excelentes e incontáveis exceções”.¹¹⁶

Acerca da “relação científica” e, por isso mesmo, cética que se deveria ter com as mensagens dos espíritos, na apreciação de alguns intelectuais espíritas, um outro fato pode lançar luz sobre o assunto: como grande parte das principais obras espíritas brasileiras veio

¹¹³ “Para esta terra maravilhosa e bendita será transplantada a árvore do meu Evangelho de piedade e de amor. No seu solo dadivoso e fertilíssimo, todos os povos da Terra aprenderão a lei da fraternidade universal. Sob estes céus serão entoados os hosanas mais ternos à misericórdia do Pai Celestial.” Palavras de Jesus dirigidas ao espírito Helil, no último quartel do século XIV, no local onde seria o Brasil. XAVIER, Francisco Cândido. *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*. 61. ed. RJ: FEB, 1977.

¹¹⁴ Alguns espíritas contestam a idéia, bastante popular, de que a participação de Kardec se resumiu em formular perguntas a seres iluminados que tudo sabiam. O estilo adotado em *O livro dos Espíritos* e em *O que é o Espiritismo* – o de perguntas e respostas – tende a corroborar essa impressão. Portanto, malgrado o aviso de Kardec quanto à possibilidade de se corrigir pontos “vulneráveis” da Doutrina, o que se constata é a tendência em aceitar todo o paradigma espírita, sem contestação. Assim, o Codificador – epíteto, aliás, questionado por alguns estudiosos espíritas –, no entendimento de muitos, teria sido uma espécie de simples *escriba* das “Entidades Venerandas”.

¹¹⁵ A questão da autoria das mensagens parecia não preocupar tanto Kardec, pois se concentrava, conforme aludia, no valor da mensagem. Cf. KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. op. cit.

¹¹⁶ FRANCO, Divaldo (Vianna de Carvalho – espírito). Espiritismo estudado. *Reformador*, jun. 1971 apud BENCHAYA, Salomão Jacob. Projeto kardequizar. *Revista Espírita Harmonia*. ano 20, n. 147, dez. 2006. disponível em: <<http://www.carlosparchen.net/projeto040207.html>> Acesso em: 22 maio 2010.

das mãos de um médium¹¹⁷ cuja reputação é conhecida por todos como ilibada, a veracidade do conteúdo se tenha tornado um dado *a priori* e a reputação, se colocado acima de qualquer especulação. Um argumento que poderia ser dado no meio espírita, caso se questionasse a mensagem, seria: como um médium de tamanha envergadura moral e dotado de notáveis faculdades mediúnicas daria ensejo a mistificações? Neste sentido, o espiritismo parece ter se transformado mesmo em religião, e as revelações dos espíritos se tornado, de fato, revelações religiosas. Assim, a referência à ciência passaria a ser mera retórica – com exceção de alguns grupos.

Entre os médicos espíritas, observa-se, muitas vezes, que as mensagens dos “espíritos de escol” são de pronto aceitas, o que se espera é a ocasião de validá-las “empiricamente”. Ou seja, os dados fornecidos pelos espíritos são aceitos *a priori*, a tarefa que se tem é de “prová-los” quando seja dada a ocasião e não de submetê-los a uma crítica. Diferente de Kardec – asseverariam alguns espíritas mais “metódicos” –, que, embora respeitasse os espíritos dados por superiores, questionava e colocava à prova suas mensagens; daí o largo uso que fazia da *evocação*.¹¹⁸

Outro argumento que se encontra no meio espírita brasileiro, evidenciando sua faceta religiosa, é o de que se vive o momento de testemunhar o Evangelho renovado pelos espíritos. É tempo de os espíritas viverem o espiritismo, e não de se perderem em lucubrações filosóficas ou científicas, correndo o risco de se tornarem os novos “doutores da lei”. Assim, os homens de ciência da França – naquela época de emancipação intelectual – teriam trazido ao planeta a ciência espírita; os médiuns do Brasil – *Coração do mundo, Pátria do Evangelho* –,¹¹⁹ teriam a missão de *praticar* e exortar a prática dos preceitos da doutrina.

A França trouxe ao mundo Allan Kardec, o “Bom Senso Encarnado”¹²⁰, que, inobstante seu caráter, se singularizou pela genialidade, advoga-se. Já o Brasil trouxe a este

¹¹⁷ Estamos falando de Francisco Cândido Xavier, que psicografou mais de quatrocentas obras.

¹¹⁸ Marlene Nobre argumenta que os princípios da “Esfera extrafísica” revelados pelo médium Francisco Cândido Xavier são “complementos” da Revelação enfeixados nos livros da Codificação de Allan Kardec. Entretanto, conforme argumentamos, muitas dessas obras poderiam ser consideradas, do ponto de vista dos espíritas mais “fiéis” ao método de Kardec, opiniões pessoais, posto que, muitas delas, não foram submetidas ao critério de universalidade dos espíritos, tampouco submetidas a experimentações, conforme propugnava Kardec. Portanto, em vez de ficarem em suspenso, as idéias contidas nessas obras são tomadas como axioma; embora se espere a ocasião de validá-las empiricamente, a crença parece não depender desse expediente. Exemplo disso são os *chacras* descritos por André Luiz – e por alguns outros autores espirituais –, cuja existência é defendida por alguns médicos, embora sem submetê-la a nenhuma base empírica.

¹¹⁹ XAVIER, F. C. *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*. op. cit. Ver nota 113.

¹²⁰ Assim chamado por FLAMARION, Camille. *Discurso pronunciado junto ao túmulo de Allan Kardec*. In: KARDEC, Allan. Obras póstumas. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1981, p. 20.

orbe – além de Bezerra de Menezes, Batuúra, Eurípedes Barsanulfo, entre outros¹²¹ – o médium Chico Xavier, que “encarnou” a caridade, a paciência e a humildade, valores fundamentais do cristianismo, que, crêem os espíritas, estão em desvantagem em relação à evolução intelectual do homem, e, portanto, devem ser compensados.

Na obra *Os Mensageiros*,¹²² lê-se que raros são os médiuns e doutrinadores, “preparados no mundo espiritual”, no “Centro de Mensageiros”, que triunfam na “missão” acolhida. Entre as causas dos insucessos, encontra-se, justamente, o “vício intelectual”, capaz de distrair o “missionário em potencial” quanto à “essência moral da doutrina”. Num dos colóquios entre esses “mensageiros fracassados”, de regresso ao plano espiritual, pode-se ler:

Monteiro, meu amigo, a causa da sua derrota não é complicada nem difícil de explicar. Entregou-se você, ao Espiritismo prático, junto dos homens nossos irmãos mas nunca se interessou pela verdadeira prática do Espiritismo junto de Jesus, nosso Mestre.¹²³

Muitos “autores espirituais” defendem, a exemplo de André Luiz, relator do testemunho supra, o equilíbrio entre o *conhecimento* e a *prática espírita*. Mas, em decorrência do sentimento de orgulho e de vaidade que o conhecimento tende a despertar, por diversas ocasiões, a recomendação tem se pendido para a prática.

Talvez, por razões como estas, generalizando, passou-se a lidar com os “espíritos superiores” – não sabemos se é demasiado afirmar – tal qual se lida com “divindades”, ainda que de menor hierarquia.¹²⁴ E dessa forma a doutrina acabou por criar seus “intermediários da verdade”, como Chico Xavier e Divaldo Pereira Franco, cujas obras são, de modo geral,

¹²¹ O médico Adolfo Bezerra de Menezes nasceu na antiga Freguesia do Riacho do Sangue (hoje Jaguaratama), no Estado do Ceará, em 1831, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1900. Considerado como o “precursor do Espiritismo no Brasil”, Bezerra de Menezes continua, segundo os espíritas, atuando na causa espírita brasileira, mesmo encontrando-se num “plano” diverso do nosso, sendo “requisitado”, principalmente, em matéria de cura e terapia, aplicadas nos centros e hospitais espíritas. Antônio Gonçalves da Silva, conhecido como Batuúra, nasceu em Portugal, na Freguesia de Águas Santas, hoje integrada no Conselho da Maia, em 1839, e faleceu em São Paulo, em 1909. Fundador do Grupo Espírita Verdade de Luz e da Tipografia Espírita, é considerado um dos pioneiros do espiritismo no Brasil. Eurípedes Barsanulfo nasceu na cidade de Sacramento, Minas Gerais, em 1880 e faleceu, na mesma cidade, em 1918. “[...] Nele desabrocharam várias faculdades mediúnicas, em especial a de cura, despertando-o para a vida missionária [...]. A produção de vários fenômenos fez com que fossem atraídas para Sacramento centenas de pessoas de outras paragens.” Barsanulfo fundou o Grupo Espírita Esperança e Caridade, em 1905 e o Colégio Allan Kardec, em 1907. Esses são exemplos de “espíritos missionários” que concorreram para a conformação de um espiritismo *religioso* no Brasil. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/biografias/euripedes-barsanulfo.html>> Acesso em: 3 maio 2010.

¹²² XAVIER, Francisco Cândido (autor espiritual: André Luiz). *Os mensageiros – A vida no Mundo Espiritual*. 45. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2007.

¹²³ Idem, *ibidem*, p. 84.

¹²⁴ Há aqueles que fazem pesquisas sem se referirem a nenhuma obra espírita, para não despertar “preconceito” na comunidade científica.

incontestadas.¹²⁵

Entre os médicos espíritas, muitas “verdades” trazidas do “Além”, por exemplo, pelo médico “desencarnado” André Luiz, ainda que não tenham sido submetidas ao “critério de universalidade” proposto por Kardec, são acolhidas. Talvez esse fato seja devido, principalmente, à credibilidade do médium. Assim, julgamos que a maneira de lidar com os espíritos no Brasil, de um modo geral, embora tenhamos como objeto de análise especificamente os médicos espíritas, – justamente uma “ala” espírita que se considera “científica” e fiel às proposições de Kardec –, diverge do espiritismo francês, em suas primeiras décadas de existência.

¹²⁵ No entanto, muitas vozes clamam por discussões e por uma “postura mais crítica” dentro do movimento espírita – hoje muito mais plural.

CAPÍTULO 2: O CONTEXTO TERAPÊUTICO ATUAL E A AÇÃO DOS MÉDICOS ESPÍRITAS

“Uma nova medicina para um novo milênio”

(Marlene Nobre)

A epígrafe deste capítulo, tomada emprestada de um editorial de uma revista espírita,¹²⁶ revela-nos o entusiasmo dos médicos espíritas nesses últimos anos. Imbuídos de uma visão *teleológica e determinista*,¹²⁷ peculiar à doutrina espírita, os médicos espíritas acreditam ser, atualmente, o momento mais auspicioso das últimas décadas para estender seus princípios à academia.

A insistência na cientificidade de seus postulados não se deve, entretanto, apenas à visão teleológica interna desses agentes sociais, outros motivos se apresentam: como argumentaremos, existe hoje um extenso campo em que os espíritas podem haurir “testemunhos mais convincentes”, na expressão de Emerson Giumbelli, em favor de muitos de seus pressupostos. Trata-se de pesquisas (não-espíritas) que procuram comprovar, por exemplo, a capacidade de as pessoas se comunicarem “não-localmente” sem a troca de sinais, o poder preventivo/curativo da fé e da espiritualidade e até mesmo a subsistência da vida após a morte. Pesquisas acerca da fé/espiritualidade, realizadas por meio de equipamentos de imagem de última geração (PET/Scan), inauguram, inclusive, um novo ramo de especulação: a *neuroteologia*, uma área de pesquisa dedicada ao estudo da resposta das regiões cerebrais em face desses sentimentos.

¹²⁶ ASSOCIAÇÃO Médico Espírita do Brasil. (Org.). *Medicina e Espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Associação Médico-Espírita do Brasil, 2004, p. 4-5. Disponível em: <http://www.amebrasil.org.br/down/rev_POR.pdf>. Acesso em: 15 set. 2007.

¹²⁷ Os médicos espíritas acreditam ser chegada a época de a medicina espiritualizar-se, sob as bençãos dos espíritos iluminados, em particular de Bezerra de Menezes, que já vêm, há algum tempo, preparando este momento.

Esses “testemunhos” se fazem ainda mais contundentes por estarem inseridos no contexto de crise da biomedicina e de desconfiança do próprio poder da ciência, de uma maneira geral. Nos espaços abertos por essa crise, crescem as medicinas alternativas, apoiadas numa visão holística que, igualmente, encontram campo na atualidade. A medicina espírita, embora tenha se auto intitulado complementar à medicina oficial, segue no encaixe dessas medicinas alternativas.

A revolução na física quântica também abalou os alicerces da ciência ortodoxa – *cartesiana-newtoniana* –, alargando as desconfianças acerca do paradigma biomédico, também identificado com os cânones da física clássica. A física quântica, que vem alcançando visibilidade¹²⁸ nos últimos anos, traz conceitos caros aos espíritas; fiquemos, no momento, com apenas um exemplo: o de que a consciência não é um epifenômeno do cérebro, mas algo exterior a ele.

2.1 O espiritismo numa perspectiva sócio-histórico-antropológica

As querelas entre a *medicina espírita* e a *medicina oficial* vêm de longa data; por isso, é imperativo considerarmos, em nossa análise, as mudanças (e as permanências) ocorridas tanto numa quanto noutra, engendradas por essa contenda histórica. Contexto, então, é um dado capital em nosso trabalho; daí a importância de se fazer uma breve incursão pela literatura acadêmica sobre o espiritismo. Temos em mira, principalmente, as discussões sobre a relação medicina espírita/medicina oficial e o debate sobre a natureza epistemológica que atravessa o espiritismo brasileiro (na perspectiva do “nativo”): se é religião ou ciência (ou ambas).¹²⁹

Conforme Giumbelli, vários trabalhos (Warren, Damazio, Aubréé & Laplantine, etc) trazem como consenso a idéia de que o espiritismo no Brasil, em contraste com suas origens e desdobramentos europeus, seria ou teria se transformado em uma religião.¹³⁰ Outro fato comum é a associação do espiritismo a práticas terapêuticas, “como se ‘espiritismo’ e

¹²⁸ Em nosso trabalho trataremos principalmente das pesquisas do físico indiano Amit Goswami, por serem as mais comentadas pelos médicos espíritas.

¹²⁹ Referimos-nos à tensão entre ciência e religião, questão interna ao próprio espiritismo, e que divide facções: umas mais afeitas à primeira, outras, à segunda. VASCONCELOS, João. Espíritos Clandestinos: Espiritismo, pesquisa psíquica e antropologia da religião entre 1850 e 1920. op. cit., p. 120. Para melhor compreendermos o espiritismo, precisamos, conforme enfatiza Patrícia Birman, relativizar a idéia corrente de que ele, no Brasil, teria se transformado em religião. BIRMAN, Patrícia. Resenha: O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo. *Mana – Estudos de Antropologia Social*, v. 3, n. 2, 1997.

¹³⁰ GIUMBELLI, Emerson Alessandro. *O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do Espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997, p. 21.

‘curandeirismo’ participassem de um mesmo campo semântico e um mesmo território de realidade”.¹³¹

O clássico estudo de Donald Warren, sobre o “precursor do Espiritismo no Brasil”, Dr. Bezerra de Menezes, mostra-nos essas práticas terapêuticas em seus primeiros ensaios. Nesse estudo, cujo recorte espacial e cronológico é o Rio de Janeiro da década de 1890, Warren apresenta a hipótese de que a terapia praticada por Bezerra corresponderia a “[...] uma inclinação mental, comum a todos os brasileiros, à exceção da pequena camada instruída e dos católicos recentemente romanizados”.¹³²

Segundo Warren, essa “inclinação mental” era consequência de uma “cultura rural”, designada por ele de “espiritualista reflexa”, na qual entidades rarefeitas – almas penadas, santos, encostos, etc. – agiam como veículos que incorporavam os medos e as esperanças inconscientes, alimentados pelos brasileiros diante das incertezas de um ambiente demasiado hostil.¹³³ Algumas das características do “novo” tratamento do Dr. Bezerra para insanos eram, portanto, “[...] remanescentes da tradicional arte brasileira da cura”.¹³⁴

O autor salienta que o “pai do Espiritismo” no Brasil, ao insistir na tentativa de suavizar os males somáticos e espirituais através da prática de invocação dos espíritos, acaba por relativizar a lei férrea do carma. Acentuar o caráter terapêutico do espiritismo, a sua capacidade de cura miraculosa, era divergir da estrita experimentação proposta pelo codificador. No caso bezerriano, o espiritismo tratar-se-ia, pois, de uma “religião-ciência”, e não uma “ciência-religião”, como formulara Kardec em *Le Livre des Esprits*.¹³⁵

¹³¹ GIUMBELLI, Emerson Alessandro. Heresia, doença, crime ou religião: o Espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais. op. cit., p. 33.

¹³² WARREN, Donald. A terapia espírita no Rio de Janeiro de Janeiro por volta de 1900, *Religião e Sociedade*, v. 3, n. 11, 1984, p. 57.

¹³³ Idem, ibidem, p. 58. Esta singularidade do meio religioso brasileiro também é detectada por outros estudiosos; dentre eles, destacamos Sanchis. Segundo o pesquisador, “[...] o meio religioso brasileiro, sobretudo popular, mas não exclusivamente, vive num certo clima espiritualista que parece compartilhado por várias mentalidades no Brasil. Conforme essa representação, o ser humano está envolvido por um universo povoado de forças, de espíritos, de influências pessoais que mantêm relações com os homens. Parece haver sempre um diálogo entre esses outros e a própria pessoa, que se constrói precisamente no processamento dessa relação....” SANCHIS, Pierre. *As religiões dos brasileiros*. Horizontes, v. 1, n. 2, 1998, p. 32-33.

¹³⁴ WARREN, Donald. A terapia espírita no Rio de Janeiro de Janeiro por volta de 1900. op. cit., p. 58.

¹³⁵ Idem, ibidem, p. 82. Segundo Marcelo Camurça, Warren, “[...] ao colocar como solução ‘bezerriana-brasileira’ para o dilema entre carma e cura no Espiritismo sua transformação em uma religião no Brasil, deixa de levar em conta toda uma postura de ‘cientificização do espiritual’ que também fazia parte do imaginário do médico Bezerra de Menezes, e que se manifestava na sua terapia de desobsessão, nos recurso à hipnose, telepatia, magnetismo empregados.” Para Marcelo Camurça, “[...] a preeminência que a questão de terapia e cura ganha dentro do espiritismo brasileiro, além do pilar ‘da caridade com o próximo’ (Religião), está assentada numa fascinação deste Espiritismo pelo imaginário *médico-científico*. O trabalho de Greenfield demonstra a busca de legitimação pelo Espiritismo de suas crenças e práticas, principalmente diante da ciência médica acadêmica-formal”. CAMURÇA, Marcelo Ayres. Entre o cármico e o terapêutico: dilema intrínseco ao espiritismo. *Rhema*, v. 6, n. 23, 2000, p. 124.

Perspectiva semelhante a essa – qualificada por Giumbelli como *culturalista* – é compartilhada por Sylvia Damazio. Em seu estudo sobre o incipiente espiritismo no Rio de Janeiro, no final do século XIX e meados do XX, a autora conclui que o aumento de popularidade verificado nessa nova religião, “em suas várias vertentes”, teve como motivo a “[...] prática da medicina mágica arraigada na cultura brasileira”.¹³⁶

Em seu berço, a França, a codificação kardequiana era valorizada justamente pelo seu caráter científico, argumenta Damazio. Em terras brasileiras, porém, o espiritismo teria adquirido um traço mais religioso, conforme alguns indícios fariam crer, como as práticas assistenciais e a ênfase na caridade e na moral.¹³⁷ As peculiaridades da cultura brasileira, de um lado – em especial o sincretismo religioso –, e as condições sócio-econômicas, de outro, concorriam para que o espiritismo se encaminhasse para uma dimensão religiosa, fato que explicaria sua aceitação e respeito junto à sociedade.

Em se tratando, portanto, das peculiaridades do espiritismo brasileiro, Bernardo Lewgoy argumenta que, em relação ao cientificismo francês, dois deslocamentos significativos aconteceram em nosso país. O primeiro deslocamento foi o da ênfase na mensagem para o da ênfase no carisma do médium; o segundo, o de um espaço mediúnico marcado pela impessoalidade, onde a comunicação espírita se daria entre indivíduos desconhecidos, para o de uma “mediação relacional entre seres já ligados por nexos anteriores”, ou seja, para o de sessões predominantemente familiares – argumento, aliás, caudatário do de Aubréé & Laplantine, conforme explica Lewgoy.¹³⁸

Dentre os trabalhos de perspectiva marcadamente sociológica, destacamos o de Procópio Camargo, cuja preocupação era entender a difusão de religiões populares – tidas como signo de atraso – num contexto de aceleração do processo de urbanização e industrialização do país, e em particular da metrópole paulista. Em outras palavras, o sociólogo procurou entender o aparente paradoxo de certo “atavismo religioso” coexistir com a modernização por que passava o Brasil, nos idos de 1960. Para esse intelectual, partidário de uma concepção funcionalista, a adesão ao kardecismo ou à umbanda expressava uma “integração dos fiéis na sociedade urbana”,¹³⁹ ou seja, uma integração das camadas social e

¹³⁶ Apud GIUMBELLI, Emerson Alessandro. *O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do Espiritismo*. op. cit., p. 27.

¹³⁷ DAMÁZIO, Sylvia, F. *Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

¹³⁸ LEWGOY, Bernardo. A transnacionalização do espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicial. *Religião e sociedade*, v. 28, n. 1, jul. 2008, p. 86.

¹³⁹ CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. *Kardecismo e Umbanda*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1961, p. 68.

economicamente excluídas da *urbis* ou cuja mentalidade a ela fosse pouco afeita.¹⁴⁰ Essa adesão, sendo, ao mesmo tempo, um exercício de escolha perante uma pluralidade de práticas religiosas e uma exoneração de pressões de grupo, significava também, para o autor, um genuíno ganho de “racionalidade”.¹⁴¹

A opção religiosa, portanto, atenderia a demandas e carências surgidas em algum nível da sociedade. Dessa forma, num momento em que grande parte da população não havia aderido à medicina oficial, o kardecismo e a umbanda – em contraste com as demais religiões, que renunciavam a esse tipo de ambição –, satisfaziam as demandas por terapêuticas tradicionais.¹⁴² Um traço cultural importante que facilitou a recepção das explicações espíritas e umbandistas sobre as patologias foi a “tradição terapêutica sacramental”, porquanto ela também considerava, como parte de sua etiologia, os aspectos espirituais e mágicos. Procópio Camargo acrescenta que os recursos das práticas mediúnicas também eram amplamente utilizados pela classe média, do que se pode deduzir que, embora relevante, o fator econômico, isto é, o custo excessivo das terapêuticas oficiais, não era decisivo na busca por tais práticas.¹⁴³

A estreita ligação do espiritismo com as práticas terapêuticas não se fez, entretanto, sem atritos. Emerson Giumbelli, discutindo a constituição do espiritismo no Brasil e, particularmente, no Rio de Janeiro, no período compreendido entre o final do século XIX e meados do XX, mostra-nos os problemas que os espíritas enfrentaram com diversos grupos sociais e a estratégia para esquivarem-se de sua criminalização, posta em curso.¹⁴⁴

O Código Penal de 1890 – instituído num momento em que a categoria médica ansiava pelo monopólio do exercício da “arte de curar”, sob a rubrica da proteção à saúde pública – representa um marco na repressão às práticas terapêuticas espíritas. Esse Código previa, além da condenação do espiritismo, da magia e de outras práticas, punições para o simples exercício da medicina sem títulos acadêmicos e para o crime de curandeirismo, *i.e.*, o

¹⁴⁰ Essa integração se daria “[...] através de uma combinação de valores éticos (organizados de modo racional) com um estilo sacral de interpretação da vida capaz de satisfazer necessidades intelectuais (explicação do mundo), psicológicas (compensação) e sociais (rede de contatos humanos)”, resume GIUMBELLI, Emerson Alessandro. *O cuidado dos mortos*. op. cit., p. 25.

¹⁴¹ O autor distingue as *religiões tradicionais*, aceitas principalmente em concordância com a tradição, das *religiões internalizadas*, escolhidas conscientemente em função de uma busca por necessidades particulares. CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. *Kardecismo e Umbanda*. op. cit., p. 59-60.

¹⁴² Conforme Giumbelli, em breve apresentação dos trabalhos de Procópio Camargo. GIUMBELLI, Emerson Alessandro. *O cuidado dos mortos*. op. cit., p. 25.

¹⁴³ Idem, *ibidem*, p. 94-95.

¹⁴⁴ Idem, *ibidem*.

emprego ou a prescrição de substâncias com finalidades terapêuticas.¹⁴⁵ As práticas espíritas eram encaradas como manobras fraudulentas que pretendiam inculcar nos “desavisados”, através de uma invocação do sobrenatural, um pseudo-poder de cura. O espírita era, portanto, um ilusionista, um aproveitador. Espiritismo, magia, talismãs e cartomancia participavam de uma mesma ordem de sentido, em que o poder de ilusão ou de fascinação era o eixo comum.¹⁴⁶

Patrícia Birman, resenhando a obra de Emerson Giumbelli, *O cuidado dos mortos*, chama a atenção para o fato, digno de nota, de esse antropólogo compreender o espiritismo enquanto uma “produção histórica e contextual, resultado de um processo que não continha, desde os seus primórdios, o traçado de seu caminho já delineado”.¹⁴⁷ Para Giumbelli, a concepção corrente de que espiritismo é *religião* – noção que Birman julga ser pouco “relativizada” – seria efeito de uma “conjunção peculiar, de um encontro de diferentes estratégias discursivas desenvolvidas por agentes sociais diversos”.¹⁴⁸

O enfrentamento – ou alinhamento – desses agentes, quais sejam, as instituições médicas e jurídicas, a imprensa, as forças policiais, além dos agentes religiosos espíritas, católicos e outros, redimensionaram as competências e os “[...] discursos médicos, transformaram as fronteiras identitárias dos grupos religiosos e redefiniram, sucessivamente, os papéis atribuídos ao Poder Judiciário e à polícia”.¹⁴⁹ Ao espiritismo, em disputa nesse campo de forças, coube, como lugar possível, o de *religião*.

Ao sedimentar-se como uma *crença*, o espiritismo encaminha sua terapêutica para uma dimensão mais espiritual, evitando a superposição com o procedimento da área médica, cuja hegemonia foi conquistada duramente. Ao procurar identificar as suas práticas terapêuticas com práticas religiosas, os espíritas intencionavam evitar a competição com os saberes acadêmicos.¹⁵⁰ A Federação Espírita Brasileira (FEB) ocupou lugar central nesse

¹⁴⁵ GIUMBELLI, Emerson Alessandro. O “baixo Espiritismo” e a história dos cultos mediúnicos. *Horizontes antropológicos*, ano 9, n. 19, jul. 2003, p. 254.

¹⁴⁶ Idem, *ibidem*, p. 254.

¹⁴⁷ BIRMAN, Patrícia. O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo. *Mana – Estudos de Antropologia Social*, v. 3, n. 2, 1997, p. 231.

¹⁴⁸ Idem, *ibidem*, p. 231.

¹⁴⁹ Idem, *ibidem*, p. 231.

¹⁵⁰ A definição de espiritismo, portanto, como prática *religiosa* fundamentada no ideal de caridade, é uma definição produzida e negociada, em que o contexto, como chave de análise, não pode ser negligenciado. Insistimos que a tensão entre ciência e religião é intrínseca ao espiritismo, conforme argumentam vários pesquisadores, entre eles Camurça, Damazio, Lewgoy e Vasconcelos. (Cf. bibliografia).

processo; seu engajamento foi de fundamental importância na busca pela legitimidade do espiritismo frente aos poderes públicos, afirma Giumbelli.¹⁵¹

Ainda em relação à FEB, Lewgoy, sublinhando a “dialética de oposição e sincretismo” que essa federação historicamente manteve com a Igreja Católica, advoga que tanto a valorização da caridade e do assistencialismo aos pobres, quanto a ênfase numa “religiosidade interior” acima de “rituais vazios” e a implantação de alguns cultos familiares são corolários de uma relação sincrética do espiritismo da FEB com a Igreja Católica romanizada de finais do século XIX.¹⁵²

O autor afirma que, com o advento da República – e com ela, o do princípio constitucional de liberdade religiosa –, o espiritismo é aclamado como uma “doutrina da caridade e da assistência aos pobres” (divisa própria do catolicismo). Segundo Lewgoy, esse reconhecimento foi conquistado, sobretudo, através da constante “[...] prescrição mediúnica de receitas homeopáticas a uma população praticamente destituída de assistência médica”. Posteriormente, no entanto, entre os centros espíritas vai se consolidando um padrão de organização, no qual a “[...] terapia de passes, a fluidificação de água, o atendimento fraterno e a ‘desobsessão’ vieram a suplantam a anterior ênfase no receitismo mediúnico sem, contudo, eliminá-lo”.¹⁵³

Em relação à contemporaneidade, Lewgoy conclui que, embora a FEB continue indubitavelmente hegemônica,¹⁵⁴ existe “[...] um amplo debate interno entre os espíritas e diversas organizações e dissidências, além da própria influência do individualismo psicológico da Nova Era”.¹⁵⁵

Para o pesquisador, o modelo de espiritismo articulado pela FEB vem sofrendo um esgotamento, cujas conseqüências são, de um lado, “reações puristas de volta às origens kardequianas”, e, de outro, “movimentos opostos em direção às terapias novaeristas” e “à intensificação do psicologismo na reflexão de espíritas”.¹⁵⁶

¹⁵¹ A FEB também protagonizou os esforços de demarcação de fronteiras identitárias em relação ao *baixo espiritismo*. Segundo Giumbelli, os espíritas promoveram um acordo tácito com os agentes do poder policial para lhes assegurarem um papel destacado, no campo religioso, em relação aos profetas da macumba e do candomblé, quer dizer, dos cultos de origem africana, então tachados de *baixo espiritismo*. GIUMBELLI, Emerson. O “baixo Espiritismo” e a história dos cultos mediúnicos. op. cit., p. 32.

¹⁵² LEWGOY, Bernardo. A transnacionalização do espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicial. op. cit., 87.

¹⁵³ Idem, ibidem, p. 87.

¹⁵⁴ A partir de 1949, a FEB adquiriria hegemonia no movimento espírita brasileiro, em virtude de campanhas nas quais o engajamento de Francisco Cândido Xavier foi de seminal importância. Idem, ibidem, p. 87.

¹⁵⁵ Idem, ibidem, p. 88.

¹⁵⁶ Idem, ibidem, p. 88.

A vetusta ética do *carma*, cuja inexorabilidade do destino apresenta-se como um fardo demasiado pesado para uns, parece, segundo Lewgoy, estar cedendo aos imperativos de bem-estar e auto-estima, características essenciais da religiosidade pós-moderna. Na contramão, o *Movimento de Reformas*, hoje desligado do espiritismo,¹⁵⁷ vinha pregando uma “volta a Kardec”, o que na leitura de Lewgoy expressa “uma depuração das influências católicas no kardecismo”. Como exemplos dessa “depuração”, colimada por esse grupo, o autor cita a proposta de substituição do termo “culto” na expressão “Culto do Evangelho no Lar” pelo termo “estudo” e a minimização do uso de imagens nos centros espíritas. A comutação do termo culto justifica-se pela aproximação que exerce com a idéia de adoração.¹⁵⁸

Diante das mudanças processadas no interior do espiritismo, Lewgoy conclui:

Ingressamos, assim, numa nova época, em termos de campo religioso no Brasil, na qual o espiritismo passou a ser uma alternativa religiosa mais do que uma minoria com comportamento reativo. Sua unidade de práticas e concepções passa a ser mais aberta e fragmentada, menos polarizada por referências únicas, e um grande e diversificado mercado de bens culturais alimenta a sua existência como cultura e não mais apenas como um corpo organizado de instituições. De outro lado, as iniciativas nacionais e internacionais da FEB, bem como os movimentos de reaproximação com a Medicina institucional das Associações Médicas Espíritas, passam também a ter mais força, sinalizando uma busca de novos caminhos para essa religião.¹⁵⁹

Para Lewgoy, o espiritismo no Brasil experimenta, então, uma “[...] redefinição de sua identidade como movimento e religião, perpassado por pólos sincréticos e anti-sincréticos, tendência comum à eclosão de identidades na sociedade brasileira a partir dos anos 1990”.¹⁶⁰ D’Andrea, corroborando a afirmação de Lewgoy, acrescenta que o espiritismo, com suas instituições oficiais marcadas pelo excesso de tradicionalismo e de intelectualismo dogmático,

¹⁵⁷ O *Movimento de Reformas*, liderado por José Queid Tufaile Huaixan, ex-dirigente de uma casa espírita em São José do Rio Preto-SP, objetivava chamar a atenção dos kardecistas da decadência do movimento espírita, em virtude da “[...] mescla de católicos, protestantes e livre-pensadores”, que se instalaram em seu seio. Segundo Huaixan, “[...] pela predominância absoluta dos primeiros [católicos] e vaidade dos derradeiros [livre-pensadores], é natural que os rumos não fossem outros senão o que observais”, isto é, o desvirtuamento do espiritismo da “Terceira Revelação” e sua conseqüente ruína. Disponível em: <<http://www.espiritnet.com.br/Opiniaio/Ano2003/esp9.htm>> Acesso em: 06 jun. 2010. Em setembro de 2002, o *Movimento de Reformas* rompeu definitivamente com o Movimento Espírita, originando *A Renovação Cristã*, uma nova instituição religiosa, segundo Amorim, “[...] desvinculada totalmente do Espiritismo, tomando por base, segundo os seus criadores, o pensamento do apóstolo Paulo de Tarso e sob a proteção de Jesus Cristo.” AMORIM, Pedro Paulo. *A Renovação Cristã e a complexidade do campo religioso brasileiro no último quartel do século XX. Anais do II Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades. Revista Brasileira de História das Religiões – ANPUH*. Maringá (PR), v. 1, n. 3, 2009, p. 6.

¹⁵⁸ LEWGOY, Bernardo. A transnacionalização do espiritismo kardecista brasileiro. op. cit., p. 89.

¹⁵⁹ Idem, ibidem, p. 89.

¹⁶⁰ Idem, ibidem, p. 89.

vem, *ipso facto*, sofrendo uma fragmentação em seu interior. As pressões reflexivas¹⁶¹ e globalizantes hoje em curso e as necessidades expressivistas de indivíduos de classe média promovem demandas existenciais e concretas nesses segmentos sociais que esse tipo de espiritismo dogmático é incapaz de satisfazer.¹⁶²

Essa inflexibilidade da FEB, quanto à codificação kardequiana, ao chocar-se com as demandas reflexivas e mágicas e com as demandas por totalização da “busca espiritual”, tem resultado, não raro, ou num desligamento desses indivíduos do kardecismo institucionalizado ou numa “adesão múltipla a outros sistemas”.¹⁶³ Esses indivíduos, hesitantes entre a curiosidade e a insatisfação, e, por isso mesmo, mais receptivos a alternativas culturais, põem-se à procura do “[...] cultivo de uma espiritualidade ‘pessoal’, de forma mais plural, mágica e/ou expressivista, e ainda solitária e conscientemente nômade”.¹⁶⁴

Diante desse quadro:

É assim que se pode compreender o número crescente de kardecistas e simpatizantes que passam a incorporar crescentemente práticas espiritualistas e *new age*: espiritualistas, esotéricas, orientalistas, paracientíficas. De um lado, até se poderia falar numa “nova-erização” do Kardecismo. Mas, tendo em vista a ortodoxia instaurada pela FEB e a cristalização de dispositivos tradicionalistas, o que mais se verifica é a ruptura dos indivíduos com o kardecismo e adesão a outras alternativas culturais.¹⁶⁵

Por outro lado, como vimos, *O Movimento das Reformas* vinha defendendo uma volta aos “fundamentos primitivos” do espiritismo em estrita consonância com a Codificação, como propugna José Queid Huaixan, articulista desse movimento.¹⁶⁶ Huaixan afirma que a “[...] comunidade espírita deixou que florescesse em seu seio alguns males próprios da imperfeição humana, fazendo com que as práticas doutrinárias e algumas teorias fossem distorcidas”.¹⁶⁷ O autor critica, inclusive, a tão reconhecida caridade material, “[...] colocada como a via de salvação por si só, sem preocupação maior com a transformação íntima da

¹⁶¹ De acordo com Giddens, “A reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter.” GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Ed. Unesp, 1991, p. 45. Assim, a reflexividade desestabiliza a identidade do sujeito, instituindo-a como um projeto aberto e passível de contínuas reelaborações.

¹⁶² D’ANDREA, Anthony A. F. *O self perfeito e a Nova Era – Individualismo e reflexividade em religiões pós-tradicionais*. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 139.

¹⁶³ Idem, *ibidem*, p. 154.

¹⁶⁴ Idem, *ibidem*, p. 154.

¹⁶⁵ Idem, *ibidem*, p. 140.

¹⁶⁶ HUAIXAN, José Queid Tufaile. O movimento de reformas. *Revista Isis*, mar. 2007. Disponível em: <<http://www.tafalado.com.br/isis/anteriores/reformas.htm>> Acesso em: 6 nov. 2008.

¹⁶⁷ Idem, *ibidem*.

criatura”. “O que vem acontecendo entre nós”, emenda Huaixan, “é a desvirtuação dos fundamentos da fé racional”.

Em conclusão, se é verdadeira a asserção de que o espiritismo no Brasil adquiriu uma feição social marcadamente religiosa, não menos falsa é a de que ele jamais abdicou a referência simultânea à ciência e à religião na sua auto-definição.¹⁶⁸ De acordo com João Vasconcelos, a inserção simultânea nestes dois domínios,

[...] constitui um foco potencial de tensão, que se reacende periodicamente, quer em querelas internas, quer no relacionamento dos espíritas com pessoas e instituições exteriores. A dinâmica interna do movimento espírita brasileiro tem andado recorrentemente ligada a negociações e conflitos entre facções mais “religiosas” e facções mais “científicas”.¹⁶⁹

Como parte de nosso trabalho, pretendemos demonstrar como uma parcela intelectualmente expressiva dos espíritas – os profissionais ligados às Associações Médico-Espíritas (AMEs) –, motivados por um certo *Zeitgeist*,¹⁷⁰ reacenderam essa velha discussão, outrora latente, de que o espiritismo também é uma ciência, e que tem muito a contribuir com a medicina. Para esses atores sociais, não mais se trata de uma ciência concorrente, mas de uma ciência complementar (pelo menos retoricamente) à medicina acadêmica.¹⁷¹

2.2 Um Pouco da História e da Organização das AMEs

Antes de analisarmos o contexto terapêutico atual e, posteriormente, como os médicos espíritas dele têm se aproveitado, convém trazermos à baila um pouco da história das AMEs. Atualmente existem 36 entidades associadas à AME-Brasil, presentes em várias cidades e Estados, além da AME-Internacional. Entretanto, antes do início da década de 1990, funcionavam apenas a AME-São Paulo, fundada em 1968, e a AME-Minas Gerais, em 1986.

¹⁶⁸ VASCONCELOS, João. Espíritos Clandestinos: Espiritismo, pesquisa psíquica e antropologia da religião entre 1850 e 1920. op. cit., p. 94.

¹⁶⁹ Idem, ibidem, p. 120.

¹⁷⁰ Segundo Marcelo Camurça, em face “[...] dos recentes desenvolvimentos sócio-culturais [...], podemos situar estas representações da ‘medicina da alma’ espírita dentro do paradigma *holístico* que articula o espiritual ao corpóreo numa perspectiva totalizante”. CAMURÇA, Marcelo Ayres. Entre o cármino e o terapêutico. op. cit., p. 126.

¹⁷¹ “Medicina da alma” é uma expressão que os espíritas usam, recorrentemente, em referência ao próprio *metiér*. É uma alcunha em tudo estratégica: demonstra a *especificidade* desta medicina – a alma e sua relação com o corpo –; demarca a sua “*superioridade*” em relação à medicina ordinária – posto que a alma seria a “sede” de toda doença –; deixa claro que não se trata de uma “medicina” *concorrente* com a formal – já que sua especialidade, o espírito, não é contemplada pelo meio científico, embora seja essa uma de suas aspirações.

A idéia da criação de semelhante instituição partiu de um grupo de médicos espíritas que, na residência do médium Spartaco Ghilardi, em São Paulo, passou a se reunir semanalmente nos idos de 1967.¹⁷² Nessas reuniões, chegavam mensagens de espíritos que exortavam o grupo a aplicar, na ciência médica, os conhecimentos reunidos pela doutrina espírita, de modo a estabelecer “[...] as bases do hospital e da assistência médica do futuro”.¹⁷³

No correr do ano de 1967, foram realizados contatos, estudos e exposições de temas que aliavam a Medicina à Doutrina Espírita, preparando, assim, o terreno para a I Concentração de Médicos Espíritas, que ocorreu na cidade de Araras, Estado de São Paulo, no dia 13 de Janeiro de 1968. Nesse evento, foram planejados os estatutos e marcada a data para a edificação da primeira entidade de médicos espíritas do Estado de São Paulo e do país. Conforme o artigo comemorativo dos 40 anos da AME-SP, publicado no jornal *Folha Espírita*, “[...] muitas mensagens do Plano Espiritual, de regozijo foram enviadas do Plano Espiritual, principalmente por Bezerra de Menezes e Batuira,¹⁷⁴ saudando a iniciativa”.

A fundação da Associação Médico-Espírita de São Paulo (AME-SP) efetivou-se, então, em 30 de março de 1968, na biblioteca do Hospital São Lucas, na capital paulista, “sob as bênçãos de Bezerra de Menezes e Batuira”.¹⁷⁵ No que se refere ao perfil da associação, a AME-SP estabeleceu-se como:

[...] uma organização científica, cultural, religiosa, beneficente e sem fins lucrativos, com o objetivo de aprofundar o estudo da Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec, e de sua fenomenologia, tendo em vista as suas relações, integração e aplicação nos campos da Filosofia, da Religião e das Ciências, principalmente da Medicina.¹⁷⁶

Nos anos posteriores, a AME-SP concentrou-se na realização de palestras e simpósios, dirigidos aos profissionais da saúde, versando sobre “aspectos científicos” de questões básicas do espiritismo, tais como a sobrevivência da alma, a comunicabilidade dos espíritos e os processos de saúde-doença. A associação prima em dizer que, logo na primeira década de exercício, contou com convidados internacionais, como o professor indiano

¹⁷² Embora difundida apenas na década de 1990, a primeira AME data da década de 1960, justamente quando o tema da secularização estava na ordem do dia.

¹⁷³ CAMPOS, Giovana. Associação médico-espírita de São Paulo. 40 anos inserindo o paradigma espiritual na prática clínica. *Folha espírita*, São Paulo: FE Editora Jornalística Ltda, ago. 2008, p. 4.

¹⁷⁴ Sobre os dados biográficos de Bezerra e Batuira, reveja a nota 121, p. 39, do capítulo 1.

¹⁷⁵ Segundo os espíritas, existe um intenso intercâmbio entre o “plano espiritual” e o “plano carnal”. “Espíritos superiores” inspiram ações no plano terrestre; o que não exime os “encarnados”, entretanto, de avaliar esses conselhos e concretizá-los por seus próprios meios.

¹⁷⁶ CAMPOS, Giovana. Associação médico-espírita de São Paulo. 40 anos inserindo o paradigma espiritual na prática clínica. op. cit., p. 4.

Hamendras Banerjee e o médico norte americano Ian Stevenson, ambos pesquisadores acerca da encarnação.

A partir de março de 1984, a AME-SP passou a publicar o Boletim Médico-Espírita, com textos e artigos da pena de seus membros. Realizou também, na mesma década, três simpósios brasileiros de Parapsicologia, Medicina e Espiritismo (Sibrapame), no auditório da Cidade Universitária, em São Paulo. Em fins da década 1980 e início da década de 90, seguindo os passos dessa instituição pioneira, novas associações começaram a surgir em outras cidades e estados.

Em 1991, aconteceria o primeiro congresso espírita de âmbito nacional, o Mednesp, evento que, desde então, vem sendo realizado bienalmente. Durante a realização do 3º Mednesp, em 1995, teve origem a Associação Médico-Espírita do Brasil, instituição que congregaria as AMEs, que naquele momento já haviam se multiplicado pelo país. Naquela década, também se avolumaram as atividades e as publicações: “[...] livros e palestras trouxeram informações contundentes e evidências científicas relacionadas à cura espiritual”.¹⁷⁷ De acordo com Giovana Campos, articulista do jornal Folha Espírita, portas de universidades, em muitas cidades, foram abertas para a “[...] inserção da espiritualidade como agente promotor de saúde”¹⁷⁸ – embora essa prática só viesse a ter uma frequência maior após a virada do milênio, complementa.

A realização dos congressos nacionais (Mednesp), a partir de 1991, foi, portanto, fundamental para o surgimento de outras AMEs.¹⁷⁹ Se no início da década de 1990 só funcionavam, como já mencionado, a AME-São Paulo e a AME-Minas Gerais, em 1995 nove delas já participavam do evento, reunindo, então, seus esforços para a constituição da entidade nacional. Assim, a AME-Brasil foi fundada pelas AMEs Bahia, Campina Grande, Ceará, Espírito Santo, Minas Gerais, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e São Paulo.¹⁸⁰

Com a concretização da AME-Brasil, foi criada, em 1999, a Associação Médico-Espírita Internacional (AME-I), durante a realização do II Congresso da Associação Médico-Espírita do Brasil, em São Paulo. Desde então, uma comissão composta por três médicos:

¹⁷⁷ CAMPOS, Giovana. Associação médico-espírita de São Paulo. 40 anos inserindo o paradigma espiritual na prática clínica. op. cit., p. 4.

¹⁷⁸ Idem, ibidem.

¹⁷⁹ A partir de 1997, a AME-Brasil passou a ser responsável pela realização dos congressos nacionais, tendo trazido, desde 2003, convidados estrangeiros, como os Professores Drs. Harold Koenig, Amit Goswami e Peter Fenwick. Disponível em:

<http://www.amesaopaulo.org.br/novo/index.php?option=com_content&task=view&id=12&Itemid=28> Acesso em: 2 maio 2009.

¹⁸⁰ AME-Brasil: dez anos de ideal e sacrifício. *Folha Espírita*, São Paulo: FE- Editora Jornalística Ltda, jun. 2005. Disponível em: <<http://www.folhaespirita.com.br/antiores.php>> Acesso em: 15 set. 2008.

Dra. Marlene Nobre (Brasil), Dr. Sabino Luna (Argentina) e Dra. Maria de La Gracia de Ender (Panamá) dirigem a entidade, tendo como presidente a Dra. Marlene Nobre.

A AME-I tem realizado vários eventos e estimulado a fundação de outras instituições ligadas à saúde, como a Associação dos Profissionais Espíritas da Saúde (APES) de Londres e de Montréal. Em Abril de 2008, foi fundada a Associação Médico-Espírita de Cuba.¹⁸¹

Em relação ao trabalho desenvolvido pela AME-Brasil, Marlene Nobre, presidente, avalia que, não obstante seja ela uma “plantinha pequenina” diante de um grande campo a ser cultivado, em muitos aspectos a entidade avançou. Segundo ela:

Temos um trabalho de muito ideal e sacrifício. Claro que ainda falta muito, principalmente na base sólida e estrutural da AME-Brasil e de suas regionais, mas conseguimos formar uma massa crítica, extrapolando o campo médico-espírita, sendo chamados às universidades. E ter extrapolado o meio espírita é uma façanha.¹⁸²

Parte disso se deve, de acordo com Marlene Nobre, ao fato de a entidade “[...] ter sempre conversado com outras culturas e religiões, respeitando-as”.¹⁸³ “Apesar de a mídia ainda torcer o nariz para o nosso trabalho, temos conseguido, aos poucos, quebrar certos tabus e mostrar que um novo paradigma está surgindo”, diz. “Em termos de conceito e necessidade de implantação de saúde e espiritualidade, realmente avançamos bastante”,¹⁸⁴ complementa.

2.3 A biomedicina em crise

“A ciência médica fez tanto progresso nas últimas décadas que hoje, praticamente, não existe mais nenhuma pessoa sadia!”

(Aldous Huxley)

A crise da biomedicina é um tema freqüente não só entre os estudiosos da medicina senão também em toda mídia, de uma maneira geral. Sobre este assunto, são apontadas poucas saídas, enquanto sobejam problemas levantados. Para Madel Luz, que define a situação da medicina como “[...] uma crise nas suas dimensões ética, política, pedagógica e

¹⁸¹ ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. Histórico. Disponível em: <http://amesaopaulo.org.br/novo/index.php?option=com_content&task=view&id=12&Itemid=28>. Acesso em: 15 set. 2008.

¹⁸² CAMPOS, Giovana. Associação médico-espírita de São Paulo. 40 anos inserindo o paradigma espiritual na prática clínica. op. cit., p. 4.

¹⁸³ Idem, ibidem, p. 4.

¹⁸⁴ Idem, ibidem, p. 4.

social”,¹⁸⁵ os problemas mais recorrentes são: os programas de atenção médica precários, a ênfase na diagnose em detrimento da cura do sujeito doente, a relação médico-paciente determinada pelas leis do mercado, os crescentes custos dos tratamentos e exames, a competição entre as especialidades médicas e os demais profissionais de saúde, os conflitos entre médicos e os cidadãos que estão em busca de atenção à saúde, e a incapacidade de se formarem profissionais de saúde que sejam aptos à resolução dos problemas na área de saúde.¹⁸⁶

Entre as soluções freqüentemente apontadas para essa crise estão maiores investimentos no setor, vontade política, refinamento técnico-administrativo, melhor estruturação do sistema e melhorias na gestão. No entanto, a despeito da importância dessas medidas, urge solucionar uma questão ainda mais importante e polêmica: a crise do próprio paradigma biomédico.¹⁸⁷ Não são poucos os estudiosos que criticam ou já criticaram o “reducionismo” organicista da medicina vigente: dentre eles podemos citar os trabalhos de Clavreul¹⁸⁸ e de Foucault¹⁸⁹ – já clássicos –, e, dentre os mais recentes no país, os já citados Camargo Jr. e Queiroz.

Para esses autores, a crise da medicina ocidental moderna refere-se, como antes aludido, à crise de seu paradigma dominante, inteiramente identificado com o positivismo. Fundamentada neste, a biomedicina não leva em conta, tanto na determinação do seu objeto de conhecimento como na maneira de abordá-lo, o papel da sociedade, da cultura, da comunidade científica e da própria história. Supõe-se que, da mesma forma que qualquer objeto natural, a saúde e a doença possam ser explicadas exclusivamente pela interação mecânica das diferentes partes do organismo humano.¹⁹⁰

¹⁸⁵ LUZ, Madel T. Cultura contemporânea e medicinas alternativas: novos paradigmas em saúde no fim do século XX. op. cit., p. 150.

¹⁸⁶ Idem, ibidem, p. 150.

¹⁸⁷ Na perspectiva biomédica, as doenças são entendidas como se fossem “[...] coisas, de existência concreta, fixa e imutável, de lugar para lugar e de pessoa para pessoa.” Expressam-se por um conjunto de sinais e sintomas que são manifestações de lesões de uni ou multicausalidades, que alteram a morfologia e a dinâmica do corpo. Elas devem ser buscadas no âmago do organismo e corrigidas por algum tipo de intervenção concreta: terapêutica medicamentosa ou cirúrgica. CAMARGO JR., Kenneth R. A biomedicina. *PHYSIS – Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro: IMS/Uerj, v. 7, n. 1, 1997, p. 186. Sendo a doença e a lesão os referenciais da clínica médica, o objetivo do médico deve ser a identificação da doença e a sua causa – esta sendo removida, a cura da doença necessariamente acontece. Doença e lesão estabelecem, desse modo, uma relação de interdependência. GUEDES, Carla Ribeiro; NOGUEIRA, Maria Inês; CAMARGO JR., Kenneth Rochel de. A subjetividade como anomalia: contribuições epistemológicas para a crítica do modelo biomédico. *Ciência & saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 4, out./dez. 2006, p. 136.

¹⁸⁸ CLAVREUL, J. *A ordem médica: poder e impotência do discurso médico*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

¹⁸⁹ FOUCAULT, M. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

¹⁹⁰ Os fundamentos da medicina ocidental moderna alicerçam-se na mecânica clássica. Assim, os médicos supõem poder isolar as partes do todo para compreendê-las e, adiante, reintegrá-las ao seu mecanismo original – a leitura do todo é o resultado da leitura das partes isoladas. Ostentam um discurso de caráter universal e generalizante, deixando os casos individuais em plano secundário. Kenneth R. A biomedicina. op. cit., p. 47-48.

Segundo Queiroz, a perda da visão unificadora do paciente, e deste com o seu meio, começou a ocorrer com a Revolução Industrial, atingindo o paroxismo no século XX. Trata-se, portanto, de um fenômeno recente e sem paralelo dentro da história do ocidente. A singularidade desse fenômeno, adverte o autor, se torna bastante evidente quando o sistema médico em questão é confrontado com outros sistemas não-ocidentais, a exemplo da Acupuntura e da medicina Ayurvédica; ou ainda com os sistemas populares da África, Ásia ou América Latina.¹⁹¹ Esses sistemas têm em comum o pressuposto de que a saúde e a doença dependem do relacionamento tanto das diferentes partes do organismo entre si, como deste com o seu contexto sócio-cultural.

Camargo chama atenção para a seguinte contradição: nem todas as manifestações da doença podem ser explicadas a partir do modelo doença/lesão e seus correspondentes; assim, aquelas que não se enquadram nos referenciais da biomedicina tornam-se um problema para o diagnóstico, colocando em xeque o saber médico. Nesse caso, os sintomas físicos persistem sem que o médico possa detectar uma doença.

Para Camargo e Queiroz, autores sintonizados com a antropologia, a biomedicina ignora o fato de que o sofrimento seja uma experiência que envolve uma série de questões que vão além do biológico, já que se referem a questões psicológicas, culturais e sociais. Na maioria das vezes, os sintomas subjetivos não são levados em conta, ou mesmo, não se sabe como lidar com eles.¹⁹² As doenças não são vistas – como deveriam ser, na visão desses estudiosos – como construções, ficções criadas e categorizadas por homens, mas como entidades efetivamente concretas. Estas se apresentam e cabe ao médico identificá-las, encontrar a lesão e, parafraseando Foucault,¹⁹³ dar “visibilidade àquilo que está invisível”. Enquanto os referenciais teóricos do médico são os acima citados, o sofrimento do paciente torna-se irrelevante; “[...] quando a doença passa a ser ‘real’ o paciente virtualiza-se”.¹⁹⁴

¹⁹¹ QUEIROZ, Marcos S. O paradigma mecanicista da medicina ocidental moderna: Uma perspectiva antropológica. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 20, n. 4, 1986, p. 314.

¹⁹² A biomedicina, situando-se no âmbito das ciências naturais, busca trabalhar com dados físicos e quantificáveis. Fiel a esse objetivo, ela não leva em conta a subjetividade do adoecimento – a complexidade e a singularidade do sofrimento humano –, já que ela não pode ser objetivada e generalizada. Os conhecimentos da morfologia e da fisiologia são parâmetros do que é normal ou patológico na aparência e na dinâmica do organismo. Os sintomas que não são constatados empiricamente são abandonados e relegados ao campo da metafísica. CAMARGO JR., Kenneth R. *A biomedicina*. op. cit., p. 181. “Para Canguilhem, a medicina contemporânea estabeleceu-se cindindo a doença e o doente: a medicina de hoje fundamentou-se, com a eficácia que cabe reconhecer, na dissociação progressiva entre a doença e o doente, ensinando a caracterizar o doente pela doença, mais do que identificar uma doença segundo o feixe de sintomas espontaneamente apresentado pelo doente.” Apud GUEDES, Carla Ribeiro, NOGUEIRA, Maria Inês; CAMARGO JR., Kenneth Rochel de. *A subjetividade como anomalia*. op. cit., p. 1095.

¹⁹³ FOUCAULT, M. *O nascimento da clínica*. op. cit.

¹⁹⁴ GUEDES, Carla Ribeiro; NOGUEIRA, Maria Inês; CAMARGO JR., Kenneth Rochel de. *A subjetividade como anomalia*. op. cit., p. 1096.

A necessidade de uma abordagem biopsicossocial¹⁹⁵ é freqüente no discurso biomédico atual. Entretanto, como Camargo Jr. nos lembra, existe uma total primazia do campo biológico sobre os demais: “Categorias fundamentais no que concerne ao adoecer como, por exemplo, SOFRIMENTO, SAÚDE, HOMEM (no sentido de ‘ser humano’), VIDA, CURA encontram-se perdidas nas brumas do imaginário ou empurradas para o terreno da metafísica, pois esse campo não é considerado objeto da física clássica”.¹⁹⁶ [grifos do autor].

Para Queiroz, a presença hegemônica de uma medicina de custos crescentes baseada no hospital e na alta tecnologia em países como o Brasil, cuja grande maioria populacional é subalimentada e possui escasso controle ambiental, é muito irracional. Ehrenreich acrescenta que o aumento do nível da atividade médica numa sociedade contemporânea não corresponde a um aumento do nível de saúde da população como se esperaria.¹⁹⁷ O que se verifica de fato é que, enquanto a destinação de recursos para a área médica na maioria dos países desenvolvidos tem se multiplicado a partir dos anos 50, os ganhos em saúde têm sido irrisórios nas últimas décadas. Além disso, existem as doenças provocadas diretamente pela ação da intervenção médica, ou seja, as doenças iatrogênicas.

A emergência, no campo da saúde coletiva, de novas abordagens para se pensar o adoecimento, tais como a clínica ampliada, a humanização do atendimento, as discussões sobre a integralidade das ações de saúde e a produção do cuidado com vistas à transformação do modelo tecno-assistencial são tentativas de superar este modelo reducionista vigente na medicina atual. Concomitantemente a estas propostas tem-se observado nos últimos anos uma crescente demanda das medicinas ditas alternativas em nossa sociedade, principalmente a partir das últimas duas décadas do século passado.¹⁹⁸

¹⁹⁵ Trata-se de alusão a três domínios que supostamente traduzem a totalidade do homem: Biologia, Psicologia e Sociologia. No discurso, esses domínios costumam ser expressos em um único termo: biopsicossocial. Entretanto, na prática, mostram-se fragmentados; pois, de acordo com Camargo Jr, os “[...] termos ‘psico’ e ‘social’ não passam de referências genéricas, subordinadas ao primado do discurso biológico”. CAMARGO JR., Kenneth R. A biomedicina. op. cit., p. 55.

¹⁹⁶ Camargo Jr. K. Apud GUEDES, Carla Ribeiro; NOGUEIRA, Maria Inês; CAMARGO JR., Kenneth R. de. A subjetividade como anomalia. op. cit., p. 1096.

¹⁹⁷ Apud QUEIROZ, Marcos S. O paradigma mecanicista da medicina ocidental moderna. op. cit., p. 312.

¹⁹⁸ Ao passarmos em revista a produção antropológica sobre a saúde, percebemos que, enquanto a medicina científica foi considerada como sendo fundamentada em conhecimentos objetivos, neutros e independentes de influências sócio-econômicas e culturais, os sistemas medicinais alternativos foram considerados, de um modo geral, inefetivos – quando não perigosos. Hoje, no entanto, muitos estudiosos sustentam a idéia de que as teorias da doença, sejam elas científicas ou religiosas, são partes do repertório cultural de grupos humanos e variam no tempo e no espaço em consonância com a variação cultural (ver, por exemplo, Luz, Minayo e Queiroz, citados na bibliografia). Daí a perspectiva de que a medicina científica ocidental é também inevitavelmente cultural, social e ideológica. O que dissermos a respeito das medicinas alternativas é extensível à medicina espírita, que, embora se proclame complementar à oficial, situa-se, assim como as alternativas, à margem da medicina hegemônica.

Essas terapias são em sua maioria orientais. Elas defendem formas simplificadas e não invasivas no tratamento das doenças, a utilização de medicamentos provenientes de produtos naturais (não químicos) e uma proposta ativa de promoção da saúde, diferente do preventivismo médico, pautado no combate às doenças. Nesse caso, o *naturismo* significa não apenas a rejeição da medicina especializada e tecnicizada, por ser invasiva, iatrogênica, e, portanto, antinatural, mas também a afirmação da força curativa da natureza e da eficácia maior das terapêuticas provenientes da natureza.¹⁹⁹

A autora Madel Luz resume:

A busca social de culturas médicas orientais, intensificada a partir dos anos 70, sobretudo das medicinas chinesa e hindu, com suas visões da saúde do homem ditas holistas ou integrais, mas de fato profundamente espiritualizadas, é sintoma de um abalo sísmico de natureza ideológica que tem se mantido e propagado desde então na cultura ocidental, com maior ou menor intensidade nacional ou conjuntural ... [sic] Esse abalo atinge a cosmovisão que informa a medicina científica moderna, sua concepção tecnicista e atomizante do homem e de suas doenças, concepção baseada na física clássica herdada de Newton e na visão dualista (corpo/alma) do ser humano herdada de Descartes.²⁰⁰

Completando esse mosaico de sistemas medicinais que concorrem com a biomedicina, convém lembrar que no Brasil, de acordo com Madel Luz, a busca pelas medicinas espirituais da umbanda, do candomblé e dos centros kardecistas, utilizados sincreticamente como forma terapêutica popular, é freqüente mesmo pelos pacientes que se tratam pela medicina convencional.²⁰¹

Frente aos impasses defrontados pela medicina oficial, apresentados acima, a busca por outros meios de cura, que não os quimioterápicos, vêm crescendo. Deve-se acrescentar que a própria etiologia vem sendo revista: males e causas de mortes passam a ser cada vez mais relacionados com as condições de trabalho e de vida num determinado contexto sócio-econômico e cultural.²⁰² Portanto, ao mesmo tempo em que a biomedicina passa a abrir-se, lentamente, para novas experimentações, a considerar aspectos subjetivos como objetos de especulação, instaura-se também um espaço nesse campo de forças, o da saúde, para o crescimento das medicinas alternativas.

Ciente das dificuldades da biomedicina em relação aos desafios mencionados, e, ao mesmo tempo, atentos às incipientes mudanças nessa ciência, os médicos espíritas têm se

¹⁹⁹ Apud NOGUEIRA, Maria Inês; CAMARGO JR., Kenneth Rochel de. A orientalização do Ocidente como superfície de emergência de novos paradigmas em saúde. *História, ciências, saúde-Manguinhos*, v. 14, n. 3, p. 841-861, jul./set. 2007, p. 856.

²⁰⁰ Apud idem, ibidem, p. 850.

²⁰¹ LUZ, Madel T. Cultura contemporânea e medicinas alternativas. op. cit., p. 157.

²⁰² QUEIROZ, Marcos S. O paradigma mecanicista da medicina ocidental moderna. op. cit., p. 313.

articulado para difundir seus pressupostos como uma solução a esses impasses e contribuir com as mudanças em curso. Fazendo coro com as medicinas alternativas, mas, ao mesmo tempo, delas se distanciando,²⁰³ os médicos espíritas vêm reforçando as críticas ao “reducionismo” da biomedicina e defendendo uma espécie de abertura para as propostas holísticas que tomam de assalto a época em que vivemos.

Ao analisarmos a medicina espírita, temos em vista que a identidade desses médicos e as suas estratégias de ação são forjadas no diálogo com o paradigma médico hegemônico. A sociedade, cremos, não é um sistema coerente, mas um arranjo pluralístico de grupos que competem entre si para impor a sua visão de mundo.²⁰⁴ O que é legítimo e correto para um grupo pode não o ser para um outro. A simples criação de uma norma implica necessariamente a criação de desviantes, uma vez que não existem normas ou leis universais, neutras e independentes de interesses específicos de grupos sociais. Existe um processo de interação entre membros da sociedade em contínua negociação, seja para projetar uma imagem do “eu” na vida cotidiana, seja para definir uma estratégia diante de uma situação. Nesse processo de interação e negociação dentro da sociedade, não percebemos, entretanto, uma simetria de “forças”. Assim, acreditamos que os modos e ideologias de cura dos médicos espíritas se manifestam de modo subordinado ou até mesmo respondendo, parcial ou totalmente, a certos vazios não preenchidos pela extensão do cuidado médico oficial – espaço, esse, que aumenta com a crise da medicina hegemônica.

É através, portanto, dessas lacunas deixadas pela medicina oficial, longe ainda de serem preenchidas, que os espíritas vão granjeando espaço na sociedade. Neste momento de fragilidade da corporação médica, de cisão entre pesquisadores a respeito do próprio paradigma, o caminho fica aberto a experimentações, como é o caso dos estudos sobre o efeito da religiosidade na saúde. É no rastro dessas mudanças que a medicina espírita encontra espaço para divulgar seus pressupostos.

²⁰³ Os médicos espíritas frisam sempre que são formados pela academia e que o tratamento espírita é complementar a ela. No discurso deles parece estar implícita certa superioridade em relação às chamadas medicinas alternativas, uma vez que a medicina espírita – avalizada pelos espíritos superiores como a “Medicina do Novo Milênio” – é a fusão “perfeita” do saber acadêmico com as “realidades superiores”, codificadas por Kardec e atualizadas principalmente pelas psicografias de Francisco Cândido Xavier.

²⁰⁴ QUEIROZ, Marcos de Souza; CANESQUI, Ana Maria. Antropologia da medicina: uma revisão teórica. *Revista de Saúde Pública*, v. 20, n. 2, 1986, p. 157.

2.4 EQM, Transcomunicação pessoal.... testemunhos do *post mortem*?

“Os fenômenos, longe de serem a parte essencial do Espiritismo, dele não é senão o acessório, um meio suscitado por Deus para vencer a incredulidade que invade a sociedade [...]”

(Allan Kardec)

Durante a primeira metade do século XX, os diretores da Federação Espírita Brasileira (FEB) imprimiram a essa instituição, segundo Emerson Giumbelli, uma “orientação evangélica”: assim, todas as suas atividades – desde as doutrinárias até as assistenciais – eram entendidas pelo viés cristão. A identidade entre “espiritismo-cristianismo-evangelho” havia sido, inclusive, referendada durante a primeira reunião do conselho federativo, no ano de 1926.

Embora se definissem como “evangélicos”, os espíritas não se opunham substancialmente ao que fosse científico: eles continuariam sustentando a validade científica dos fundamentos da doutrina. Porém:

O problema nesse caso é que pareciam ter se esgotado as fontes mais autorizadas de onde podiam ser retiradas as ‘provas’ e os testemunhos mais convincentes: nos Estados Unidos e na Europa, escasseavam os cientistas que afirmavam ter comprovado a existência *post-mortem* da alma e a maioria caminhava a passos largos para as formulações da futura parapsicologia. Diante disso, as dimensões e implicações ‘morais’ do espiritismo ganharam, com o passar do tempo, maior ênfase.²⁰⁵

É o que justifica, segundo o pesquisador, a instauração, em termos funcionais, de “[...] uma oposição entre ‘moral/ciência’, ‘evangelização’/‘experimentação’, para designar a especificidade de um ‘espiritismo brasileiro’.”²⁰⁶

Esboçada a auto-referendada identidade do espiritismo brasileiro durante a primeira metade do século XX, embora sem abordar as minúcias do contexto de época, senão apenas apontando brevemente a escassez de “provas” do *post mortem*, argumentaremos a seguir que, diversamente daquele período, atualmente existe um extenso campo em que os espíritas podem haurir “testemunhos mais convincentes” a favor de alguns fundamentos espíritas. Neste trabalho abordaremos especificamente o que diz respeito aos médicos espíritas. Trata-se de pesquisas (não-espíritas) que procuram provar (ou refutar) a subsistência da vida após a morte, ponto fundamental do espiritismo, e de estudos que postulam, entre outras coisas, a possibilidade de a mente interagir com a matéria – o que validaria a fluidificação das águas,

²⁰⁵ GIUMBELLI, Emerson. *O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do Espiritismo*. op. cit., p. 252-253.

²⁰⁶ Idem, *ibidem*, p. 253.

os passes magnéticos e o poder das preces, bem como concorreria para a comprovação do princípio de que o espírito “plasma” o corpo em consonância com a própria vibração (donde a idéia de que as doenças provenham da alma).

No tocante especificamente à busca pela comprovação da reencarnação, o cirurgião Fernando Guimarães expressa de forma resumida o argumento que defendemos. Segundo ele:

Na década de 60, o relato de casos sugestivos de reencarnação, a transcomunicação instrumental e a terapia de regressão a vidas passadas, dão ao meio acadêmico-científico a oportunidade de retornar ao tema da “sobrevivência após a morte”.²⁰⁷

O entusiasmo com essas novas “fontes autorizadas”, parafraseando Giumbelli, é esboçado por Marlene Nobre. No seguinte trecho, a médica espírita frisa o empenho, na temática afim ao paradigma médico-espírita, de pesquisadores não-espíritas: logo, isentos de *a priori* e amparados por pesquisas realizadas no seio da comunidade acadêmica:

Hoje, como ontem, há fortes argumentos em favor da existência do Espírito, como resultado de pesquisas, conduzidas por investigadores que, de um modo geral, desconhecem o Espiritismo, e são realizadas em diversas áreas, tais como: Experiência de Quase Morte (NDE), Visões no Leito de Morte, Experiência Fora do Corpo, Transcomunicação Instrumental e Reencarnação.²⁰⁸

Embora pesquisas que municiem os médicos espíritas de “argumentos mais convincentes” venham surgindo desde a década de 1960, é sobretudo na atualidade que elas alcançaram visibilidade, seja pelo incremento no número de pesquisas e sua diversificação, seja pelo aumento da quantidade de pessoas que reapropriam, relaboram, e, enfim, difundem o resultados dessas investigações.

O investimento dos médicos espíritas, de maneira mais contundente, na cientificidade de seus postulados – ou, pelo menos, a consistência desse investimento –, acompanha o volume e a visibilidade dessas pesquisas, que, hoje, dizem respeito não apenas à sobrevivência do espírito, como já citado, mas a várias temáticas afins ao espiritismo. Cremos que isso explique o fato de o grande crescimento vertical e horizontal das AMEs – isto é, o crescimento do número de congêneres, que ultrapassam as fronteiras do país, e a diversificação de suas atividades – ser um fenômeno atual.

²⁰⁷ GUIMARÃES, Fernando Augusto Garcia. Ciência espírita: grandes vultos. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Medicina e Espiritismo*. São Paulo [s.n.], 2004, p. 36. Mais a frente, Guimarães retoma essa idéia: “Na segunda metade do Século XX, especialmente a partir da década de 1960, as pesquisas no campo da sobrevivência da alma e sua possibilidade de comunicação são retomadas através das investigações das Experiências de Quase Mortes (EQM), da análise das Visões no Leito de Morte (VLM), da Transcomunicação Instrumentação (TCI), e de novas investigações sobre o fenômeno da psicografia.” Idem, *ibidem*, p. 48.

²⁰⁸ Ao afirmar que “ontem” também havia “argumentos em favor da existência do Espírito”, Nobre talvez deseje se referir principalmente ao contexto da codificação do espiritismo por Kardec, quando esse assunto estava em voga.

Podemos dividir as pesquisas afins ao paradigma médico-espírita em dois eixos: no primeiro, situam-se as que são motivadas por *novas tecnologias*, e, no segundo, as impulsionadas pela *revolução da física*, assunto que abordaremos mais adiante. No que diz respeito às pesquisas relacionadas a novas tecnologias, podemos citar, antes de abordar esse assunto mais detalhadamente, três pesquisas: a *transcomunicação instrumental*, que, por meio de programas de computador, supostamente capta vozes e/ou vídeos de espíritos; as que mapeiam áreas do cérebro durante a oração ou “atividade mediúnica”, por meio de *ressonância magnética*; e as pesquisas sobre o fenômeno das experiências de quase-morte (EQMs), possíveis, em grande parte, graças a novas técnicas de *ressuscitação*.²⁰⁹

Algumas dessas pesquisas dizem respeito diretamente ao papel do médico espírita, como as pesquisas sobre o efeito da oração; outras atingem de forma não tão direta, como, por exemplo, aquelas que procuram comprovar a reencarnação. Embora esta última não se relacione diretamente aos assuntos de cura e terapia, suas conseqüências são fundamentais para vários pressupostos desses médicos: sua comprovação abriria precedentes para que o tratamento das doenças se dirigisse, prioritariamente, ao espírito, e concorreria para o estudo das influências espirituais, como a obsessão,²¹⁰ entre tantas outras hipóteses que se fundamentam na crença da reencarnação.

Sobre as tomografias computadorizadas e técnicas afins, embora as abordaremos mais pormenorizadamente no próximo item deste capítulo, podemos, de antemão, mostrar a empolgação dos médicos espíritas acerca das potencialidades dessa tecnologia. Segundo eles, é possível e desejável que os médicos espíritas façam estudos sobre fenômenos e teorias espíritas, como, por exemplo, a mediunidade, a partir dessas tecnologias:²¹¹

Este fenômeno [a mediunidade] pode ser analisado sob vários aspectos. Pode ser investigada a sua correlação com a anatomia e o funcionamento do cérebro. A Tomografia Computadorizada por Raios X, a Ressonância Magnética, a Tomografia Computadorizada por Emissão de Pósitrons, são recursos que podem ser utilizados nesta investigação. A correlação, descrita na literatura espírita, por psicografia (obras de André Luiz psicografadas por Francisco Cândido Xavier), da mediunidade com a glândula pineal pode ser um dos caminhos. A Tomografia Computadorizada por Raios X ou a Ressonância Magnética podem determinar se

²⁰⁹ De acordo com o médico espírita José Santos, “Graças ao fantástico progresso do conhecimento médico e das técnicas de ressuscitação, cada vez mais um número maior de pessoas vem sobrevivendo a situações clínicas graves, muitas vezes diagnosticadas como morte clínica.” SANTOS, José Roberto. Experiência de quase morte. ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Medicina e Espiritismo*. op. cit., p. 173.

²¹⁰ Segundo Kardec, obsessão “É a ação persistente que um espírito mau exerce sobre um indivíduo. [Ela] Apresenta caracteres muito diversos, desde a simples influência moral, sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais.” KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003, p. 556.

²¹¹ A exemplo de pesquisas já realizadas pelo físico Amit Goswami, cujas idéias abordaremos à frente.

há diferenças anatômicas nas glândulas dos médiuns quando comparadas com o indivíduo que não é médium.

A Tomografia Computadorizada por Emissão de Pósitrons é uma associação da tomografia computadorizada, com a detecção da emissão de pósitrons, oriundos de glicose marcada radiativamente, injetada por via endovenosa no paciente que irá se submeter ao exame. Presta-se para medir a atividade cerebral. Avaliar por esta técnica, as regiões do cérebro que estarão em atividade durante o fenômeno de clarividência e clariaudiência, podem ser uma boa abordagem de investigação do fenômeno mediúnico. Realização de eletroencefalograma durante o transe mediúnico é outra forma de avaliar a interferência do fenômeno no funcionamento do cérebro.²¹²

A Transcomunicação Instrumental,²¹³ já mencionada, diz respeito à captação de vozes e imagens de espíritos por meio de aparelhos eletrônicos. Embora a Transcomunicação seja conhecida há mais de um século, ela passou por décadas de ostracismo e só agora vem ganhando o investimento de pesquisadores em várias partes do mundo, com o aperfeiçoamento dos seus aparelhos e técnicas. “A técnica evoluiu muito e hoje é possível contactar o além através do computador, inclusive com sincronia de imagens, sem sair de casa”.²¹⁴

De acordo com a revista *Isto É*:

Há estudiosos, como a paulista Sonia Rinaldi, que empregam física, fonética, biometria e tecnologia digital para asfaltar a estrada que parecia interdita entre esses dois planos, o dos vivos e o dos mortos. A ferramenta, nesse caso, é a ciência e não a fé.²¹⁵

²¹² GUIMARÃES, Fernando Augusto Garcia. Ciência espírita: grandes vultos. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Medicina e Espiritismo*. op. cit., p. 51. A pineal é uma minúscula glândula, imersa no meio do cérebro, que influencia o funcionamento do sistema imunológico, e que, segundo muitos espíritas, é responsável também pela “atividade mediúnica”; ela desempenha uma função, *grosso modo*, de “antena”, capaz de captar o campo eletromagnético, através do qual a “espiritualidade” interfere.

²¹³ “Embora esta técnica seja pouco conhecida, ela existe há mais de 100 anos. A primeira obra sobre o assunto foi publicada no Rio de Janeiro em 1925 por Oscar D’argonne onde o autor relata diversos casos de comunicação com os mortos através do telefone. Mas, por se tratar de um veículo propenso a fraudes, o livro não recebeu a devida importância e passaram-se décadas até que em 1959, Friedrich Jurgenson, sueco e crítico de arte, gravava o canto dos pássaros no campo e percebeu vozes que pareciam humanas no meio da gravação. Estava sozinho e as vozes apareciam em línguas diferentes, o que descartava a possibilidade de tratar-se de uma estação de rádio amadora. As vozes então apresentaram-se como sendo vozes de pessoas mortas. Impressionado, Friedrich Jurgenson passou a aperfeiçoar suas técnicas, obtendo resultados notáveis. Ele então reuniu toda sua experiência no livro ‘Telefone para o Além’ tornando o assunto mais conhecido.” Retirado do texto “Transcomunicação Instrumental”, do site do *Instituto de Pesquisas Avançadas em Transcomunicação Instrumental (IPATI)*.

Disponível em: <<http://ipati.org/imprensa/Entrevista%20Sonia%20Rinaldi.pdf>> Acesso em: 25 maio 2008.

²¹⁴ Idem, *ibidem*.

²¹⁵ FONSECA, Celso; LOBATO, Eliane. Falando com o além. *Isto é independente*. São Paulo: Ed. Três, n. 1918, 26 jul. 2006. Damasceno Junior, estudante de jornalismo, prodigaliza adjetivos a esse artigo da *Isto É*: “sem meias palavras, [ele é] um exemplo da pior das crias que a preocupante aliança entre a estultice das pseudociências e o jornalismo medíocre, para não dizer de má-fé, pode gerar. Deixando de lado as questões religiosas e de crença irracional envolvidas no infeliz texto de autoria de Celso Fonseca, Eliane Lobato e Ricardo Miranda, o que faz a matéria ser merecedora de críticas inflamadas, senão do mais puro asco, é a forma irresponsável com que a ciência é tratada. Irresponsável e temerária. Num mundo em que a ciência e a tecnologia ocupam um espaço cultural e detêm influência muito maior do que o cidadão comum gostaria de aceitar, é

Sonia Rinaldi, “[...] uma das maiores especialistas em Transcomunicação Instrumental (TCI)”,²¹⁶ “[...] pelo rigor de suas pesquisas conquistou três prêmios internacionais pelas descobertas pioneiras e projetos científicos com institutos da Suíça e Suécia.”²¹⁷ Além disso, a pesquisadora agrega ao seu currículo “[...] o primeiro caso autenticado por um laboratório internacional de um contato com um espírito”: trata-se do caso *Edna*, jovem falecida num acidente de trânsito. Sua mãe, Cleusa Julio, procurou a Associação Nacional de Transcomunicadores, presidida por Sonia, e conseguiu estabelecer comunicação com a menina. Uma das conversas gravadas entre mãe e filha foi enviada a um centro de pesquisas em Bolonha, na Itália: o Laboratório Interdisciplinar de Biopsicocibernética, “[...] único na Europa totalmente dedicado ao exame e análise científicos de fenômenos paranormais”.²¹⁸ Junto, foi encaminhada outra fita com um recado deixado por Edna, antes de morrer, numa secretária eletrônica. O resultado foi um “[...] laudo técnico de 52 páginas, cuja conclusão diz: a voz gravada por meio da transcomunicação é a mesma guardada na secretária eletrônica”.²¹⁹

Mais contundentes, no que se refere aos indícios da existência do espírito, como afirmam muitos médicos espíritas, são as investigações de Experiências de Quase Morte (EQMs),²²⁰ “cujos registros têm sido realizados por colegas médicos de diversos países,

fundamental que instrumentos de informação competentes estejam a serviço do interesse público, a fim de manter o leitor a par do que se passa por trás dos panos das realizações científicas. DAMASCENO JUNIOR, Luiz Carlos. Isto É no além: Ciência paga o pato da incompetência jornalística. *Observatório da Imprensa*. ano 15, n. 392, 1 out. 2006. O médico Paulo Bandara, já citado, faz vários comentários a esse artigo. Em suas palavras: “Vemos que não se pode confundir ciência com fé, motivo do artigo! Mais uma vez parabênico o estudante de jornalismo Luiz Carlos Damasceno Junior por não entrar neste mérito! [...] Infelizmente não é só a ISTOÉ que abandonou a capacidade científica de seus artigos, mas a Veja, Superinteressante, Galileu e outras dirigidas ao público leigo carecem de seriedade nas suas matérias. Por isto que a nossa população é presa fácil de curandeirismo, charlatanismo, misticismos como eram na Idade Média. As mesmas falsidades que eram vendidas na época têm trânsito livre nestas revistas como se o tempo tivesse parado. Se não tivéssemos desenvolvido nenhum método para por aprova [sic] alegações sobrenaturais, falsa ou embuste [...]” Idem, *ibidem*.

²¹⁶ FONSECA, Celso; LOBATO, Eliane. Falando com o além. op. cit.

²¹⁷ Texto escrito pela pesquisadora em seu currículo Lattes. Nele também se encontram referências as suas pesquisas. Nas palavras de Rinaldi: “inúmeras revistas e boletins, tanto do Brasil como do Exterior abordam a minha pesquisa. Entre elas cito: UFO Magazine, de Nova York, julho 2008; ITC Journal, August 2008 de Vigo, Espanha; Diversos Boletim Quanten Sprung, de Luxemburgo / Áustria; Diversos Boletins da AAEVP, Electronic Voice Phenomenon (EUA); Diversos Boletins DBSF Darmstadt, da Alemanha; Diversas revistas Le Messenger, da França; No Brasil: UFO, número 122 maio 2006 (entrevista com 9 páginas); Espiritualidade e Ufologia, ed. Especial, número 56 2.007; Revista Internacional de Espiritismo, no. 06 julho 2006; Revista C. de Espiritismo, número 40, junho 2006; UFO Informe, número 109, junho 2008; Revista Sexto Sentido, número 9, março 2.000; Revista Esotera, número 3, setembro 2003; Revista Planeta, número 1322 de 2003; etc...”. A autora cita ainda: “por duas vezes nossa pesquisa foi capa da Revista Isto É: em maio de 2.000 e, de novo, em julho de 2006” Cf. Currículo Lattes de Sonia Regina Rinaldi Basilise. Disponível em:

<<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4489671T2&tipo=completo&idiomaExibicao=1>>

²¹⁸ FONSECA, Celso; LOBATO, Eliane. Falando com o além. op. cit.

²¹⁹ Idem, *ibidem*.

²²⁰ Segundo Bruce Greyson, psiquiatra da Universidade da Virgínia, EUA, “[...] quando algumas pessoas vivenciam um estado próximo do da morte, elas referem uma experiência profunda, na qual acreditam deixar seus corpos e ingressar em alguma outra esfera ou dimensão, transcendendo os limites do ego e as fronteiras

psicólogos e outros investigadores e que evidenciam a presença de um ser imaterial, presidindo o corpo humano”.²²¹ O fenômeno é tratado em toda a mídia: revistas, filmes e novelas já abordaram o tema. A revista *Galileu*, por exemplo, destacou a notoriedade desse fenômeno:

De todos os fenômenos ligados ao sobrenatural, talvez não exista um mais convincente de que pode haver uma existência extracorpórea do que as chamadas “experiências fora do corpo”. Comumente disparadas por situações em que a pessoa está à beira da morte, elas consistem na sensação de que a pessoa deixou seu corpo e paira sobre o ar, observando tudo à sua volta – inclusive a si mesma – de uma perspectiva diferente.²²²

Para os médicos espíritas estas experiências oferecem subsídios importantes para o questionamento do paradigma biomédico. Eles instigam: “Como poderia o paciente experimentar uma clara consciência, fora do corpo, no momento em que o cérebro é afetado por uma parada cardíaca e o eletroencefalograma mostra-se plano?!”²²³ A explicação sustentada por eles é que a EQM estaria ligada a um estado alterado de consciência, durante o qual a alma se deslocaria do corpo, conservando, entretanto, a sua capacidade de percepção não sensorial, a sua identidade, cognição e emoção, independentemente do corpo inconsciente.²²⁴

Não obstante a contundência apregoada ao fenômeno, ele é alvo de disputas teóricas:

Há três grandes classes de teoria para explicar a experiência de quase morte, que são baseadas, primariamente, no entendimento de que os pacientes estavam próximos à morte no momento de suas experiências; 1) Psicológica – os relatos da EQM seriam uma resposta psicológica à ameaça da morte e estariam ligados a condicionantes culturais e religiosos; 2) Fisiológica – os elementos da EQM procediam de alterações fisiológicas cerebrais que acompanham o processo de

convencionais do tempo e do espaço.” O termo “near-death experiences” (NDE), de acordo com Greyson, foi cunhado pelo Psiquiatra e Filósofo Raymond A. Moody, que, estudando americanos que sobreviveram a essas experiências, delineou algumas características específicas, comumente referidas por eles. “Essas características, que definem uma experiência de quase-morte, tanto no meio acadêmico como na linguagem popular, incluem inefabilidade, ouvir o anúncio da própria morte, envolventes sentimentos de paz, ouvir um ruído, ver um túnel, sentir estar fora do corpo, encontrar-se com seres não-físicos, um ‘ser de luz’, realizar uma revisão da vida, retornar à vida, passar pela experiência de contar aos outros sobre essa vivência, os efeitos dessa vivência sobre a vida da pessoa que vivenciou uma EQM, ter novas visões da morte e a comprovação de conhecimentos não adquiridos por meio da percepção normal”. Assim apresenta-nos Greyson, sumariamente, os estudos de Moody – cuja obra, *Life after life*, data de 1975. GREYSON, Bruce. Experiências de quase-morte: implicações clínicas. *Revista psiquiátrica clínica*, v. 34, 2007, p. 117. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v34s1/a15v34s1.pdf>> Acesso em: 10 nov. 2008.

²²¹ NOBRE, Marlene R. Severino. *A alma da matéria: clonagem humana, fundamentos da Medicina espírita*. 2. ed. São Paulo: Fé Editora Jornalística, 2005, p. 8.

²²² NOGUEIRA, Salvador. Em busca da alma. *Galileu*. n. 193, ago. 2007. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDR78259-7943,00.html>> Acesso em: 25 maio 2008.

²²³ NOBRE, Marlene R. Severino. *A alma da matéria*. op. cit., p. 9.

²²⁴ Idem, *ibidem*, p. 9.

morrer; 3) Transcendental – entende que os relatos provêm de um vislumbre da existência que nos espera após a morte.²²⁵

Um argumento que tem quase sempre seu lugar em disputas teóricas como essa, utilizado sobretudo por aqueles que não pertencem ao *mainstream*, os chamados heterodoxos, é o de que o ego obnubila o acesso à “verdade”. Os médicos espíritas também o utilizam, reiterando a estratégia já utilizada por Kardec contra os detratores de sua doutrina. A respeito das controvérsias em torno do fenômeno das EQMs, os espíritas arrazoam:

A ironia da ciência é que, às vezes, o método científico destrói a nossa capacidade de estudar um fenômeno. Como os cientistas reconhecem, o simples ato de observar um experimento pode, na verdade, modificar o resultado do mesmo. Isto significa que há uma enorme diferença entre dizer que “algo não existe” e “não posso documentar, de uma maneira reprodutível, que algo não existe”.

Vejamos como a isso se reporta o Dr. Moody: “As explicações são apenas sistemas intelectuais abstratos. São também, sob certos aspectos, projeções dos egos das pessoas que as defendem. As pessoas tornam-se emocionalmente casadas, por assim dizer, com as normas da explicação científica que elaboram ou adotam.”²²⁶

Para provar para a comunidade acadêmica a relevância do fenômeno e, sobretudo, a veracidade dos relatos dos pacientes que sofreram EQM, os médicos espíritas propalam – em livros, congressos, entrevistas e *sites* – pesquisas de várias autoridades no assunto. No livro *A alma da matéria*, Marlene Nobre lista alguns peritos sobre o tema: “Estes casos (de EQMs) podem ser acompanhados na casuística do cardiologista Michael Sabom, dos psiquiatras, Raymond Moody Jr e Elizabeth Kübler-Ross, do pediatra Melvin Morse, e dos psicólogos Kenneth Ring e Margot Grey, além de outros”.²²⁷ Artigos publicados em revistas prestigiadas são também outra fonte de autoridade: um dos artigos citados por Nobre, de autoria de uma equipe de médicos da Holanda, chefiada pelo cardiologista Pim Van Lommel, figurou nas páginas da “conceituada revista *Lancet*”.²²⁸

Notamos que, se por um lado, os resultados dessas pesquisas científicas (transcomunicação pessoal e EQMs) não chegam, na maioria dos casos, exatamente ao mesmo lugar em que desejariam os espíritas – a prova inequívoca da existência da alma –, por outro lado, os cientistas não conseguem, de acordo com a revista *Galileu*, “[...] sustentar que a consciência [seja] totalmente produzida por uma máquina bioquímica – o cérebro, e nada mais [...]” Para chegar a essa conclusão, “[...] os pesquisadores provavelmente também terão de demonstrar esse fato. Além de explicar as minúcias do funcionamento das redes de

²²⁵ SANTOS, José Roberto. Experiência de quase morte. ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Medicina e Espiritismo*. op. cit., p. 198.

²²⁶ Idem, *ibidem*, p. 205.

²²⁷ NOBRE, Marlene R. Severino. *A alma da matéria*. op. cit., p. 8.

²²⁸ Idem, *ibidem*, p. 8.

neurônios, eles precisarão provar que qualquer outra máquina – até um computador – pode se tornar consciente, se seguir a receita básica de funcionamento do cérebro.”²²⁹ Ou seja, de uma forma ou de outra, os médicos espíritas ainda saem ganhando: a discussão acerca da existência ou não da alma atinge grande número de pessoas, e tanto o parecer biomédico quanto o de seus opositores são postos à apreciação de toda a sociedade. Engendra-se, dessa forma, a possibilidade de os espíritas serem ouvidos fora de seus círculos.

2.5 Religião: o ópio contra o sofrimento

“O coração alegre serve de bom remédio, mas o espírito abatido virá a secar os ossos”.

(Provérbios 17:22)

“Há uma revolução em curso na medicina que mudará para sempre a forma de tratar o paciente.”²³⁰ Inicia-se, assim, em tom profético, o artigo *Tratamentos para a alma*, publicado na revista *Isto É* de 27 de agosto de 2008. Segundo as autoras do artigo – que faz coro com outros artigos dessa e de outras revistas²³¹ – “médicos e instituições hospitalares do mundo todo começam a incluir nas suas rotinas de maneira sistemática e definitiva a prática de estimular nos pacientes o fortalecimento da esperança, do otimismo, do bom humor e da espiritualidade”.²³² Em outro artigo da mesma revista, sublinha-se que a religião, “tema, que sempre incomodou os homens da ciência, também começa a ganhar destaque na literatura científica, em eventos médicos e nas escolas de medicina.”²³³

Não obstante o exagero, próprio da linguagem jornalística, não são poucos os estudos sobre o valor da espiritualidade no tratamento da saúde.²³⁴ O objetivo da inclusão dessa e do

²²⁹ NOGUEIRA, Salvador. Em busca da alma. op. cit.

²³⁰ PRADO, Adriana; RODRIGUES, Greice. Tratamentos para a alma – Médicos e hospitais começam a adotar a espiritualidade e a esperança como recursos para o combate de doenças. *Isto é independente*. São Paulo: Ed. Três, n. 2025, 27 ago. 2008. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoe/edicoes/2025/artigo99610-1.htm>> Acesso em: 7 set. 2008.

²³¹ Como, por exemplo: CÔRTEZ, Celina; PEREIRA, Cilene; TARANTINO, Mônica. A medicina da alma – os cientistas já admitem que as práticas espirituais fazem bem à saúde. *Isto é independente*. São Paulo: Ed. Três, n. 1859, jun. 2005 e CARUSO, Marina. Médicos da fé – profissionais utilizam suas crenças religiosas no trabalho do dia-a-dia. *Isto é independente*. São Paulo: Ed. Três, n. 1554, 14 jul. 1999.

²³² PRADO, Adriana; RODRIGUES, Greice. Tratamentos para a alma. *Isto é independente*. op. cit.

²³³ CÔRTEZ, Celina; PEREIRA, Cilene; TARANTINO, Mônica. A medicina da alma. op. cit.

²³⁴ “No Brasil, a nova postura faz parte do cotidiano de instituições do porte do Instituto do Coração (InCor), em São Paulo, da Rede Sarah Kubitschek e do Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia (Into), no Rio de Janeiro, três referências nacionais na área de reabilitação física. Nos Estados Unidos, o conceito integra a filosofia de trabalho, entre outros centros, do Instituto Nacional do Câncer, um dos mais importantes pólos de pesquisa sobre a enfermidade do planeta, e da renomada Clínica Mayo, conhecida por estudos de grande repercussão e tratamentos de primeira linha.” PRADO, Adriana; RODRIGUES, Greice. Tratamentos para a alma. *Isto é independente*. op. cit.

otimismo no tratamento da saúde é o de “[...] despertar ou fortificar nos indivíduos condições emocionais positivas, já abalizadas pela ciência como recursos eficazes no combate a doenças”.²³⁵ “Esses elementos funcionariam, na verdade, como remédios para a alma – mas com repercussões benéficas para o corpo”.²³⁶

A adoção desta postura, de acordo ainda com o artigo da revista *Isto É* de agosto de 2008, partiu da constatação empírica de que atitudes mais positivas vinham ocasionando benefícios aos pacientes. Isso começou a ser observado principalmente em centros de tratamento de doenças graves, como câncer e males que exigem do indivíduo força incomensurável para lidar com a dor e suas agruras. No cotidiano, os médicos percebiam que os doentes que se amparavam em algum tipo de fé e que cultivavam a esperança na recuperação, de fato, apresentavam melhores prognósticos. A partir daí, pesquisadores ligados principalmente a essas instituições iniciaram estudos sobre o tema.

Hoje as pesquisas abundam. Abordando especificamente o tema “espiritualidade e saúde”, existem, de acordo com o *site* da AME-Brasil, centenas de trabalhos publicados em revistas científicas prestigiadas, como *The Lancet*, *New England Journal of Medicine*; *British Medical Journal*, *JAMA* etc.²³⁷ Aliás, sob a denominação de *Espiritualidade e Medicina*, já existem até mesmo cursos regulares ou opcionais, e também de pós-graduação, em 2/3 das universidades americanas.²³⁸

Esse fenômeno é resultado de várias circunstâncias. Uma delas diz respeito à demanda dos próprios pacientes por um tratamento que contemple a saúde em dimensões mais amplas, incluindo, mesmo, o lado espiritual.²³⁹ Uma pesquisa realizada pela Universidade de Ohio (EUA), em 2004, com 798 pessoas, mostrou que cerca de 85% dos voluntários gostariam de discutir sua fé com o médico e 65% deles esperavam compreensão desse desejo por parte dos “doutores”.²⁴⁰ Talvez essa conclusão seja extensível para o Brasil, país marcado pela religiosidade.

Outra razão que explica o crescimento da importância do assunto fundamenta-se, como vimos, na percepção dos efeitos positivos da espiritualidade por meio da observação

²³⁵ PRADO, Adriana; RODRIGUES, Greice. Tratamentos para a alma. *Isto é independente*. op. cit.

²³⁶ Idem, *ibidem*.

²³⁷ NOBRE, Marlene R. Severino. A construção da espiritualidade na medicina. *AME-Brasil* (*site* da AME-brasil). Disponível em: <http://www.amebrasil.org.br/down/rev_POR.pdf>. Acesso em: 22 set. 2007.

²³⁸ Como por exemplo, nas Escolas Médicas de Harvard, com Herbert Benson, judeu; de Duke, com Harold Koenig, católico; do Novo México, com William Miller, luterano. Idem, *ibidem*.

²³⁹ CÔRTEZ, Celina; PEREIRA, Cilene; TARANTINO, Mônica. *A medicina da alma*. op. cit.

²⁴⁰ Idem, *ibidem*.

clínica.²⁴¹ Já são muitos os médicos que fazem essa constatação no dia-a-dia. O oncologista Riad Yunes, do Hospital do Câncer de São Paulo, por exemplo, observou que “Os pacientes que têm religiosidade parecem suportar mais as dores e o tratamento. Também lidam melhor com a idéia da morte”.²⁴²

Além da constatação clínica de que a prática religiosa ajuda as pessoas na manutenção ou recuperação da saúde, há vários estudos científicos defendendo essa idéia:²⁴³ a título de ilustração e reforço de nosso argumento, citaremos alguns deles. O Centro da Espiritualidade e da Mente da Universidade da Pensilvânia empreendeu uma pesquisa que compara a atividade cerebral durante a meditação de budistas tibetanos e monges franciscanos. Nos dois grupos houve um aumento de neurotransmissores que proporcionam sensação de bem-estar e disposição. O centro inclui a meditação no tratamento de pacientes de câncer e dores crônicas. Além da meditação, a fé leva as pessoas a envolverem-se com a comunidade, evitar excessos físicos, aprender a respirar, atividades que fazem bem por si só.²⁴⁴

O *Jornal de Notícias*, periódico lusitano, destacou que “Um grupo internacional de investigadores, em que participou um psicólogo português, comprovou que os crentes suportam mais a dor do que os não crentes.”²⁴⁵ “Trata-se do primeiro estudo em que se demonstra o que se passa no cérebro de pessoas bastante crentes quando estão a viver experiências religiosas e ao mesmo tempo a ser sujeitas a estímulos dolorosos”,²⁴⁶ explicou Miguel Farias, Doutor em Psicologia Experimental pela Universidade de Oxford e investigador em teologia e psicologia nas universidades de Oxford e Cambridge.

Nesse estudo, os pesquisadores submeteram dois grupos de voluntários (12 católicos praticantes e 12 ateus e agnósticos) a pequenas descargas elétricas, ao mesmo tempo em que lhes mostravam, alternadamente, duas imagens – uma religiosa e outra não religiosa – e lhes registravam a atividade cerebral por ressonância magnética. “Em termos de estimulação eléctrica foi como se fossem picadas de agulha na palma da mão, ou bicadas de pica-pau, durante 12 segundos de cada vez” – elucidou Miguel Farias. “Depois havia um descanso e a

²⁴¹ A busca pela espiritualidade no tratamento de doenças justifica-se também pela crise da biomedicina, em sua dificuldade em lidar com algumas degenerativas, como câncer, doenças do coração, hipertensão arterial, doenças psiquiátricas, “[...] entre outras que não se mostram tratáveis pela intervenção tecnológica baseada no modelo unicausal de doenças.” QUEIROZ, Marcos S. O paradigma mecanicista da medicina ocidental moderna. op. cit., p. 312.

²⁴² CÔRTEZ, Celina; PEREIRA, Cilene; TARANTINO, Mônica. A medicina da alma. op. cit.

²⁴³ FRUTUOSO, Suzane. A força da fé. São Paulo. *Revista Época*: Globo, n. 459, 2 mar. 2007.

²⁴⁴ Idem, ibidem.

²⁴⁵ A RELIGIÃO é o ópio do cérebro. *Jornal de notícias*, 10 maio 2008. Sociedade. Disponível em:

<http://jn.sapo.pt/PaginaInicial/Sociedade/Interior.aspx?content_id=1022414>

²⁴⁶ Idem, ibidem.

experiência prosseguia durante cerca de 45 minutos”.²⁴⁷ O resultado foi que os crentes sentiram menos dor ao verem a imagem religiosa do que ao verem a outra e menos dor do que o outro grupo, tendo a ressonância magnética revelado uma alteração da atividade cerebral apenas enquanto viam essa imagem.²⁴⁸

O médico Harold Koenig, da Universidade de Duke (EUA), mostrou, entre outros resultados, que pessoas que adotam práticas religiosas ou mantêm alguma espiritualidade apresentam 40% menos chance de sofrer de hipertensão, possuem um sistema de defesa mais forte, são menos hospitalizadas, se recuperam mais rápido e tendem a sofrer menos de depressão quando se encontram debilitadas por enfermidades.²⁴⁹ Os exemplos de pesquisas poderiam se multiplicar *ad nauseam*.²⁵⁰ Entretanto, resta-nos acrescentar que, para muitos cientistas, a constatação de que a espiritualidade pode ajudar na saúde é apenas um começo: parte da comunidade científica deseja saber o que se processa na intimidade do organismo quando as pessoas oram e lêem textos sagrados e qual o impacto disso na capacidade de se defender das doenças. Embora não existam estudos conclusivos, acredita-se que a fé possa produzir mudanças na bioquímica do cérebro. Para o psicólogo e clínico João Figueiró, do Centro Multidisciplinar da Dor do Hospital das Clínicas (HC/SP):

Setores do sistema nervoso relacionados à percepção, à imunidade e às emoções são alteráveis por meio das crenças e significados atribuídos aos fatos, entre outros fatores. Assim, um indivíduo religioso tem condições de atribuir significados elevados ao seu sofrimento físico e padecer menos do que um ateu ou agnóstico.²⁵¹

²⁴⁷ A RELIGIÃO é o ópio do cérebro. *Jornal de notícias*. op. cit.

²⁴⁸ Idem, ibidem.

²⁴⁹ CÔRTEZ, Celina; PEREIRA, Cilene; TARANTINO, Mônica. *A medicina da alma*. op. cit.

²⁵⁰ Os estudos sobre o efeito da religiosidade na saúde não estão isentos de críticas. Paulo Bandarra, dirigente do *Movimento Medicina Responsável*, cujo propósito, segundo ele, é a defesa dos consumidores contra práticas “pseudocientíficas” de atenção à saúde, é um dos ácidos críticos desse tipo de pesquisa. Num texto em que reage ao artigo da *Isto É* de 1 de junho, Bandarra, referindo-se à pesquisa de Harold Koenig, provoca: “Como se mede a espiritualidade de uma pessoa [...]?” “É claro que é um trabalho tendencioso fazendo manipulação na sua escolha dos ‘crentes’. Será que os estados Islâmicos, muito mais praticantes da religião, possuem índices de saúde melhor do que o pouco crente mundo ocidental? Os índices de saúde não afirmam isto!” Também não poupou críticas ao trabalho, também citado nesse artigo da *Isto É*, de Thomas McCormick, do Departamento de História e Ética Médica da Universidade de Washington (EUA), igualmente defensor da idéia de que a fé ajuda os indivíduos. Bandarra argumenta: como poderia a religião ajudar as pessoas, se ela “[...] não muda o efeito do antibiótico, não evita pegar sarampo, não previne infecção hospitalar e nem garante melhor desempenho de uma medicação contra câncer. Mesmo que se dobre ou triplique o dízimo ou se ajoelhe no milho em constricta penitência! E estes aspectos é que interessam a ciência e a medicina que se baseia nela! Se a fé modificasse as doenças não se poderiam usar modelos animais para saber a sua história natural e nem para testar tratamentos. Mas por serem coisas completamente naturais, é que elas se comportam iguais [...] O que realmente faz a diferença é o acesso à educação, aos bens de consumo e ao progresso”. BANDARRA, Paulo Bento. *Isto É* vendendo misticismo. *Fórum Projeto Ockham*. Disponível em: <<http://www.projetoockham.org/cgi-bin/yabb/YaBB.cgi?board=midia;action=display;num=1117889059>> Acesso em: 8 maio 2009. Este tipo de querela é ilustrativo da dimensão das mudanças que ocorrem na biomedicina; o que está em discussão é o próprio limite dessa ciência: quais são os objetos legítimos de pesquisa, como controlar os seus resultados, em quais situações o expediente de indução é válido, etc.

²⁵¹ CÔRTEZ, Celina; PEREIRA, Cilene; TARANTINO, Mônica. *A medicina da alma*. op. cit.

Para aprofundar as investigações, está surgindo até um novo campo de conhecimento, chamado de *neuroteologia*. Trata-se de uma área de pesquisa dedicada ao estudo da resposta das regiões cerebrais em face da fé e da espiritualidade. Um dos pesquisadores da área, o neurocirurgião Raul Marino Jr., chefe do setor de neurocirurgia do Hospital das Clínicas de São Paulo e autor do livro *A religião do cérebro*,²⁵² argumenta que “Práticas como a prece, a meditação e a contemplação modificam a produção de substâncias do cérebro que têm atuação em locais como o sistema límbico, envolvido no processamento das emoções”.²⁵³ Marino reuniu estudos feitos com aparelhos de ressonância magnética, PET/Scan (equipamento de imagem de última geração) e dezenas de trabalhos mostrando as modificações no cérebro.

Independente da maneira como os médicos oficiais expliquem os benefícios ocasionados na saúde pela espiritualidade,²⁵⁴ a estimulação desse sentimento religioso como terapia presta-se aos médicos espíritas em muitos aspectos, entre os quais: não apenas aponta para o fato de que a medicina moderna deva dividir a responsabilidade do tratamento com os pacientes – o que os associados à AME defendem arduamente –,²⁵⁵ mas, sobretudo, e por isso mesmo, que ela deva abrir mão da “arrogância” de encerrar em si toda a promessa de cura.

A busca de respostas para a cura que envolva a atitude mental do próprio paciente parece ser o início da aceitação, ainda que geralmente implícita, dos limites da biomedicina pelos médicos oficiais, que pressupõem que a resolução da lesão corporal deve ser buscada no campo da quimioterapia.²⁵⁶ Se essa asserção, a do início da aceitação dos limites da

²⁵² Na sinopse desse livro, dedicado ao estudo das reações cerebrais em virtude da fé, pode-se ler: “[...] a antiga crença de que a espiritualidade começa onde a ciência termina é um grave engano. Ambas se completam em um abraço grande e íntimo, proporcionando uma nova visão do mundo.” MARINO JÚNIOR, Raul. *A religião do cérebro: as novas descobertas da neurociência a respeito da fé humana*, São Paulo: Editora Gente, 2005.

²⁵³ CÔRTEZ, Celina; PEREIRA, Cilene; TARANTINO, Mônica. A medicina da alma. op. cit.

²⁵⁴ Alguns especialistas acreditam que os benefícios provenham da natureza comportamental do paciente: “Em geral, quem é otimista, tem esperança e cultiva alguma fé costuma ter hábitos mais saudáveis [...] [e seguir] melhor o tratamento”. Outros estão convencidos de que existe um fundamento biológico no uso da espiritualidade. Para este grupo “Está provado que a manutenção de um estado de espírito mais seguro e esperançoso desencadeia no organismo uma cadeia de reações que só trazem o bem”. PRADO, Adriana; RODRIGUES, Greice. Tratamentos para a alma. *Isto é independente*. op. cit.

²⁵⁵ Como veremos mais à frente, os médicos espíritas defendem que toda cura, na realidade, é um processo de auto-cura, já que o restabelecimento da saúde depende principalmente da vontade e do engajamento do paciente.

²⁵⁶ É a partir de Pasteur e Koch que a medicina passa a ser encarada como uma ciência natural, cujo foco é o combate aos microorganismos geradores de doenças. A ela atribuiu-se, então, o poder de controlar todas as doenças pela descoberta de antídotos específicos às suas causas específicas, tendo o indivíduo e não a população como objeto de interesse. A reforma da profissão médica nos Estados Unidos, após o relatório Flexner, consolidou a hegemonia do paradigma mecanicista, ainda hoje vigente. A descoberta dos antibióticos a partir de 1930 e a sua comercialização depois de 1945 refletiram o auge desse paradigma, levando muitos a crerem que a resolução da maioria dos problemas de saúde deveria ocorrer no campo da quimioterapia. Cf. QUEIROZ, Marcos S. O paradigma mecanicista da medicina ocidental moderna. op. cit., p. 309-312. Em tempo: na definição do Instituto Nacional do Câncer (INCA), do Ministério da Saúde, Governo Federal, “A quimioterapia é o método que utiliza compostos químicos, chamados quimioterápicos, no tratamento de doenças causadas por

biomedicina pelos médicos oficiais, não for de fato verdadeira, ela o é pelo menos no imaginário dos médicos espíritas.

O fato de os médicos espíritas pleitearem o reconhecimento do paradigma espírita pela própria comunidade científica é uma evidência de que dialogar com a medicina oficial e jogar com as regras por ela estabelecidas é o meio de alcançar legitimidade. Em suas variadas publicações – livros, jornais, *sites* – os médicos espíritas fazem sempre referências aos estudos científicos sobre o valor da espiritualidade, publicados nas mais prestigiadas revistas científicas, e estimulam os colegas de ideal a fazer pesquisas utilizando os métodos da ciência formal. Além disso, desencorajam o tratamento de qualquer doença por meio unicamente de casas espíritas, isto é, sem o acompanhamento profissional.²⁵⁷

É jogando com as armas e as regras estabelecidas pela medicina oficial, portanto, que os médicos espíritas utilizam as pesquisas científicas sobre os efeitos da espiritualidade como uma das justificativas não só para a realização de palestras e simpósios, como também para a abertura de disciplinas que relacionam medicina e espiritualidade nas universidades.²⁵⁸ Em relação a essas disciplinas, três universidades oferecem-nas como optativa, são elas: Universidade Federal do Ceará, que oferta a disciplina *Medicina e Espiritualidade*, coordenada pela AME-Ceará; a Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro, a disciplina *Saúde e Espiritualidade*, coordenada pela AME-Triângulo Mineiro/Uberaba; e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a disciplina *Medicina, Saúde e Espiritualidade*, ministrada pelo Departamento de Medicina Clínica dessa Universidade, com participação da AME-RN.

agentes biológicos”. Quando aplicada ao câncer, a quimioterapia é chamada de quimioterapia antineoplásica ou quimioterapia. Cf. MINISTÉRIO da Saúde. *Quimioterapia*. Disponível em:

<[antiblasticahttp://www.inca.gov.br/conteudo_view.asp?id=101](http://www.inca.gov.br/conteudo_view.asp?id=101)> Acesso em: 26 maio 2008.

²⁵⁷ Nos livros lançados pela *Folha Espírita* (FE), editora que divulga obras de médicos espíritas, os autores parecem, entretanto, escapar, em várias ocasiões, às regras da ciência formal e às vezes até mesmo àquela que chamamos de “ciência espírita”. Sobre esse último assunto, muitos são os livros mediúnicos citados em função da autoridade do autor, sem maiores discussões. Já em outras ocasiões, insinua-se a idéia de que o conhecimento espiritual esteja muito acima do conhecimento da medicina comum; assim, os leitores são conclamados a prestar mais atenção no que a espiritualidade tem a ensinar.

²⁵⁸ O protocolo de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (OMS), de 1946, também é frequentemente lembrado pelos médicos espíritas na defesa do paradigma médico-espírita. Neste, ficou acordado que “A saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental, social e não apenas a ausência de doença”. Cf. ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas (ONU). Constituição da Organização Mundial da Saúde. Preâmbulo. Disponível em: <<http://www.unifran.br/mestrado/promocaoSaude/docs/ConstituicaoodaWHO1946.pdf>>. Acesso em: 2 maio 2009. Compreendendo que o bem estar mental deve contemplar também a dimensão espiritual, os médicos espíritas têm evocado esse protocolo como mais uma das justificativas para a abertura de cursos de *espiritualidade e medicina* nas universidades. Os espíritas o consideram mais do que um marco no avanço da superação do materialismo da medicina convencional: “Trata-se de uma definição que foi sabiamente inspirada pelos benfeitores espirituais, mesmo tendo sido redigida nos conturbados momentos do pós-guerra”. MOURA, Antunes Marta. Saúde e doença. *O Reformador*. Brasília: FEB, ano 126, n. 2.153, 2008, p. 153. A leitura dos grandes eventos históricos é sempre híbrida: de um lado, o esforço dos homens na superação de suas estreitas limitações, de outro, a “espiritualidade superior” ajudando na condução dos eventos, embora não os determinando.

Além dessas instituições, a Universidade Santa Cecília oferece o Curso de Extensão: *Bases da Integração Cérebro-Mente-Corpo-Espírito*, coordenado pela Associação Médico-Espírita de Santos.²⁵⁹

Eliane Oliveira, uma das professoras responsáveis por ser a Universidade Federal do Ceará “[...] a primeira universidade brasileira a ter, oficialmente, em sua grade curricular no curso de Medicina, a disciplina opcional Medicina e Espiritualidade”, responde, em entrevista ao jornal *Folha Espírita*,²⁶⁰ algumas questões sobre o curso e sua implantação. Sobre o conteúdo estudado no primeiro e segundo módulos ocorridos em 2004, a professora explica:

Foram realizadas 12 palestras, vivências, apresentação de vídeo (Vida após a Vida – Dr. Raymond Mood) e algumas reflexões. Inicialmente, tecemos considerações sobre o Paradigma da Integralidade e Espiritualidade, refletindo sobre a visão de ser humano integral e multidimensional, e que somos em essência seres espirituais, interligados uns com os outros, com o ambiente e com o cosmos. A seguir refletimos acerca do Paradigma Quântico, que desmantelou o paradigma cartesiano-mecanicista, o materialismo e nos traz uma nova visão de mundo. Relação Médico-Paciente foi abordada no sentido de se refletir acerca da habilidade de comunicação humanizada que devemos nos esforçar em aprender e cultivar. Saúde e Fé; Oncologia e Espiritualidade; O Despertar da Espiritualidade em situações de risco; Medicina e Espiritualidade; Autocuidado; Tanatologia e Experiência de Quase-Morte foram os temas abordados. Este último tema foi um dos que mais empolgou os alunos, suscitou reflexões sobre o fato de estarmos conectados com outras dimensões e como necessitamos de sabedoria espiritual.²⁶¹

A importância de uma iniciativa espírita dessa, o da criação de uma disciplina com tal temática numa universidade pública, pode ser atestada pela aprovação ou incentivo de um “espírito iluminado”. Daí a importância da pergunta seguinte à professora:

Você teve intuição ou mesmo orientação direta de espíritos para a fundação dessa cadeira?

Eliane – Em 3 de abril de 2003 iniciamos o Núcleo de Estudos Espírita-Cristão Chico Xavier, todas as quintas-feiras, em nosso Departamento de Morfologia, com a colaboração do professor Alan Marcos Neves da Silva, atual chefe do setor. Comunicamos, por escrito, à Marlene Nobre, presidente das Associações Médico-Espíritas do Brasil e Internacional, sobre nossas singelas reuniões de estudo. Em setembro de 2003 ela gentilmente nos enviou um exemplar de seu magnífico livro *O Clamor da Vida*, com uma dedicatória que nos dizia para progredirmos na implantação da cadeira de Medicina e Espiritualidade. Imediatamente percebemos a orientação da Espiritualidade Superior através de suas palavras. Representamos o Departamento de Morfologia no Conselho de Graduação da nossa faculdade e temos acompanhado as mudanças em nosso currículo médico, que, dentre outras modificações, requer a criação de disciplinas opcionais, e percebemos que o momento propício havia chegado. Então, dra. Marlene diretamente inspirou a

²⁵⁹ FOLHA Espírita. Universidade Federal do Ceará - Pioneira em curso de Medicina de Espiritualidade, fev. 2005. Disponível em: <http://www.amebrasil.org.br/html/outras_uni.htm> Acesso em: 2 maio 2010.

²⁶⁰ Periódico Espírita presidido por Marlene Nobre.

²⁶¹ FOLHA Espírita. Universidade Federal do Ceará - Pioneira em curso de Medicina de Espiritualidade. op. cit.

criação da disciplina Medicina e Espiritualidade na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará!²⁶²

Esses cursos, embora atrelados à AME, não carregam, em seu nome, nenhum termo que faça menção direta ao espiritismo, mas à *espiritualidade*. Portanto, além de serem ministrados sob o signo da *medicina complementar* – logo, não oposta à medicina acadêmica –, o são também sob a rubrica da espiritualidade, isto é, sob os auspícios de uma dimensão que vem recebendo algum investimento acadêmico, o que ampara e dá legitimidade a esses cursos. Em princípio, então, tais cursos – obedecendo ainda aos dispositivos que versam sobre a laicidade no ensino – não se destinam a um público proficiente, mas que entrevêm na espiritualidade uma ferramenta capaz de agir na promoção da saúde e do bem-estar, independente das eventuais implicações religiosas disso.

2.6 Holismo, física quântica e espiritismo.

“[...] o universo] não é uma coleção de acidentes ajuntados externamente, tal qual uma colcha de retalhos.”

(Pierre Weil)

“[...] desenvolvemos um meio científico de falar sobre o que as tradições espirituais têm falado há muito tempo com a linguagem e o auxílio apenas da intuição.”

(Amit Goswami)

O termo *holismo*, não obstante tenha sido cunhado já em 1926, por Jan Christian Smuts,²⁶³ em seu livro *Holism and Evolution*, só tomou força a partir da década de 1980, vinculado ao emergente paradigma voltado para a resolução dos múltiplos desajustes causados na natureza pelo homem – aliás, motivo por que o termo é frequentemente associado a discursos ambientalistas.²⁶⁴ Depois de décadas de esquecimento, no entanto, foi sobretudo com a divulgação do *holograma* e do princípio *hologramático* – segundo o qual o todo se encontra em todas as partes – que a palavra *holística* começou a ser utilizada cada vez mais frequentemente.²⁶⁵

O vocábulo *holismo*, que vem do grego (*holos*: “todo”, “inteiro”, “completo”), é usado para designar um modo de pensar, ou considerar a realidade, em que nada pode ser

²⁶² FOLHA Espírita. Universidade Federal do Ceará - Pioneira em curso de Medicina de Espiritualidade. op. cit.

²⁶³ Jan Smuts (1880-1953), filósofo e estadista sul-africano, é considerado o precursor do paradigma holístico, embora as suas formulações sejam bem mais abrangentes do que as defendidas atualmente. “Grandes personalidades, como Jean-Yves Leloup, Roberto Crema e Pierre Weil, assinaram reflexões nessa linha”. CHAER, Laura. Sobre holismo e educação holística. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 6, n. 4, abr. 2006, p. 555.

²⁶⁴ TERRICABRAS, J. M., et al. *Diccionario de Filosofia*, Tomo II (E-J). Editorial Ariel S.A., Barcelona, 1994.

²⁶⁵ CREMA, Roberto; D’AMBROSIO, Ubiratan; WEIL, Pierre. *Rumo à nova transdisciplinaridade: Sistemas abertos de conhecimento*. 4. ed, São Paulo: Summus Editorial, 1993, p. 40.

explicado pela mera ordenação ou disposição das partes, mas, antes, pelas relações que elas mantêm entre si e com o próprio todo.

Os proponentes desse paradigma explicam que, ao fundamentarmos a nossa descrição e vivência da realidade no paradigma mecanicista *cartesiano-newtoniano*, deixamos de considerar as interações existentes entre tudo o que existe e as conseqüências de qualquer de suas alterações. Agindo dessa forma, temos promovido o atual desequilíbrio no mundo, seja do ponto de vista social, econômico ou ambiental.²⁶⁶ E esse desequilíbrio, ou melhor, essa “ampla crise”, ameaça provocar um colapso definitivo da vida na civilização moderna. O desastre de Chernobyl, o buraco na camada de ozônio e as mudanças climáticas seriam o planeta clamando, aos brados, por mudanças.²⁶⁷

Essa crise, entretanto, pode ser instrutiva, pois, ao mesmo tempo em que traz grandes perigos – até mesmo a autodestruição da humanidade, como vimos –, traz também uma oportunidade de “avanço”. Para tanto, “[...] é necessário que identifiquemos a anomalia ou grande falha desse paradigma *cartesiano-newtoniano*”,²⁶⁸ que fundamenta nossa percepção de realidade.²⁶⁹

Pensando nisso, um expoente na defesa desse paradigma, o físico Fritjof Capra, em seu livro *O Ponto de Mutação*²⁷⁰ – que se tornou referência para o pensamento sistêmico – fez um inventário das “falhas” do pensamento cartesiano,²⁷¹ além de uma lista das “vantagens” do paradigma holista ou sistêmico em vários campos da cultura ocidental atual, como a medicina, a biologia, a psicologia e a economia.

Nesse livro, Capra aponta a necessidade de uma nova “visão da realidade”, construída a partir de um modelo que se baseie “[...] na consciência do estado de inter-relação e interdependência essencial de todos os fenômenos – físicos, biológicos, sociais e culturais”.

²⁶⁶ TERRICABRAS, J. M., et al. *Diccionario de Filosofia*, Tomo II (E-J). Editorial Ariel S.A., Barcelona, 1994.

²⁶⁷ CREMA, Roberto. *Introdução à visão holística: breve relato de viagem do velho ao novo paradigma*. São Paulo: Summus, 1989, p. 25.

²⁶⁸ Idem, *ibidem*, p. 22.

²⁶⁹ Já Chaer, fala em “superação” do modelo cartesiano-newtoniano. Para a autora: “prevalecida esta opção, ficam atingidos também grandes inventores como Galileu Galilei (1564-1642), fundador da física; o astrônomo Copérnico (1473-1545); Bacon (1561-1626), filósofo e político inglês; Thomas Hobbes (1558-1679), preconizador do Nominalismo e Associalismo Mecanicista; Isaac Newton (1642-1727), fundador da Mecânica Clássica; John Locke (1632-1704) um dos principais mentores do Iluminismo, o qual também considerou a mente como tábula rasa; René Descartes (1559-1650), pai do espírito moderno, fundador do Racionalismo e do qual ficou célebre seu *cogito ergo sum*”. E, continua a autora: “Em suma, todo o século XIX [que] caracterizou-se por uma crença no determinismo racional, idéias que se fortaleceram com as obras de Darwin (1809-1882), na Biologia, Marx (1818-1883) e Freud (1856-1939), no determinismo psicológico. CHAER, Laura. Sobre holismo e educação holística”. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 6, n. 4, abr. 2006, p. 556-557.

²⁷⁰ CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. São Paulo: Ed Cultrix, 2006.

²⁷¹ Capra, conquanto condene à obsolescência o paradigma *cartesiano-newtoniano* – modelo para o método científico desenvolvido nos últimos séculos –, não desconsidera os benefícios que ele já trouxe à humanidade.

Segundo crê, “[...] esta visão transcende as atuais fronteiras disciplinares e conceituais e terá de ser explorada no âmbito de novas instituições.”²⁷²

Com grandes implicações em quase todas as áreas do conhecimento, a filosofia holística vem provocando questionamentos principalmente nos campos da saúde. Atento a esse fato, Capra, nesse livro, *O Ponto de Mutação*, dedica algumas páginas à análise da medicina, ciência que requer, conforme argumenta, muitas mudanças em seus fundamentos. Segundo o físico:

Os pesquisadores médicos precisam entender que a análise reducionista do corpo-máquina não pode fornecer-lhes uma compreensão completa e profunda dos problemas humanos. A pesquisa biomédica terá que ser integrada num sistema mais amplo de assistência à saúde, em que as manifestações de todas as enfermidades humanas sejam vistas como resultantes da interação de corpo, mente e meio-ambiente, e sejam estudadas e tratadas nessa perspectiva abrangente.²⁷³

Indo além, Capra toca em outra questão também fundamental para os médicos espíritas: conforme ele, “a adoção de um conceito holístico e ecológico de saúde, na teoria e na prática, exigirá não só uma mudança radical conceitual na ciência médica, mas também uma reeducação maciça do público.”²⁷⁴ Os indivíduos, em vez de delegarem toda a responsabilidade pela própria saúde aos médicos e aos medicamentos, terão de aprender a examinar e a refazer o estilo de vida, já que o comportamento doentio, em grande parte impulsionado pelos hábitos modernos, é um grande desencadeador de doenças, argumenta Capra.²⁷⁵

Na picada aberta pelos holistas, seguem também, até onde convêm, os médicos espíritas. Aliás, como vimos no primeiro capítulo, já o Codificador procurava estar a par das idéias de vanguarda, adaptando-as, quando era o caso, ao espiritismo. Assim, como destacamos na ocasião, o paradigma espírita, pelo motivo então exposto, constitui-se de grande flexibilidade, pois o que permanece de fato intocado na doutrina, como enfatizado pelo próprio Allan Kardec, é a sua parte moral: todo o resto deve caminhar de “par com o progresso”.²⁷⁶

Os espíritas de hoje, como naquela época, utilizam-se de teorias correntes não-espíritas para validar as idéias sustentadas pelos espíritos. Em se tratando das proposições

²⁷² CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. São Paulo: Ed Cultrix, 2006, p. 259.

²⁷³ Idem, *ibidem*, p. 154-155.

²⁷⁴ Idem, *ibidem*, p. 155.

²⁷⁵ Idem, *ibidem*, p. 155.

²⁷⁶ Segundo Kardec, “Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.” KARDEC, Allan. *A gênese*. op. cit., p. 69.

holísticas, as de Capra, em especial, são bastante reapropriadas pelos médicos espíritas. O parágrafo seguinte, retirado do livro *A alma da matéria*, de Marlene Nobre, é uma adaptação das principais idéias do autor de *O ponto de mutação* ao paradigma médico-espírita (Capra, em outras ocasiões do livro, é citado nominalmente por Nobre):

A visão espírita de saúde é holística: todos os processos mórbidos são essencialmente mentais, comandados pelo Espírito e todos os fenômenos – físicos, biológicos, sociais, culturais e espirituais – exercem influência sobre ele, que os metaboliza e integra.²⁷⁷

Marlene Nobre lembra-nos que esta visão holística, na área da saúde, não é nova: já havia começado, no ocidente, com Hipócrates.²⁷⁸ O distanciamento dessa visão integral do homem, nesse campo, ou o seu aprofundamento, é que seria novo: data dos dois últimos séculos, “[...] e só recentemente, a partir da década de 1970, observamos a tentativa de resgate da Medicina Espiritual, em algumas instituições isoladas”.²⁷⁹

Ao buscar as raízes da visão holística de saúde no passado distante, no próprio “Pai da medicina”, Nobre procura legitimar a posição daqueles que se alinham atualmente a esta perspectiva. O holismo não seria, assim, uma “moda intelectual” – como tantas que se sucedem –, mas, ao contrário, a visão reducionista é que o seria, se compreendida historicamente.

A identificação das práticas terapêuticas dos médicos espíritas com aquelas exercidas desde Hipócrates, cujo juramento até hoje é reiterado na academia, é estratégico na justificativa do paradigma médico-espírita, uma vez que o controle da memória de uma sociedade, de acordo com o historiador Paul Connerton, condiciona largamente a hierarquia de poder.²⁸⁰ Para Connerton, as nossas experiências do presente dependem em grande medida

²⁷⁷ NOBRE, Marlene R. Severino. *A alma da matéria*. op. cit., p. 4.

²⁷⁸ Segundo Nobre: “Esta visão integral do ser humano começou para a Medicina Ocidental, com Hipócrates, na Escola de Cós, que considerava a saúde como um estado de equilíbrio entre influxos ambientais, modos de vida e vários componentes da natureza humana, entre os quais os humores e as paixões; entendendo-se o equilíbrio dos humores como harmonia química e hormonal e as paixões como interdependência mente/corpo. Tinha em conta também o poder curativo da natureza que correspondia às forças curativas inerentes aos organismos vivos; o médico deveria ajudar essas forças naturais, criando condições favoráveis ao processo de cura”. Idem, *ibidem*, p. 3.

²⁷⁹ Idem, *ibidem*, p. 3-4.

²⁸⁰ Identificar as práticas terapêuticas atuais com aquelas exercidas desde Hipócrates até a modernidade significa, entre outras coisas, corrigir o “erro” que se seguiu a Descartes, qual seja, o fim da visão holística de indivíduo e saúde. Segundo Fritjof Capra, antes desse filósofo “[...] a maioria das terapêuticas atentava para a integração de corpo e da alma e tratava seus pacientes no contexto de seu ambiente social e espiritual. Assim como a visão de mundo mudou com o correr do tempo, o mesmo aconteceu com suas concepções de doença e seus métodos de tratamento, mas eles costumavam considerar o paciente como um todo”. FRITJOF, Capra. *O ponto de mutação*. op. cit., p. 119.

do conhecimento que temos do passado. Além disso, as nossas imagens do passado, normalmente, legitimam a ordem social presente.²⁸¹

Os médicos espíritas argumentam que, ao procurarem as “origens” da medicina, o fazem buscando refazer “[...] o conceito inicial, ainda na Grécia Antiga, quando o profissional da saúde era denominado ‘terapeuta’, que significa ‘aquele que encaminha até Deus’”.²⁸² Entretanto, não pregam uma volta ao passado, senão apenas uma inspiração para o encontro entre religião e ciência. Esse encontro, ou, como argumentam os médicos espíritas, esse “[...] reencontro entre o religioso e o científico, nos dias atuais, já não ocorre numa abordagem mística, de uma fé dogmática, mas, sim, através de estudos e pesquisas, baseados nas mais modernas teorias, em especial da Física Quântica”.²⁸³ O modo como esse ramo da física poderia ajudar nesse (re)encontro é o que nos ocupará agora.

Ab initio é necessário afirmar que os médicos espíritas procuram uma profunda identificação com essa ciência.²⁸⁴ Isso se dá por muitos motivos,²⁸⁵ porém, antes de elucidá-los, convém enfatizarmos o fato de que as principais idéias de física quântica empregadas

²⁸¹ CONNERTON, Paul. *Como as Sociedades Recordam*. Oeiras: Celta Editora, 1999, p. 4. George Orwell sintetizou, na novela *1984*, essa relação entre memória e poder, reduzindo-a a um axioma: “Who controls the past controls the future: who controls the present controls the past”.

²⁸² SOUZA, Roberto Lúcio Vieira de. Medicina e espiritismo: uma pequena contribuição. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Medicina e Espiritismo*. op. cit., p. IV.

²⁸³ Idem, ibidem, p. IV-V.

²⁸⁴ Associando os vocábulos “espiritismo” e “física quântica” nos *sites* de busca da *internet*, aparecem inúmeros artigos, *chats*, anúncios de palestras, entre outros, nos quais se discutem as afinidades entre essas duas “ciências”. Abaixo, um exemplo ilustrativo dessa associação: trata-se de um anúncio de um seminário promovido pela AME-SP em 18 de agosto de 2007 (transcrevemo-no integralmente):

“FÍSICA QUÂNTICA E ESPIRITUALIDADE - Interfaces com Espiritualidade e Espiritismo

- Fundamentos da Física Quântica

(Prof.a. Maria Cristina Abdalla – Prof.a. Livre Docente do Instituto de Física Teórica da Universidade Estadual de São Paulo - IFT/UNESP)

- Espaço para Discussão: Física Quântica e o Espiritismo – é possível compreender melhor as Revelações Espirituais à luz desses conceitos?

(Dra. Marlene Nobre – Presidente da AME-Brasil e AME-Internacional e Prof.a. Maria Cristina Abdalla)

Contribuições da Física Quântica para a construção do Paradigma Espiritual na Saúde

- Comunicação em Saúde – novos rumos através da Física da Alma

(Enf. Ramon Moraes Penha – Mestrando da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo - EE/USP)

- O papel da Espiritualidade no processo de Cura por meio da Medicina Transdisciplinar

(Dr. Fernando Bignardi – Coordenador do Centro de Estudos do Envelhecimento da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP). Disponível em:

<http://www.amesaopaulo.org.br/novo/index.php?option=com_content&task=blogcategory&id=14&Itemid=43>

Acesso em: 8 set. 2008.

²⁸⁵ Insistindo na questão da afinidade que os espíritas encontram nessa física, transcrevemos, à guisa de ilustração, o seguinte trecho de um artigo do cardiologista Oswaldo Moreira: “A Física Quântica, no início do século, demonstrou-nos a fragilidade das bases sobre as quais se fundamentavam as ciências tradicionais. Incríveis descobertas aconteceram: o tempo e o espaço têm uma existência relativa; a matéria não é sólida como se pensava; ela é composta de energia pura e essa pode se manifestar de diferentes maneiras; o Universo é uno e todas as fatos estão, de alguma forma, intimamente [sic] interligados.” Todas essas asserções são também defendidas pelos espíritas. MOREIRA, Oswaldo. Associação do conhecimento médico ao conhecimento espírita no estudo da função celular. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Medicina e Espiritismo*. op. cit., p. 137.

pelos médicos espíritas provêm, principalmente, das obras de Amit Goswani,²⁸⁶ cientista que já esteve, inclusive, algumas vezes nos congressos da AME. Por isso, mais apropriado seria falarmos em “física quântica de Amit Goswani”. Outro fato relevante é o de a academia normalmente vê-lo como um físico *outsider*, heterodoxo, como ocorre com o já citado Fritjof Capra; ele, por sua vez, entende-se – ou pelo menos esse é o rótulo que lhe coube – como construtor de um “paradigma alternativo”, apesar de encontrar colegas que lhe compartilhem as idéias. Isso significa, entre outras coisas, que muitas críticas dirigidas a esse cientista são extensíveis aos médicos espíritas, embora com uma agravante: muitos julgam ser a apropriação do conhecimento da física quântica (mesmo quando ele provenha do já tão controverso Amit Goswami) uma banalização; logo, acham que esse conhecimento deveria ficar confinado ao meio dos “físicos puros”, únicos capazes de lidar com teoria de tamanha complexidade e dar a ela um fim útil.

Acerca das teorias de Amit Goswami com as quais os médicos espíritas se identificam bastante, sem embargo de as apresentarmos de maneira muito esquemática, as principais seriam: a de que a ciência deve se unir à espiritualidade; a de que a consciência não é um epifenômeno do cérebro, mas algo exterior a ele; a efetividade da “comunicação à distância”, “não-local” entre cérebros humanos; a possibilidade de a consciência “criar” a realidade; e a existência da reencarnação.

Em suas passagens pelo Brasil, Amit Goswani participou duas vezes do programa de entrevistas *Roda Viva*, exibido pela TV Cultura:²⁸⁷ a primeira em 12 de março de 2001 e a segunda em 11 de fevereiro de 2008, de onde retiramos a maior parte de suas idéias, justamente pela forma “quase” didática com que as apresentou. O ponto mais abrangente e também mais importante para os espíritas, defendido pelo físico, é a aproximação da ciência com a espiritualidade. De acordo com a impressão de Heródoto Barbeiro, apresentador do programa citado, “[...] ao longo do século XX, os cientistas estiveram ligados muito mais ao materialismo do que à religiosidade. [Entretanto,] nessa virada para o século XXI, [...] essas

²⁸⁶ De acordo com a apresentação do Programa Roda Viva: “Amit Goswami nasceu na Índia e obteve seu doutorado em física nuclear teórica na Universidade de Calcutá em 1964. Professor de física da Universidade de Oregon nos Estados Unidos durante 32 anos, Amit Goswami é autor de vários livros e estudos técnicos onde expõe suas teorias nos campos da física e da espiritualidade. Tornou-se mais conhecido a partir de 2004 ao participar e expor suas idéias no filme *Quem somos nós?*, distribuído também no Brasil.” Disponível em: <http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/187/entrevistados/amit_goswami_2008.htm> Acesso em: 2 maio 2010.

²⁸⁷ Os debates podem ser encontrados, já transcritos, no *site* do próprio programa. Cf. <http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/187/entrevistados/amit_goswami_2008.htm>. Para assistir ao segundo programa, exibido no dia 11/02/08, Cf.: <<http://www.youtube.com/watch?v=nzflwwp3Gc8>> Acesso em: 2 maio 2010.

coisas estão mudando.”²⁸⁸ Diante dessa impressão, o apresentador indaga Goswami de o “[...] porquê dessa aproximação entre a ciência e a espiritualidade”. Para o entrevistado, “Esta mudança da ciência, de uma visão materialista para uma visão espiritualista, foi quase totalmente devida ao advento da Física Quântica”.²⁸⁹ Embora, admita que “ao mesmo tempo, houve algumas mudanças em Psicologia transpessoal, em Biologia evolucionista, e em medicina”.²⁹⁰ Prosseguindo na resposta, Goswami explica que a revolução que a física

[...] quântica causou na física, na virada do século, seria baseada [nas] [...] transições contínuas, não apenas movimento contínuo, mas também descontínuo. Não-localidade. Não apenas transferência local de informações, mas transferência não-local de informações. E, finalmente, o conceito de causalidade descendente. É um conceito interessante, pois os físicos sempre acreditaram – os cientistas sempre acreditaram – que a causalidade subia a partir da base. [Das] Partículas elementares para átomos, para moléculas, para células, para o cérebro. E o cérebro é tudo. O cérebro nos dá consciência, inteligência, todas essas coisas. Mas descobrimos, na física quântica, que a consciência é necessária. O observador é necessário. É o observador que converte as ondas de possibilidades, os objetos quânticos, em eventos e objetos reais. Essa idéia de que a consciência é um produto do cérebro nos cria paradoxos. Em vez disso, cresceu a idéia de que é a consciência que também é causal. Assim, cresceu a idéia da causalidade descendente. Eu diria que a revolução que a física quântica trouxe, com três conceitos revolucionários, movimento descontínuo, interconectividade não-localizada... E, finalmente, somando-se ao conceito de causalidade ascendente da ciência newtoniana normal, o conceito de causalidade descendente, a consciência escolhendo, entre as possibilidades, o evento real. Esses são os três conceitos revolucionários. Então, se houver causalidade descendente, se pudermos identificar essa causalidade descendente como algo que está acima da visão materialista do mundo. Então, Deus tem um ponto de entrada. Agora, sabemos como Deus – se quiser, a consciência – interage com o mundo. Através da escolha das possibilidades quânticas.²⁹¹

Além de ficar patente a aproximação com a espiritualidade, duas asserções pontuais importantes para os médicos espíritas podem ser destacadas da resposta acima: a existência de Deus ou de uma *mente cósmica* e a contestação da tese de que a consciência seja tão-somente um *produto do cérebro*. A primeira assertiva, a existência de Deus, vai ao encontro de todas as religiões, não ao espiritismo em especial, e suas implicações são auto-evidentes para nosso trabalho. Já a idéia de que a consciência não seja um *produto do cérebro* merece maiores considerações.

²⁸⁸ ENTREVISTA com Amit Goswami. *Programa Roda Viva*. 12 mar. 2001. Memória Roda Viva. Disponível em:

<http://www.rodaviva.fapesp.br/materia_busca/193/amit%20goswani/entrevistados/amit_goswami_2001.htm>. Acesso em: 2 maio 2010.

²⁸⁹ Idem, *ibidem*.

²⁹⁰ Idem, *ibidem*.

²⁹¹ Idem, *ibidem*.

Nessa teoria, o ponto de vista da física clássica é invertido: ao invés de a consciência depender do cérebro, o cérebro é que depende da consciência. Enquanto classicamente se defendia a idéia de que tudo se inicia com partículas produzindo átomos, átomos produzindo moléculas, moléculas produzindo neurônios, neurônios produzindo o cérebro e o cérebro produzindo consciência, nessa nova física considera-se a consciência como a fonte *organizadora e manipuladora* dessas partículas. Essa teoria dá subsídios, então, para que os espíritas presumam o seguinte: “o pensamento é *produto da alma* e não secreção do cérebro, como crêem os reducionistas materialistas.”²⁹² [grifos nossos].

Tal teoria oferece ainda recursos para os médicos espíritas tentarem um diálogo com seus colegas materialistas, que são aqueles que constituem o maior desafio à doutrina, como advertira Kardec, dada sua “posição empedernida” – além de “deletéria” e “imediatista” –, avessa a qualquer idéia nova. Ao inverter a tese de que o cérebro seria a fonte da consciência, abre-se a porta para toda uma gama de reflexões acerca da alma e seus atributos. Fica aberto, como queria Kardec, o caminho para o estudo da alma, assim como para os seus efeitos morais, ponto que Goswami também defende.

Goswami argumenta que as consciências estão interconectadas: questão que concorreria para a comprovação da eficácia da prece intercessória²⁹³ e, principalmente, para o que os espíritas chamam de *lei de afinidade*. Um dos pressupostos dessa lei diz respeito às *obsessões*, tanto de encarnados quanto de desencarnados,²⁹⁴ cuja “comprovação”, há muito procurada, é estratégica para conferir *status* – na falta de melhor palavra –, à medicina espírita, visto que a cura de semelhante mal é quase um monopólio do espiritismo, advogam os espíritas.²⁹⁵ De acordo com Goswami:

²⁹² NOBRE, Marlene R. Severino. *A alma da matéria*. op. cit., p. 9. José Santos, presidente da AME-ES, cita ainda outro argumento de outro cientista que guarda semelhança como o de Goswami, segundo ele: “Sheldrake acha que, embora a memória esteja armazenada no cérebro humano, pode, também, existir fora do corpo, nesses ‘campos de força morfogênicos’, e pode ser captada como ondas de rádio, pelos lobos temporais de outras pessoas”. SANTOS, José Roberto. Experiência de quase morte. ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Medicina e Espiritismo*. op. cit., p. 198.

²⁹³ Oração intercessória é a ação de orar por outras pessoas.

²⁹⁴ Disponível em: <http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/187/entrevistados/amit_goswami_2008.htm> Acesso em: 2 maio 2010. Sobre as obsessões, elas podem ser de encarnado para encarnado, de desencarnado para desencarnado, desencarnado para encarnado e vice-versa.

²⁹⁵ Lidar com entidades que perturbam os “encarnados” é uma atividade comum às religiões mediúnicas – expediente que ocorre também com as pentecostais, que, para semelhante mal, dão-lhe o nome de encosto, e, a seus agentes, “satanás”. Porém, segundo os espíritas, enquanto essas religiões apenas expulsam a entidade perturbadora e (perturbada) do convívio de sua vítima, os espíritas doutrinam-na, de modo que, nem a vítima encarnada sofrerá novamente da obsessão desse espírito, nem este voltará a ensimesmar-se nos laços que o prendiam ao seu obsediado (afinidade ou vingança), melhorando a própria existência e concorrendo para melhorar o padrão do orbe.

[...] a consciência [é a] base de todo o ser, que escolhe, dentre as possibilidades quânticas, o evento real da experiência. Dessa forma, essa consciência deve ser não-local. Devemos ter uma interconectividade não-local. E, portanto, duas pessoas deveriam ser capazes de se comunicar não-localmente sem a troca de nenhum sinal. Mas, para ser crível, é melhor que um *fenômeno cerebral seja transferido para outro cérebro*. E, de fato, Jacobo Grinberg, um neurofisiologista da Universidade do México, verificou justamente isto, colocando duas pessoas para meditar juntas com a intenção de se *comunicarem diretamente, sem a troca de sinais*. E, realmente, após um breve tempo de meditação, separados em gaiolas de Faraday independentes – câmaras eletromagneticamente impermeáveis – e com os cérebros conectados a máquinas de eletroencefalograma [EEG], foram mostrados flashes de luz para apenas um dos sujeitos. Então, o cérebro desse sujeito tem uma série de formas de atividade elétrica em resposta aos flashes.²⁹⁶ [grifos nossos].

A tese de Goswami de uma “comunicação à distância, ‘não-local’, entre cérebros humanos”²⁹⁷ corroboraria a idéia defendida pelos espíritas de que

[...] estamos ligados em espírito com todos os encarnados ou desencarnados que pensam como pensamos, tão mais estreitamente quão mais estreita a distância entre nós e eles, isto é, quanto mais intimamente estejamos conjugando a atmosfera mental uns dos outros, independentemente de fatores espaciais.²⁹⁸

Goswami, na entrevista de que vimos tratando, foi confrontado com a questão fundamental da física: a possibilidade de medição dos fenômenos. Ao físico, foi perguntado se seria possível medir especialmente esse último fenômeno que mencionamos: a “interconectividade não-local”.²⁹⁹ A resposta foi afirmativa: “Ela pode ser medida pela máquina de eletroencefalograma conectada ao cérebro [...]. A conclusão do experimento é que a atividade elétrica de um cérebro se transfere para outro cérebro sem conexão ou contato elétrico nenhum.”³⁰⁰ A pergunta anterior desdobrou-se na seguinte: “E há outras medidas desse fenômeno, há outros cientistas trabalhando nisso, Dr. Goswami?” (leia-se: outros cientistas levam a sério idéias tão controversas como essa?). O cientista responde:

Agora, portanto, quatro experimentos independentes mostraram que a transferência de informação de cérebro a cérebro, sem nenhuma conexão eletromagnética, é, sim, possível e mensurável, demonstrando a não-localidade da consciência. Porque isso é explicado apenas se existir uma conexão não-local. Uma conexão pelo quê? Evidentemente pela consciência, pois somente a consciência pode escolher, dentre

²⁹⁶ Disponível em:

<http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/187/entrevistados/amit_goswami_2008.htm> Acesso em: 2 maio 2010.

²⁹⁷ ENTREVISTA com Amit Goswami. *Programa Roda Viva*. 12 mar. 2001. op. cit.

²⁹⁸ NOBRE, Marlene R. Severino. *A alma da matéria*. op. cit., p. 11. Trecho baseado na obra de Francisco Cândido Xavier (André Luiz é o “autor espiritual”), chamada *Mecanismo da mediunidade*, cotejado pela autora com obras de autores da física quântica, entre eles Goswami.

²⁹⁹ A última citação da nota 163 é parte da resposta a essa pergunta, portanto, a experiência de Jacobo Grinberg seria uma das que comprovaria essa teoria.

³⁰⁰ ENTREVISTA com Amit Goswami. *Programa Roda Viva*. 11 fev. 2008.

Disponível em:

<http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/187/entrevistados/amit_goswami_2008.htm> Acesso em: 2 maio 2010.

as possibilidades cerebrais, o evento real no cérebro do segundo observador, que é semelhante à experiência do primeiro observador.³⁰¹

Dentre as polêmicas teses de Amit Goswami, encontra-se a de que seja possível comprovar a reencarnação. Para ele:

A questão da reencarnação, provavelmente, é a pergunta mais radical que pode ser feita. E é impressionante que a Física Quântica nos permita dar uma resposta afirmativa [...] Basicamente, o problema com a reencarnação é este: o corpo físico morre, e o que resta? Se a consciência é a base do ser, vem a idéia de que o que resta é a consciência. É a primeira pista. A segunda pista é que tudo é possibilidade, no modo quântico de ver as coisas. Então, não é irrelevante dizer que as possibilidades podem viver. Algumas possibilidades morrem com o corpo material e o cérebro, mas pode haver outras possibilidades, outras possibilidades que se modificam ao longo da nossa vida, e essas modificações das probabilidades das possibilidades podem formar uma confluência que possa viver mais tarde na vida de outra pessoa.³⁰²

Acerca da esperança depositada pelos médicos espíritas na física quântica, como suporte teórico que conduzirá pesquisadores à comprovação da reencarnação, colocamos, a título de ilustração, a nota do *site* da AME-Brasil sobre uma palestra proferida pelo neurologista e presidente da AME-SP, Sérgio Felipe de Oliveira. De acordo com essa nota, o médico “[...] conseguiu mobilizar a platéia de profissionais de saúde, mostrando que os estudos de física quântica comprovam: Existe vida após a morte – isso é um fato” (leia-se: existe vida após a morte e também a reencarnação, já que a comprovação da primeira assertiva abre precedentes para a segunda).³⁰³

Goswami “[...] contraria a idéia de que tudo é feito de matéria e estabelece uma nova visão de mundo onde a consciência, e não a matéria, é a base de tudo que existe.”³⁰⁴ Assim, procura mostrar que a realidade, da forma como é percebida pelas pessoas em geral, é ilusória, sendo algo que elas criam, por meio da consciência, o tempo todo e, portanto, podem mudá-la. Especificamente ao que diz respeito à tese de que tudo é feito de matéria, Goswami se pronuncia:

Eu vi num livro de primeira série a afirmação de que tudo é feito de matéria. Mostre-me, então, onde está a prova de que tudo é feito de matéria. Nunca se provou que a mente é feita de matéria. Nunca se provou que a consciência é feita

³⁰¹ ENTREVISTA com Amit Goswami. *Programa Roda Viva*. 11 fev. 2008. Goswami cita as quatro pesquisas e os nomes dos pesquisadores, que omitimos por exigüidade de espaço e por fugir ao nosso interesse imediato.

³⁰² Idem. *Programa Roda Viva*. 12 mar. 2001. op. cit.

³⁰³ Palestra proferida no 5º Congresso Nacional da Associação Médico-Espírita do Brasil, realizado em São Paulo, entre os dias 26 e 28 de maio. Cf. AME-BRASIL, *Atualidades em Biofísica*. Disponível em: <<http://www.amebrasil.org.br/html/med05.htm>> Acesso em: 2 maio 2010.

³⁰⁴ ENTREVISTA com Amit Goswami. *Programa Roda Viva*. 11 fev. 2008. op. cit.

de matéria. Essas são teorias selvagens de gênero materialista. E nós aceitamos essas coisas sem nem mesmo questioná-las.³⁰⁵

Nada obstante o impacto de todas as suas teses, talvez nenhuma seja tão polêmica – sobretudo pela repercussão de sua participação nos filmes/documentários³⁰⁶ em que ele a defende ao lado de “místicos” (e outros cientistas) – quanto a que diz respeito à possibilidade de se “mudar a realidade”. Quando inquirido se é possível afirmar a existência dessa “lei da atração”, como popularmente ficou conhecida, Goswami responde:

Sim, as coisas podem ser atraídas, mas você deve desejar adequadamente, lembrando que sua intenção deve alinhar-se com a consciência cósmica e que você deve ser criativo ao desejar. Por isso, você não pode simplesmente não fazer nada e esperar que as coisas venham a você. Sim, a criatividade vem a nós, mas somente se trabalharmos e esperarmos, se trabalharmos e relaxarmos. Isso é amplamente conhecido, que o relaxamento é necessário para uma experiência criativa, a ciência materialista nunca te dirá. Mas as pesquisas demonstram que o relaxamento é necessário. Pensando em termos quânticos, isso é facilmente compreensível. Por quê? Porque as possibilidades quânticas se expandem quando não estamos causando colapsos nelas. E, quanto mais expandidas forem as possibilidades quânticas, mais possibilidades existirão dentre as quais você poderá escolher e, assim, a criatividade obviamente será maior. Essa era a idéia do filme *Quem somos nós?*.³⁰⁷

Merece consideração o fato de que os médicos espíritas, ao se envolverem em questões contemporâneas, como é o caso da física quântica, ou melhor, da “física de Amit Goswami”, acabam por sair de uma “negligência benigna”,³⁰⁸ que lhes fora imposta nesses últimos tempos. Dessa forma, eles acabam adentrando espaços de discussão diferentes do espírita, sejam eles a mídia laica ou as universidades, atraindo assim o interesse de “físicos puros”, que, a despeito de, em sua maioria, desqualificarem suas hipóteses, lhes dão visibilidade. Essa visibilidade pode ser convertida em ponto positivo, posto que participa a

³⁰⁵ ENTREVISTA com Amit Goswami. *Programa Roda Viva*. 11 fev. 2008. op. cit.

³⁰⁶ Trata-se do filme *Quem somos nós?*, (2004), que teve uma segunda parte depois: *Quem somos nós? – uma nova evolução*, inspirado no livro de Goswami, *O universo autoconsciente*. Os filmes foram sucessos de bilheteria nos Estados Unidos e Canadá e foram distribuídos, em versão de DVD, em quase todo o mundo, inclusive no Brasil. Considerados por muitos cientistas como, no mínimo, uma banalização da física quântica, esse filme teve uma crítica apontada no programa Roda Viva; reagindo a ela, Goswami argumenta: “[...] [eles não] estão nem mesmo necessariamente de acordo com a mensagem completa da física quântica do modo como eu a entendo”. A idéia central defendida nesse filme também é abordada no filme *O segredo*, trata-se da popularmente denominada “Lei da atração”: pense e atraia. Segundo Goswami: “*O segredo* é particularmente falacioso, pois ele diz que existe essa atração com a qual você pode atrair um desejo específico para você apenas sentando-se e esperando por ele. Eu não compartilho dessa forma de entender como as coisas são atraídas.” Idem, *ibidem*.

³⁰⁷ Idem, *ibidem*.

³⁰⁸ Termo usado por Amit Goswami, na entrevista do programa Roda Viva, em resposta à pergunta de por que era pouco citado por seus pares. Para ele: “[...] [os pesquisadores] das ciências puras, os físicos, os químicos e até mesmo os biólogos, preferem oferecer a chamada ‘negligência benigna’. Eles não se envolvem com essa questão, pois fazendo isso acabarão dando maior publicidade para mim, algo considerado por eles prejudicial à sua causa.” Idem, *ibidem*.

sociedade leiga desses debates. Acrescenta-se que parte da sociedade, pelos menos, anseia por envolver-se em questões de (auto)cura, de experimentações diversas e questionamentos, principalmente quando se instala no Brasil, em algumas camadas sociais, o *ethos* da *New Age*.³⁰⁹

Os pontos em comum com Goswami não se restringem apenas a questões teóricas, há semelhanças também com a sua, digamos, “estratégia de legitimação”. Quando perguntado por que ele, Goswami, não confronta e nem é, geralmente, confrontado com cientistas *hards* – ou cientistas puros –, afirma que é a forma pela qual ele decidiu atuar – e não a que lhe coube. Sendo o dele um paradigma alternativo, Goswami conseguiria espaço pela força crescente de suas evidências e por uma escolha da “base”, isto é, pela escolha das pessoas leigas, que se dariam conta, mais do que os cientistas, da aplicabilidade de sua ciência. Isso porque ela lida com questões diretamente relacionadas à vida dos cidadãos, como o enfrentamento das doenças, sobretudo as incuráveis, enquanto a ciência comum, muitas vezes, ocupa-se com questões que só interessam, a princípio, à comunidade acadêmica. Sobre essas questões, Goswami exemplifica: “Quem se importa com o que acontece a temperaturas extremamente altas, que raramente verificamos, mesmo na totalidade do universo, com exceção dos primeiros poucos micro... microssegundos do universo?”³¹⁰

Assim como Goswami, os espíritas evitam, na maioria das vezes, um confronto direto com os cientistas ortodoxos: as teorias daqueles são entendidas, inclusive, como complementares e não como contrárias às destes. Assim, reiteram que o exercício da medicina é prerrogativa dos médicos formados e desaconselham, entre outras infrações, as cirurgias espirituais cruentas.³¹¹

Outra questão que merece nota é o fato de que essas modernas teorias, como a física quântica, são assimiladas em parte. Embora os estudiosos da Física Quântica afirmem não ser possível conhecer uma realidade em sua essência, os espíritas advogam que o Universo é regido por leis absolutas e cognoscíveis – uma visão, portanto, mais de acordo com os cânones da Física Clássica. Daí afirmarmos que os médicos espíritas são em parte *modernos*: pois acreditam em leis naturais absolutas que a ciência, um dia, trará a luz; e em parte *pós-modernos*: já que hibridizam as mais modernas teorias científicas (como as da física quântica)

³⁰⁹ D’ANDREA, Anthony A. F. *O self perfeito e a Nova Era – Individualismo e reflexividade em religiões pós-tradicionais*. op. cit.

³¹⁰ ENTREVISTA com Amit Goswami. *Programa Roda Viva*. 11 fev. 2008. op. cit.

³¹¹ Cremos que esse ataque não-frontal restrinja-se apenas às práticas dos médicos espíritas, de certa forma ligadas às estratégias por eles adotadas. No entanto, no que diz respeito aos seus pressupostos teóricos, como argumentaremos, eles são claramente opostos a muitos dos fundamentos da medicina oficial, o que contrariaria até mesmo a idéia de “medicina complementar”.

e aspectos de outras tradições religiosas (como a idéia de *carma* e, mais recentemente, de *chacras*³¹²) com o seu crescente *corpus* filosófico e “científico”.

A religião, como todo artefato cultural, não é estática: ela hibridiza e reelabora elementos diversos e esparsos de tradições e/ou campos semânticos diferentes, pois, mais que fornecer explicação, o importante é fornecer significados: dessa forma, a idéia de “energia”, tão em voga, pode ser intercambiável, como veremos, com a idéia de “fluido cósmico universal”, defendida por Kardec; a relatividade da ciência pode ser evocada apenas quando necessária, sobretudo quando se trata de demonstrar os limites da ciência oficial (nunca quando se trata dos próprios limites).

Também não se pode afirmar (nem mesmo negar) que sejam estratégias das quais os médicos espíritas lançam mão deliberadamente para conquistar um público maior. Talvez a explicação provenha do próprio princípio kardequiano de que a doutrina tem que acompanhar o “avanço” da ciência; ou talvez provenha da comentada “carnavalização” do brasileiro, de sua experiência em combinar elementos díspares, dotando-os de uma plasticidade sincrética ostensiva.

³¹² A idéia de que o perispírito é funcionalmente dividido em *chacras* é desenvolvida principalmente pelo espírito André Luiz (médium: Francisco Cândido Xavier) em vários de seus livros. Na obra de Kardec não há menção a esse aspecto da “anatomia” do perispírito, o que leva os seus defensores, aqueles que se fiam aos ensinamentos de André Luiz, a se justificarem, para o meio espírita, por meio da recomendação deixada pelo Codificador de não desprezar o “material antigo”, especialmente o dos filósofos da China e da Índia (de onde veio o conceito de *chacras*). Pelo menos assim se justifica SOUZA, Elzio Ferreira de. Perispírito e chacras. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Saúde e Espiritismo. Campos de força, mediunidade, sexualidade e abordagens na prática médica*. 3. ed. São Paulo: [s.n.], 2004, p. 35.

CAPÍTULO 3: A CONCEPÇÃO DOS MÉDICOS ESPÍRITAS DE CIÊNCIA E RELIGIÃO

3.1 O que é doença

“[...] o verdadeiro homem enfermo é anterior ao corpo enfermo [...]”

(James Tyler Kent)

Antes de analisarmos o modo como os médicos espíritas conjugam ciência e religião, convém trazermos à baila alguns de seus fundamentos de saúde e doença. No entendimento espírita, a alma encontra-se temporariamente cativa à carne, experienciando com ela uma perfeita simbiose. Desse modo, todas as vicissitudes que afligem o espírito se refletem na saúde do corpo e vice-versa. Compreendendo a primazia do espírito em relação ao corpo, dizem os espíritas que é naquele e não neste o lugar onde reside a verdadeira causa das doenças. Aliás, poder-se-ia dizer, de modo mais atual, que são nos *envoltórios sutis*³¹³ em que a doença se demora.

As enfermidades – não todas, mas a maioria, principalmente as crônicas, a exemplo do câncer – têm origem, de acordo com os médicos espíritas, num mecanismo de resgate que, no Brasil, se convencionou chamar de *carma*.³¹⁴ Assim, as ações de vidas passadas, sejam más

³¹³ Atualmente, se consideram válidas as explicações de André Luiz (espírito) acerca da pluralidade dos *corpos* ou *envoltórios sutis*, que vão além da concepção tripartida de Kardec. Enquanto este considerava a existência do corpo físico, do perispiritual e do espiritual, aquele considera, além destes, a do *duplo etéreo*, do *corpo mental* e do *corpo causal* – vocábulos, como observa Elzio Souza, “[...] consagrados entre magnetizadores e espiritualistas”. Devemos destacar, ainda, que André Luiz ensaia uma espécie de fisiologia do perispírito, por ele chamado também de *corpo astral*, *corpo espiritual* e *psicossoma*; trata-se de “[...] sistemas correspondentes aos do organismo físico”: “[...] o nosso corpo de matéria rarefeita está intimamente regido por sete centros de força, que se conjugam nas ramificações dos plexos e que, vibrando em sintonia uns com os outros, ao influxo do poder diretriz da mente, estabelecem, para o nosso uso, um veículo de células elétricas, que podemos definir como sendo um campo eletromagnético, no qual o pensamento vibra em circuito fechado” André Luiz apud SOUZA, Elzio Ferreira de. Perispírito e chacras. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Saúde e Espiritismo*. op. cit., p. 31-47.

³¹⁴ Não achamos menção a esse termo nas obras de Kardec. A esse “mecanismo de resgate”, ou melhor, a essa “lei natural”, Kardec referia-se como lei de “causa e efeito”. Divaldo Pereira Franco, orador espírita, em palestra proferida em Amsterdã, afirma que “Segundo a Doutrina Espírita nós somos semeadores e colhedores. De

ou boas, ficam impressas no corpo causal, mas nele não se detêm: “esses registros fluem para os demais corpos e acabam por determinar o equilíbrio ou o desequilíbrio dos campos vitais e físicos”.³¹⁵ Em se tratando das violações das Leis Divinas – dos registros, portanto, das “más” ações –, em determinada época da vida, o indivíduo que as praticou, isto é, que as imprimiu em seus corpos sutis, tem-nas afloradas em seu corpo físico, resultando em alterações patológicas. Tratar-se-ia, portanto do bombardeamento, no corpo físico, de “energias condensadas nesses corpos sutis”.³¹⁶

De acordo com Marlene Nobre “Os vícios da mente, conhecidos como egoísmo, orgulho, vaidade, tirania, preguiça, etc, se constituem em causas de múltiplas doenças, porque se constituem no móvel de nossas ações”.³¹⁷ “As produções mentais negativas”, segundo ela, geram “irradiações impróprias, semelhantes às projeções de raios X ou de raios ultravioleta, que se tornam lesivas às células, prejudicando o trabalho sinérgico delas, e provocando, conseqüentemente, a sua desarticulação”.³¹⁸

Boa parte dessas conclusões, os médicos espíritas retiraram das obras de André Luiz. Na seguinte passagem, o “médico do astral” explica, numa linguagem que os espíritas consideram científica, parte do processo pelo qual o corpo somatiza as desventuras do espírito:

É através das Mitocôndrias, que podem ser considerados acumuladores de energia espiritual em forma de grânulos, assegurando a atividade celular, que a mente transmite ao carro físico, durante a encarnação, todos os seus estados felizes ou infelizes, equilibrando ou conturbando o ciclo de causa e efeito das forças por ele próprio libertadas nos processos endotérmicos, mantenedores da biossíntese.³¹⁹

É importante ressaltar que nem todos os desequilíbrios físicos são originários de “contas passadas”; embora reflitam o estado espiritual do indivíduo, são gerados pela sua

acordo com a sementeira é a nossa colheita. Os Indianos, os Exoteristas [sic], os Teosofistas, os Rosacruzistas e outros, chamam a isto de ‘carma’, estabelecendo que o carma é o resultado inevitável dos nossos atos. ‘Carma’ é uma palavra sânscrita que significa ‘o retorno’, como uma roda: volta ao ponto de origem. Allan Kardec foi muito prudente quando não usou em toda a Doutrina Espírita a palavra ‘carma’, porque segundo a lei do carma, o mal que nós fazemos nós pagamos pelo sofrimento. Na Índia, em vários países budistas e hinduístas, se pode acompanhar de perto a experiência cármica: se alguém é portador de lepra, a gente não ajuda porque ele está ‘queimando’ o seu carma, ele está ali resgatando; se a pessoa tem uma problemática de cegueira, paralisia, uma enfermidade qualquer deformadora, se deve deixar a pessoa sofrer; ajudar moralmente, dar conforto mas, ela tem que ‘carregar’ o seu carma.” Palestra *Mediunidade e vida saudável*. Amsterdã, 2004. site Vereniging Allan Kardec. Disponível em: <<http://www.allankardec.nl/portugues/palestras/palestras.htm>> Acesso em: ago. 2009.

³¹⁵ NOBRE, Marlene R. Severino. *A alma da matéria*. op. cit., p. 17.

³¹⁶ SANTOS, José Roberto Pereira dos. Eutanásia: aspectos éticos e espirituais. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Saúde e Espiritismo*. op. cit., p. 378.

³¹⁷ NOBRE, Marlene R. Severino. *A alma da matéria*. op. cit., p. 17.

³¹⁸ Idem, *ibidem*, p. 41.

³¹⁹ Citado por MOREIRA, Oswaldo Hely. Associação do conhecimento médico ao conhecimento espírita no estudo da função celular. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Medicina e Espiritismo*. op. cit., p. 144.

conduta atual. Há de se destacar, ainda, que a “distonia mental” a que se refere Marlene Nobre é generalizada, isto é, “A maioria da Humanidade prende-se a uma faixa de pensamentos doentios, provocando em si e construindo em torno do orbe uma psicofera de baixo padrão produzindo as mais diversas epidemias, não só no que constitui as patologias orgânicas, mas também no campo psíquico e social”.³²⁰

Confrontando o que Greenfield escreveu acerca da etiologia espírita das doenças com as publicações da AME sobre esse assunto, parece-nos que os membros dessa associação entendem-na de maneira um pouco diversa da que esse cientista compreendeu. Segundo ele: “Acredita-se que doenças são causadas por algo no mundo material, espiritual ou em ambos. Para os que são de origem material, os espíritas usam os tratamentos médicos convencionais. Porém, quando são de origem espiritual, eles têm suas próprias curas.”³²¹

Nas publicações da AME, passagens como a que se segue são recorrentes: “A cura de um indivíduo não se alcança simplesmente com a extirpação de um tumor, uma cirurgia, um transplante de órgão, ou outro procedimento qualquer”.³²² Isso porque qualquer doença, em princípio, deve ser tratada em nível espiritual, ainda que os recursos da medicina convencional sejam, na maioria dos casos, desejáveis e até mesmo imprescindíveis. Como vimos, toda doença tem origem no espírito; conseqüentemente, mesmo aquelas que tiveram o concurso do mundo material para se desencadarem deverão ser tratadas também por meios que atinjam o espírito:³²³ a *reforma íntima*, como veremos, é o único meio considerado de fato eficaz. No modo como entendem a doença não cabe, portanto, a separação em *materiais* ou *espirituais*,³²⁴ porquanto elas estão sempre imbricadas, ainda que sua causa última resida

³²⁰ SOUZA, Roberto Lúcio Vieira de. A importância da mente e do pensamento para a saúde e no adoecimento. In: PAULO et al. *Depressão: abordagem médico-espírita*. 2 ed. São Paulo: FE Editora Jornalística, 2006, p. 171.

³²¹ GREENFIELD, Sidney. O corpo como uma casca descartável: as cirurgias do Dr. Fritz e o futuro das curas espirituais. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, ano 1-2, n. 16, 1992, p. 138. A metáfora do corpo como uma “casca de ovo”, diga-se de passagem, parece igualmente controversa, posto que, segundo os espíritas, o corpo produz reflexos no perispírito, “marcando-o”, muitas vezes, por mais de uma encarnação: logo, ele é mais do que um simples recipiente. Prosseguindo, ainda, em suas metáforas, a de uma embalagem, como a de uma “latinha de refrigerante”, parece também não ser muito apropriada quando comparada com as concepções dos médicos espíritas: já que a latinha protege o conteúdo, mas não é por ele influenciado, o que não ocorre com o “carro físico” (embalagem), que sofre as vicissitudes pelas quais o espírito passa (conteúdo). Desejamos, com isso, enfatizar a necessidade *premente*, preconizada não só pelos médicos espíritas como por muitos intelectuais do meio de cuidar bem do corpo, não só do espírito.

³²² LOPES, Wilson Ayub. Inteligência emocional na prática médica. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Medicina e Espiritismo*. op. cit., p. 127-128.

³²³ Há de se acrescentar que, se para todas as doenças, os recursos da medicina comum, direcionados ao corpo, são sempre “coadjuvantes” importantes da medicina espiritual, para a obsessão tais recursos quase não podem ajudar – quando não “atrapalham”. Trata-se de uma “doença” eminentemente espiritual.

³²⁴ Salvo as obsessões, que são espirituais.

no espírito; donde a epígrafe desta sessão: “[...] o verdadeiro homem enfermo é anterior ao corpo enfermo [...]”³²⁵

Os espíritas parecem hesitar entre dois modos de conceber a doença: a sua *naturalização* e o seu enquadramento na *misericórdia divina*. No primeiro sentido, pensa-se que as doenças não constituem castigo ou cobrança divina, mas, usando as palavras de Roberto Souza, um “mecanismo da vida em favor da própria vida”,³²⁶ isto é, um mecanismo natural capaz de ensinar o homem a gerenciar suas emoções e atitudes. Mas a doença pode ser entendida também, e principalmente, como Benção Divina, justamente por essa função educativa e teleológica, que põe o homem na rota do progresso e, conseqüentemente, da felicidade. Para a obtenção da saúde, “que é a perfeita harmonia da alma”, muitas vezes “há necessidade da contribuição preciosa das moléstias e deficiências da Terra”,³²⁷ reiteram os médicos espíritas, de modo axiomático. Entretanto, não há contradição entre esses dois modos de conceber a doença: eles se complementam, já que os médicos espíritas concebem o mundo natural e suas leis como criação divina.

3.1.1 Função da doença

“A natureza põs a dor no ser humano como um agulhão para a atividade, ao qual não pode escapar se quer progredir sempre até o melhor.”

(KANT)

Vimos que o adoecimento não é fortuito. Como decorrência natural do exercício do livre arbítrio, toda dor ou forma de padecimento possui uma utilidade, uma função (como tudo no universo, diriam os espíritas),³²⁸ que é justamente a de despertar o homem quando essa liberdade é mal exercida. Por isso, a compreensão das raízes do sofrimento é fundamental não apenas para a busca do alívio, mas também para a reorientação do indivíduo, cujo “rumo” espiritual (e intelectual) deve ser sempre progressivo. A doença teria, assim, uma função eminentemente educativa, jamais punitiva.³²⁹

³²⁵ James Tyler Kent, citado por SOUZA, Lenice Aparecida de. Homeopatia e espiritismo. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Medicina e Espiritismo*. op. cit., p. 316.

³²⁶ SOUZA, Roberto Lúcio Vieira de. A importância da mente e do pensamento para a saúde e no adoecimento. In: PAULO et al. *Depressão: abordagem médico-espírita*. op. cit., p. 171.

³²⁷ Emmanuel (psicografia de Francisco Cândido Xavier) apud ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Saúde e Espiritismo*. op. cit., p. 330.

³²⁸ Essa visão é uma herança do cientificismo do século XIX, que procurava compreender as ditas “leis da natureza”, como vimos no capítulo 1.

³²⁹ Para Léon Denis, considerado o “continuador” da obra de Kardec na França, “A dor é uma advertência necessária, um estimulante à vontade do homem, pois nos obriga a nos concentrarmos para refletir, e força-nos a domar as paixões. A dor é o caminho do aperfeiçoamento. Física ou moral, é um meio poderoso de desenvolvimento e de progresso. É purificação suprema, é a escola em que se aprendem a paciência, a resignação e todos os deveres austeros. É a fornalha onde se funde o egoísmo em que se dissolve o orgulho”.

Dessa maneira, na terapia espírita, recomenda-se a substituição da clássica pergunta *mecanicista* “por que adoecemos?” por uma *teleológica*: “para que adoecemos?”.³³⁰ Nessa visão “mais abrangente da doença” de que falam os médicos espíritas está contida a idéia de que a enfermidade é uma “oportunidade divina”, que, quando “bem aproveitada”, leva o seu portador a um novo estágio. A doença, esse aguilhão, tende a pôr o homem em atmosfera de reflexão: quando o objetivo da patologia é entendido e se trabalha para eliminar as suas causas (que são sempre imperfeições morais), a saúde “real” é alcançada. A doença física pode até persistir por mais um tempo, até que o alívio se “somatize”, até que o corpo se reequilibre, mas a cura certamente é conquistada – mesmo que demore mais de uma encarnação.

Se a dor constitui uma oportunidade de crescimento, e se ela, além disso, somente é superada quando o “vício” ou os “vícios morais” que a engendram forem removidos, segue-se que a extirpação de um tumor, uma cirurgia, um transplante de órgão, ou procedimento semelhante não são, em si mesmos, eficazes,³³¹ como vimos. Embora não tenhamos encontrado referências valorativas atinentes a esses procedimentos, podemos deduzir que eles seriam, na acepção desses médicos, apenas importantes paliativos: importantes porque são capazes de prolongar a vida do corpo, que é um instrumento essencial de evolução; paliativos porque, embora combatam os sintomas, não removem as causas da doença.

Ao defenderem a idéia de se buscar entender a doença e aceitá-la resignadamente, conforme mencionado, os médicos espíritas são criticados por exortar a passividade: críticas que provêm tanto do lado da medicina quanto do da religião. Em resposta, alegam não se tratar, como afirmam alguns, de um “mecanismo de fuga ou negação”,³³² mas do conhecimento da “[...] Lei Divina que obriga a nos reajustarmos toda vez que desviarmos de suas diretrizes de amor.”³³³ Assim, de acordo com o médico espírita Jaider Rodrigues de Paulo:

Não falamos em conformismos ou acomodação e sim em aceitação dinâmica. Esta nos concita a mudar o que for possível e a nos transformarmos e sublimarmos,

Apud KÜHL, Eurípedes. *Deus, espírito e universo: o Espiritismo e os desafios do século 21*. São Paulo: Petit, 2009, p. 88.

³³⁰ SOUZA, Roberto Lúcio Vieira de. A importância da mente e do pensamento para a saúde e no adoecimento. In: PAULO et al. *Depressão: abordagem médico-espírita*. op. cit., p. 172 e LOPES, Wilson Ayub. Inteligência emocional na prática médica. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Medicina e Espiritismo*. op. cit., p. 134.

³³¹ LOPES, Wilson Ayub. Inteligência emocional na prática médica. *Ibidem*, p. 127-128.

³³² *Idem*, *ibidem*, p. 128.

³³³ *Idem*, *ibidem*, p. 134.

aceitando o que no momento não nos é dado corrigir ou reformar, em uma postura de resignação.³³⁴

Como herança do século XIX, tempo em que a doutrina foi codificada, aos espíritas foi legada a idéia determinista de que cada ação corresponde, inevitavelmente, a uma reação – “lei”, diga-se de passagem, proveniente da física clássica, que muitos espíritas questionam atualmente. Veremos, no entanto, que, mais do que defenderem uma *aceitação dinâmica*, muitos espíritas falam em procurar mudar, tanto quanto possível, o *carma*: sem essa possibilidade seria difícil legitimar o próprio papel do médico.

Assim, em resposta à crítica de resignados, enquanto alguns médicos espíritas afirmam a possibilidade de “mudar o que for possível”, dentro ainda da rigidez da Lei Causal, outros asseguram a possibilidade de mudar o próprio *carma*, justificando que, cessando a causa, cessa-se também o efeito. Em outras palavras, eliminando a “origem” da doença, sua permanência no indivíduo perde o sentido.

3.1.2 Flexibilização da lei cármica

“[...] o amor cobre a multidão de pecados [...]”

(I Pedro, 4:8)

Como temos visto, a dor no meio espírita é considerada um instrumento de elevação espiritual; por isso, muito se tem pensado sobre a melhor maneira de aproveitá-la. Como se pode depreender, não é fácil para o indivíduo espírita discernir, diante da doença, a resignação da apatia, de um lado, e os esforços legítimos para se melhorar (não-acomodação) da não-aceitação, de outro. Em relação à apatia perante o sofrimento, parece-nos não serem poucos os que a defendem como uma virtude. É devido a esse fato que muitos intelectuais espíritas dissertam sobre esse posicionamento:

Neste ponto, há relação aparente entre o Espiritismo e as demais doutrinas religiosas: pessoas há, dentro do movimento, que buscam a mortificação, pregada na doutrina da igreja, como forma de elevação espiritual. Coube a Emmanuel desfazer essa falsa interpretação doutrinária, ensinando que “não vale a pena sofrer, é preciso aproveitar o sofrimento”.³³⁵

³³⁴ RODRIGUES DE PAULO, Jaider. Depressão e ética. In: PAULO et al. Depressão: abordagem médico-espírita. op. cit., p. 84. Idéias talvez inspiradas na *Oração da Serenidade*: “Concedei-me, Senhor, a serenidade necessária para aceitar as coisas que não posso modificar; coragem para modificar aquelas que posso; e sabedoria para conhecer a diferença entre elas [...]”

³³⁵ TERRA, Luiz. O espiritismo e a dor. *Revista Internacional do Espiritismo*, jan. 1976. Disponível em: <<http://www.terraespiritual.locaweb.com.br/espiritismo/artigo1994.html>> Acesso em: 11 out. 2009.

No que se refere às doenças consideradas potencialmente *cármicas*, o assunto se torna ainda mais complexo. O antropólogo Marcelo Camurça, em seu artigo *Entre o cármico e o terapêutico: dilema intrínseco ao espiritismo*, mostra-nos essa tensão, expressa já no título de seu trabalho, que desafia os espíritas: “Até que ponto o recurso às curas mediúnicas não comprometeriam as responsabilidades ou obrigações no cumprimento das dívidas cármicas? Ou seja, se o carma foi programado qual a finalidade da cura?”³³⁶

Essa questão toca forçosamente nas reflexões dos médicos espíritas da AME, e já de início podemos afirmar que existe um consenso de que aquele que experiencia uma doença, seja ela “contingencial” ou *cármica*, deve, utilizando todos os expedientes lícitos – mediúnicos ou ortodoxos –, procurar saná-la; pois “Se Deus permite a existência de recursos, é para que sejam utilizados”,³³⁷ admoesta Souza. E esses recursos, a propósito, obedecem a uma hierarquia: a *reforma íntima* tem a primazia; em seguida, os meios que se dirigem aos *corpos sutis* (como os passes, as águas fluidificadas, etc.); enfim, os artifícios disponíveis no mercado que tratam o *soma* (ainda que estes também se diferenciem em eficácia; é sabido, por exemplo, que muitos espíritas preferem os medicamentos homeopáticos, que também “repercutem no espírito”, aos alopáticos).

Em seu livro *Doenças da Alma*, Roberto Brólio dedica um tópico a *Como Minorar os Males Cármicos*, num capítulo intitulado *Doenças Cármicas*.³³⁸ Segundo ele:

A melhor maneira de atuar em relação a possíveis males decorrentes de faltas do passado, consiste em manter continuamente pensamentos positivos, palavras e ações centradas no Bem, a fim de criar novas modalidades de carma que possam equilibrar possíveis aspetos negativos do carma preexistente.³³⁹

Em outras partes do livro, Brólio é mais específico quanto às medidas a serem adotadas para se romper com o *carma*: a prece, o bom ânimo para enfrentar as dificuldades, a prática do amor fraterno, a caridade sem limitações; numa palavra: a *reforma íntima*.³⁴⁰

Roberto Brólio, como outros espíritas, encontra nas palavras atribuídas a Jesus³⁴¹ a autoridade que definitivamente sancionaria a possibilidade³⁴² do fim da dor cármica.

³³⁶ CAMURÇA, Marcelo Ayres. *Entre o cármico e o terapêutico: dilema intrínseco ao espiritismo*. op. cit., p. 123.

³³⁷ SOUZA, Roberto Lúcio Vieira de. Mitos e verdades sobre a depressão. In: PAULO et al. *Depressão: abordagem médico-espírita*. op. cit., p. 97.

³³⁸ BRÓLIO, Roberto. *Doenças da alma*. São Paulo: FE Editora Jornalística, 1997, p. 105-122.

³³⁹ Idem, *ibidem*, p. 115.

³⁴⁰ Idem, *ibidem*, *passim*.

³⁴¹ Em que pese a classificação atribuída ao espiritismo pelos sociólogos e antropológicos, qual seja, *religião mediúnica*, os ensinamentos de Jesus são centrais para essa doutrina: vide a importância de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, considerada uma das cinco obras basilares do espiritismo.

³⁴² Possibilidade no sentido de que depende do sofredor esforçar-se para tal.

Conforme esse médico espírita, [Jesus] “nunca condenou alguém por causa de faltas cometidas, mas deu esperanças aos que o procuravam portando doenças físicas ou males da alma, dizendo-lhes ‘Os teus pecados te são perdoados’ Lc 5,20”.³⁴³ Outra “mensagem de amor fraterno que lava todos os pecados” pode ser encontrada no episódio em que Jesus recebe Maria Madalena na casa de Simão. No seu diálogo com o fariseu, referindo-se a ela, disse-lhe: “Os seus muitos pecados lhe são perdoados, porque muito amou. (Lc 7,47)”.³⁴⁴

A *lei do Carma* teria, portanto, duas atenuantes bastante interligadas: a do merecimento, isto é, o indivíduo, ao praticar boas ações, aumentaria seu saldo positivo em relação aos “desvios” cometidos, diminuindo a extensão do sofrimento; e a Misericórdia de Deus, “que concede aos seus filhos novas oportunidades para realizar-se no caminho do Bem”,³⁴⁵ rompendo ou modificando “os agulhões que [os] prendem à dor e ao sofrimento”.³⁴⁶

A cura de fato adviria, entretanto, de acordo com alguns médicos espíritas, com a *reforma íntima*, em que o indivíduo corrige as faltas morais que engendraram o sofrimento.

Além de buscar argumentos no Novo Testamento, como Brólio o fez, a maioria dos médicos espíritas busca elucidações sobre a possibilidade de libertação da doença nos livros de André Luiz (espírito). Sobre os processos cármicos, citamos a interpretação do cardiologista, vice-presidente da AME-MG, Oswaldo Moreira:

Poderíamos interpretar as explicações de André Luiz, dizendo que os processos cármicos, advindos de outras encarnações, estão marcados no Núcleo celular através dos Cromossomos (disposições do destino), sendo, portanto, irreversíveis nessa encarnação. A evolução da doença e a aquisição de novas moléstias seriam controladas através do Citoplasma, pela ação dos Biósforos, que modificariam a informação enviada pelo Núcleo ao Citoplasma, podendo, a partir do governo mental, impedir a sua manifestação ou torná-la menos grave.

O Biósforo seria o RNA mensageiro ou seriam os mecanismos enzimáticos de reprocessamento do RNA ou do DNA recém-formados, ou teria ação sobre essas estruturas? *Assim, por exemplo, um simples paciente que encarna com a programação de câncer, poderá pela sua conduta equilibrada mudar a informação cármica do Núcleo através dos Biósforos e apresentar um tumor benigno.* A Lei é de misericórdia. “A cada um segundo suas obras”.³⁴⁷ [grifo nosso].

Se a libertação do *carma* depende exclusivamente do paciente, segue-se que, ao médico, caberia a administração de paliativos e a orientação espiritual (ou, nesse último caso,

³⁴³ BRÓLIO, Roberto. *Doenças da alma*. op. cit., p. 115.

³⁴⁴ Idem, ibidem, p. 115.

³⁴⁵ Idem, ibidem, p. 115-116.

³⁴⁶ Idem, ibidem, p. 116-117.

³⁴⁷ A libertação do *carma*, encontraria, portanto, amparo nas próprias leis inderrogáveis de Deus. MOREIRA, Oswaldo Hely. Associação do conhecimento médico ao conhecimento espírita no estudo da função celular In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Medicina e Espiritismo*. op. cit., p. 150.

o encaminhamento para instituições próprias para esse fim: em princípio, aos templos correspondentes à fé dos pacientes, mas, em casos específicos, como o da desobsessão, a uma casa espírita, visto que essa é a única opção que dá conta de resolver semelhante problema).³⁴⁸

Conclui-se então que o indivíduo deve ajudar-se a si mesmo, ou seja, deve *necessariamente* buscar a cura, porquanto a Misericórdia lhe disponibiliza os recursos para tal, ainda que seja a palavra edificadora e não o remédio. A própria procura pela recuperação seria um – ou culminaria num – aprendizado: como se diz repetidamente nos centros espíritas, muitas pessoas lá chegaram em função da dor (querendo dizer com isso que, em tese, ao abraçar a doutrina, catalisaram a sua evolução amenizando ou aprendendo a lidar com o sofrimento. Nos dois casos, então, os efeitos do padecimento seriam minimizados).

Portanto:

[...] todo tipo de terapêutica, se adequadamente indicada, é válida e importante. Se estiver encarnado e a Medicina, que se faz instrumento da Misericórdia Divina, tiver recursos para aliviar ou curar os males, tem-se que usar todo esse arsenal em favor próprio. A displicência ou a rejeição levará ao suicídio indireto, pelo qual se terá que responder um dia.³⁴⁹

É preciso, entretanto, compreender os limites de um tratamento, cujo desfecho pode nem sequer acontecer nesta vida. Eis o significado da resignação, do saber sofrer, esperando o tempo necessário para a cura. Espera-se que o paciente procure a resolução do padecimento sem “revoltas” ou “blasfêmias”,³⁵⁰ pois, alegam os espíritas, se o indivíduo o atraiu para si, sensato seria aceitar as condições impostas pelas “leis divinas” para o restabelecimento da cura. Segundo Roberto Brólio, “A aflição humana não constitui, por si mesma, o caminho para a evolução espiritual [...]”³⁵¹ Para reforçar seu argumento, o médico espírita cita as palavras de Emmanuel: “Não basta sofrer simplesmente para ascender à glória espiritual. Indispensável é saber sofrer, extraindo as bençãos de luz que a dor oferece ao coração sequioso de paz”.³⁵²

³⁴⁸ Dessa forma, podemos perceber que a referência à espiritualidade feita pelos médicos espíritas, muitas vezes no sentido de uma busca da transcendência, sem vínculos confessionais, expressa, por exemplo, em ementas de alguns cursos abertos em universidades, ganha, aqui, outros contornos. Trata-se, agora, de uma espiritualidade que não apenas afirma a existência da vida além da experiência física, mas também que essa existência (leia-se: esses espíritos) é capaz de atuar positiva ou negativamente nos indivíduos. Aí entra um paradoxo, pelo menos aparente, já que esses médicos reivindicam, em princípio, o cultivo da espiritualidade e não de uma religião em especial e defendem uma visão científica e não religiosa, como já frisaram. Para eles não se trataria de proselitismo, mas de dotar o paciente de “verdades” imprescindíveis, mas que só o espiritismo detém.

³⁴⁹ SOUZA, Roberto Lúcio Vieira de. Mitos e verdades sobre a depressão. In: PAULO et al. *Depressão: abordagem médico-espírita*. op. cit., p. 188.

³⁵⁰ BRÓLIO, Roberto, *Doenças da alma*. op. cit., p. 93.

³⁵¹ Idem, *ibidem*, p. 97.

³⁵² Idem, *ibidem*, p. 97.

Entender a dor como uma oportunidade de amadurecimento é um fator religioso importante que leva os médicos espíritas a considerarem as cirurgias espirituais cruentas, direcionadas ao corpo físico, sem o acompanhamento da *reforma íntima*, como as de Édison Queiroz,³⁵³ como, no mínimo, indesejáveis. O ensejo de se reconciliar com o divino deve ser aproveitado, o que não é preocupação desses “cirurgiões”: portanto, elas são inconvenientes, segundo os médicos associados às AMEs, não apenas porque se dirigem unicamente ao corpo, o que é prerrogativa da medicina acadêmica, mas também pelo fato de fugirem ao princípio kardecista de educar o espírito, prioritariamente.³⁵⁴

Já os recursos ordinários de cura, que não têm esse compromisso evangélico, têm a legitimidade de prolongar a vida, dilatando também, por conseguinte, a possibilidade de aprendizado que a encarnação proporciona. Lembrando que, de acordo com os espíritas, cada “estágio encarnatório” é uma oportunidade preciosa que encerra um programa de aprendizado, o corpo deve ser mantido são para que o espírito tenha a liberdade necessária de ação:

[...] eu me apóio sobre os princípios elementares, e começo por demonstrar a necessidade de cuidar do corpo que, segundo as alternativas da saúde e da doença, influi de maneira muito importante sobre a alma, que é preciso considerar como cativa na carne. Para que esta prisioneira viva, e conceba mesmo as ilusões da liberdade, o corpo deve estar são, disposto e vigoroso. [...] Amai, pois, vossa alma, mas cuidai também do corpo, instrumento da alma.³⁵⁵

Vimos no capítulo 2 que o espiritismo no Brasil, de acordo com Lewgoy, experimenta uma [...] “redefinição de sua identidade como movimento e religião”.³⁵⁶ Suas práticas e concepções passaram a ser mais “abertas e fragmentadas”, “menos polarizada por referências únicas”.³⁵⁷ A antiga ética do *carma*, considerada inexorável, parece, segundo Lewgoy, estar cedendo aos imperativos de bem-estar e auto-estima, características essenciais da

³⁵³ Cf GREENFIELD, Sidney. O corpo como uma casca descartável: as cirurgias do Dr. Fritz e o futuro das curas espirituais. op. cit.

³⁵⁴ Existe também o lado estratégico, coloquemos nesses termos, para o fato de os espíritas desaprovarem essa prática: a forma cruenta, que causa má repercussão social e dá margens ao charlatanismo. Além disso, pode-se perceber o receio de verem a religião deslizando para o clientelismo, para a configuração de um “pronto socorro espiritual”, como bispo Macedo costuma referir-se a sua igreja. No caso dele “[...] trata-se de serviços religiosos aos quais se recorre em momentos de aflição sem um compromisso mais restrito com a comunidade moral.” ALMEIDA, Ronaldo de. Religião na metrópole paulista. *Revista brasileira de ciências sociais*, v. 9, n. 56, out. 2004, p. 24. Tratamento análogo é o que temem os espíritas, donde a afirmação de Divaldo Pereira Franco: “[...] transformarmos o Centro Espírita em pequeno hospital para o atendimento de todas as mazelas é uma temeridade, uma loucura.” Apud CAMURÇA, Marcelo Ayres. Entre o cármico e o terapêutico: dilema intrínseco ao espiritismo. op. cit., p. 123.

³⁵⁵ Apud TADVALD, Marcelo. Corpo e possessão na teodicéia racionalista. *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 9, n. 9, set. 2007, p. 121.

³⁵⁶ LEWGOY, Bernardo. A transnacionalização do espiritismo kardecista brasileiro. op. cit., p. 89.

³⁵⁷ Idem, ibidem, p. 89.

religiosidade pós-moderna.³⁵⁸

No que diz respeito aos médicos da AME, embora procurem relativizar a lei férrea do *carma*, argumentando sobre os meios de atenuá-lo, quando não extingui-lo, o fazem dentro dos parâmetros espíritas. Queremos dizer que, se vão ao encontro de um *novo espírito* de época no contexto religioso, que propugna a cura do corpo tanto quanto da alma, continuam reiterando o princípio de que não há atalhos para o restabelecimento da saúde. Preceitos mágicos, como os passes e as águas fluidificadas, são praticamente inócuos quando não acompanhados de uma vontade firme em se refazer eticamente. Por isso que muitos desses médicos procuram se posicionar como terapeutas: ou seja, aqueles que ajudam os pacientes nessa mudança *ética*, administrando-lhes, ao mesmo tempo, todos os “paliativos” necessários. A idéia é levar o paciente ao encontro das “Leis Divinas”, provocando-lhe uma mudança de atitude, “[...] pois o único tratamento de caráter definitivo é o da reforma íntima.”³⁵⁹ Cabe-nos frisar, ainda, que esses médicos não dispensam nenhum tipo de medicamento ou tratamento no cuidado aos pacientes. Pelo contrário, eles se fazem necessários nesse mundo em que impera a “matéria grosseira” e no qual os benefícios engendrados pela oração e pelo pensamento “reto” são quase desconhecidos.³⁶⁰ Mas época virá – a chamada *Era do Espírito* – em que esses medicamentos serão dispensáveis, garantem os médicos espíritas.³⁶¹

Portanto, ainda que matizada com colorações modernas, quase instrumentais – pois até a vivência do evangelho de Jesus tornou-se uma terapia³⁶² –, o centro da ortodoxia é mantido, como a inexistência de atalhos para a cura e iluminação.

A propósito, outra questão que se liga tanto ao assunto da ortodoxia quanto ao da razão instrumental é a função da caridade no espiritismo. Na interpretação dos intelectuais acadêmicos (sociólogos e antropólogos) ela assumiu, *grosso modo*, a forma de legitimação, de uma estratégia da qual os espíritas lançaram mão para tornar o espiritismo uma religião. Na interpretação dos espíritas, tratar-se-ia de um imperativo cristão, conforme a conhecida divisa

³⁵⁸ LEWGOY, Bernardo. A transnacionalização do espiritismo kardecista brasileiro. op. cit., p. 89.

³⁵⁹ SOUZA, Roberto Lúcio Vieira de. A terapia convulsiva: uma abordagem médico espírita. In: PAULO et al. *Depressão: abordagem médico-espírita*. op. cit., p. 186.

³⁶⁰ Marabuco, por exemplo, deixa-nos clara essa questão: “Impulsionado pelos novos paradigmas ditados pela física quântica, pelo avanço científico da psicoimunobiologia, da psicologia transpessoal e tantas outras contribuições científicas na pesquisa do espírito, o médico espírita dá um passo à frente do seu tempo ao abraçar a dimensão espiritual da saúde, sem deixar de usufruir de todo arsenal que a tecnologia coloca à sua disposição.” MARABUCO, Kátia. *Mediunidade na prática médica I*. IN: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Saúde e Espiritismo*. op. cit., p. 131.

³⁶¹ Os médicos espíritas acreditam que a medicina reconhecerá, em breve, as “verdades espirituais”, conquistando assim uma visão profunda do ser e, conseqüentemente, dos mecanismos de prevenção e cura. Essa transformação, que já se iniciou, afirmam os espíritas, é presidida por toda uma equipe de “espíritos iluminados”, entre eles, Bezerra de Menezes.

³⁶² Com técnicas específicas: como prece introdutória, leitura de apenas um item de cada vez, e proposta de vivenciá-lo, antes de passar para o próximo.

“fora da caridade não há salvação.” No que se refere especificamente ao campo da saúde, ela, a caridade, assume um matiz um pouco diferente: em que pese a expressão cristã, ele se tornou um princípio terapêutico, ou melhor, científico:

Jesus Cristo tinha sobradas razões recomendando-nos o amor aos inimigos e a oração pelos que nos perseguem e caluniam. Não é isto mera virtude, senão princípio científico de libertação do ser, de progresso da alma, de amplitude espiritual: no pensamento residem as causas. Época virá, em que o amor, a fraternidade e a compreensão, definindo estados de espírito, serão tão importantes para a mente encarnada quanto o pão, a água, o remédio; é questão de tempo!³⁶³

3.2 Evangelhoterapia e campo terapêutico alternativo

“E Jesus, vendo este deitado, e sabendo que estava neste estado havia muito, disse-lhe: queres ficar são?”

(João 5:6)

Uma das principais críticas dos médicos espíritas – ou talvez a principal – em relação à medicina mecanicista é que ela “trata da doença e esquece o doente”.³⁶⁴ Em última análise, isso significa que ela trata os sintomas, mas não as causas da doença. Para que essa situação mudasse, isto é, para que se começasse a tratar as causas “verdadeiras das doenças”, haver-se-ia de buscar a participação do indivíduo, o seu engajamento na cura, já que a saúde integral inicia-se com o próprio indivíduo. “Ninguém cura ninguém é o doente que se desperta, reconhece que teve participação no aparecimento de sua doença e empreende esforços para sua recuperação, tornando-se um aliado do médico no seu processo terapêutico.”³⁶⁵ Segundo a pediatra Lenice de Souza:

Diante da dor, nosso posicionamento íntimo é decisivo. Assumindo uma atitude corajosa de examinar, enfrentar e remover a causa, que caracteriza a resignação dinâmica. O trabalho nas causas pressupõe recursos hábeis: “educação do pensamento, disciplina de hábitos e a segurança de metas”.³⁶⁶

Esse “despertar” de que falou Souza compreende a aquisição do conhecimento “último”, “real da existência”, que são as “Leis Divinas”.³⁶⁷ Considerando a doença como

³⁶³ LIMA, Taciana Cristina Freitas de. Uma visão psicossomática. In: Associação do conhecimento médico ao conhecimento espírita no estudo da função celular In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Medicina e Espiritismo*. op. cit., p. 123.

³⁶⁴ Idem, ibidem, p. 122. Crítica que também é feita pelas medicinas holísticas e por muitos antropólogos.

³⁶⁵ LOPES, Wilson Ayub. Inteligência emocional na prática médica. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. Ibidem, p. 127.

³⁶⁶ SOUZA, Lenice Aparecida de. Homeopatia e espiritismo. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Saúde e Espiritismo*. op. cit., p. 328.

³⁶⁷ Para os espíritas, a maioria das pessoas vive “impunemente”, sem conhecer a realidade: *evoluir*, que significa, como vimos no primeiro capítulo, desenvolver tanto as virtudes cristãs quanto as faculdades intelectuais. Como

portadora de uma “mensagem” e, ao mesmo tempo, facilitadora de uma oportunidade para a introspecção, a terapêutica principal consistiria na busca do problema original e das razões da doença, de modo a saber o que desviou o paciente dessas “Leis”. Essas razões devem ser levadas a um nível consciente, em que o problema possa ser resolvido. Para ajudar neste mister, os médicos espíritas propõem a integração das terapias físicas, psicológicas e espirituais, sendo necessário, antes, o reconhecimento da ligação entre mente, corpo e espírito na saúde e na doença.³⁶⁸

Tendo em vista, então, que a cura definitiva do espírito provém de uma iniciativa interior, que, por sua vez, consiste na eliminação dos sentimentos e ações que destoam das “Leis Divinas” e, por último, que essas leis estão contidas nos ensinamentos de Jesus, os médicos espíritas receitam, como a terapêutica mais eficaz, o estudo de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.³⁶⁹

Trata-se da *evangelhoterapia*, fundamentada na leitura diária de um tópico da obra supra, que pode ser feita no próprio lar, seguida de uma reflexão do paciente. A abertura do livro – isto é, a “escolha” do tópico a ser estudado – é feita aparentemente ao “acaso”; na verdade, ela deve ser presidida pelo *mentor espiritual*³⁷⁰ ou por bons espíritos, que inspiram o paciente por meio da intuição, donde a oração antes de folhear a obra.

A cada lição, o paciente deve se conscientizar da sublimidade da mensagem e procurar vivenciá-la, a fim de desfazer o *carma* gerado pelos “equivocos” do pensamento e da ação. Os espíritas observam que, se por mais de uma vez, ao se abrir o Evangelho, um mesmo tópico se repete, é sinal de que seu significado ainda não foi assimilado;³⁷¹ seria preciso reforçar o empenho em superar a “deficiência moral”, repontada, por meios dos “espíritos zelosos”, naquele tópico.

A compreensão e a prática dos ensinamentos de Jesus têm um sentido duplo: um sentido religioso, que seria o de restabelecer a conexão com a “realidade transcendental”, com o “Criador”; mas têm também um sentido, para os médicos espíritas, científico, já que, ao seguir os preceitos cristãos, o paciente ver-se-ia livre de pensamentos e companhias

dizem reiteradamente: essas são as “duas asas” que conduzem os homens ao “progresso”; sem esse par, o “vôo”, isto é, o avanço torna-se impossível.

³⁶⁸ LIMA, Taciana Cristina Freitas de. Uma visão psicossomática. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Medicina e Espiritismo*. op. cit., p. 125.

³⁶⁹ Obra que consiste, de acordo com seu subtítulo, “[n]a explicação das máximas morais do Cristo em concordância com o espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida”. KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o espiritismo*. op. cit.

³⁷⁰ Seria uma espécie de “anjo da guarda”.

³⁷¹ LEMOS, Nelson. Evangelhoterapia. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Medicina e Espiritismo*. op. cit., p. 294.

espirituais geradores de distúrbios no organismo. O efeito dessas práticas evangélicas seria tão inequívoco quanto o de um medicamento já sobejamente comprovado.³⁷² Dessa maneira, advoga-se:

Jesus Cristo tinha sobradas razões recomendando-nos o amor aos inimigos e a oração pelos que nos perseguem e caluniam. Não é isto mera virtude, senão princípio científico de libertação do ser, de progresso da alma, de amplitude espiritual: no pensamento residem as causas. Época virá em que o amor, a fraternidade e a compreensão, definindo estados de espírito, serão tão importantes para a mente encarnada quanto o pão, a água, o remédio; é questão de tempo!³⁷³

É importante ressaltar que a evangelhoterapia não se dirige apenas às dores espirituais. Como já o dissemos, mesmo as dores físicas têm origem no espírito; logo, a utilização do “evangelho como força curadora” estende-se a todo tipo de doenças: “físicas, mentais ou espirituais”.³⁷⁴ O tratamento espiritual é relativamente demorado, pois envolve a transformação íntima, a mudança do entendimento e do proceder em relação à própria vida, que deve voltar-se “inteiramente para o bem”.³⁷⁵ Assim, tão fundamental quanto a vontade e a fé, como características que a terapia exige do paciente, é a persistência.³⁷⁶

De acordo com Nelson Lemos, esse “[...] eficiente e importante recurso terapêutico e significativo meio de cura [...]”³⁷⁷ exige alguns requisitos para sua utilização. Visando elucidá-los, o autor dedicou parte de um capítulo a eles. Para o médico espírita, esse capítulo visa:

Proporcionar às pessoas interessadas na terapia através do Evangelho – a Evangelhoterapia, o conhecimento do método através da proposição de condições para o êxito de seu uso e a forma de utilizá-la como recurso de cura.
Demonstrar através da metodologia científica de Estudos de Caso –, no relato de 3 exemplos, a utilização da Evangelhoterapia como instrumento de cura.³⁷⁸

Segundo o autor, a busca da utilização desse recurso terapêutico é crescente, e justificar-se-ia não só em função da “[...] decadência cada vez maior do Sistema de Saúde Pública no Brasil” como também da crescente procura pela fé – ponto que o autor julga

³⁷² Como vimos, o pensamento seria capaz de “plasmar” doenças no corpo, assim como atrair companhias espirituais igualmente prejudiciais. Para eles, trata-se de uma verdade científica a qual pretendem provar.

³⁷³ LIMA, Taciana Cristina Freitas de. Uma visão psicossomática. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Medicina e Espiritismo*. op. cit., p. 123.

³⁷⁴ LEMOS, Nelson. *Evangelhoterapia*. Ibidem, p. 289.

³⁷⁵ BRÓLIO, Roberto. *Doenças da alma*. op. cit., p. 52.

³⁷⁶ LEMOS, Nelson. *Evangelhoterapia*. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Medicina e Espiritismo*. op. cit., p. 294-293.

³⁷⁷ Idem, *ibidem*, p. 289.

³⁷⁸ Idem, *ibidem*, p. 290-291.

principal –, “[...] tendo em vista que os dias atuais estão mais tumultuados e atribulados e a fé acalma, tranqüiliza e cura as pessoas”.³⁷⁹

Para os espíritas, embora a cura seja possível apenas por meio da Misericórdia Divina – que possibilita numerosas possibilidades de recomeço³⁸⁰ – ela é conquista do indivíduo: é fundamental que exista uma vontade firme e decidida em se consegui-la. As curas verificadas no Novo Testamento são lidas através dessa perspectiva, como no exemplo seguinte:

No caso do parálítico de Betesda Cristo pergunta: “Queres ser curado?” (João 5,1-18). A pergunta parece óbvia e inoportuna, pois o parálítico estava ali há 38 anos em busca de cura, junto de uma fonte intermitente à espera de uma ajuda para chegar até a água. Jesus deu ao episódio uma interpretação totalmente diferente, por isso coloca a pergunta de modo evidente.³⁸¹

Parte dos médicos espíritas reveste a máxima de que é o indivíduo que encerra todos os potenciais pelo restabelecimento e manutenção da saúde de uma forma mais contemporânea, mais afeita ao espírito de nossa época. Segundo Taciana Lima: “Saúde, na verdade, é a boa administração da *energia vital* que passa por nós, e não algo a ser conseguido com remédios.” [grifos nossos].³⁸² E continua: “A única utilidade de uma doença é fazer-nos parar e repensar o rumo de nossas vidas e o modo como estamos usando a *energia vital* que flui por nós. A doença é sempre um ALERTA.” [grifos nossos]. Esse conceito de *energia* – uma “atualização” do vitalismo³⁸³ – acaba criando, pelos médicos espíritas, um ponto de convergência com o campo alternativo de saúde, já bem estabelecido, de certa maneira, na sociedade. O conceitual acionado pelos terapeutas desse campo, que buscam distinguir-se tanto da ordem científica convencional quanto da mágica “curandeirista”, centra-se, de acordo

³⁷⁹ LEMOS, Nelson. Evangelhoterapia. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Medicina e Espiritismo*. op. cit., p. 293.

³⁸⁰ Essa idéia de “inúmeras oportunidades” tem de ser matizada, pois, a cada ensejo perdido, as possibilidades de reconquista do caminho “correto” se fazem, digamos, mais rudes. Inclusive, há a possibilidade de banimento do planeta do espírito recalcitrante no erro, sem que isso implique, segundo os espíritas, um retrocesso para o espírito.

³⁸¹ LEMOS, Nelson. Evangelhoterapia. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Medicina e Espiritismo*. op. cit., p. 293.

³⁸² LIMA, Taciana Cristina Freitas de. Uma visão psicossomática. Ibidem, p. 122.

³⁸³ Segundo Marafiotti Gomes “A idéia de que a vida depende de um fator animador é muito antiga [...] A alusão à existência de um fluido vitalizador, que uma vez insuflado em uma substância inerte pode torná-la viva, é encontrada em inúmeras tradições religiosas e sistemas filosóficos. Por exemplo, no Gênesis mosaico, pode ler-se: ‘Do pó da terra formou Deus Jehovah ao homem, e soprou-lhe nas narinas o fôlego de vida; e o homem tornou-se um ser vivente’. (Gênesis, II, 7) [...] A concepção da existência de algo implicado na vivificação da matéria sofreu, com o decorrer do tempo, modificação de conceito. Não seria mais um ‘sopro’ (pneuma) ou um ‘fluido insuflado’ no ser em vias de tornar-se vivente, mas sim uma forma de energia, de um campo, capaz de organizar e animar a matéria, tornando-a viva. Percebe-se, nessa mudança de conceito, uma adaptação às modernas teorias da Física.” GOMES, Sonia Maria Marafiotti. Pesquisa laboratorial do hipotético campo morfogenético. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Saúde e Espiritismo*. op. cit., p. 7-8.

com a antropóloga Fátima Tavares,³⁸⁴ nas noções de *holismo* e *energia*. São essas noções que dão ao campo alternativo de saúde uma identidade terapêutica própria. Os médicos espíritas, ao se apropriarem desses dois conceitos, acabam por criar uma homologia com esse campo, embora dele procurem se distanciar. Como vimos, eles advogam que a medicina espírita é complementar à oficial e não uma medicina própria, alternativa. De qualquer modo, os espíritas vêm se apropriando, conscientemente ou não, dos dois aspectos basilares do campo alternativo. Ao se produzir comensurabilidades, cria-se também a possibilidade de os médicos espíritas conquistarem um conjunto maior de leitores, de consumidores ávidos por uma literatura que exorta a iniciativa individual, livre de peias dogmáticas (ainda que esse último caso não seja exatamente o das publicações da AME).³⁸⁵ Não queremos afirmar, entretanto, que essas noções – *holismo* e *energia* – sejam totalmente novas para o espiritismo, mas a roupagem com a qual se revestem e o jargão empregado certamente o são, o que pode ser fruto de uma aproximação com esse campo alternativo.

Outro ponto comum com os terapeutas alternativos pode ainda ser destacado: a compreensão da ciência como limitada e comprometida³⁸⁶ – avaliação que se torna mais grave quando se trata da ciência médica:

Não obstante [a Medicina] ter alcançado um elevado progresso tecnológico e científico, seus valores morais mantêm-se estagnados, não tendo chegado ao reconhecimento da alma como constituinte atuante do ser humano, responsável pelas ações psíquicas e emocionais que individualizam o seu comportamento.³⁸⁷

As palavras de Emmanuel, reiteradas pelo médico espírita Brólio e citadas a seguir, são também ilustrativas dessa “limitação” da ciência médica:

“A medicina do futuro terá de ser eminentemente espiritual, posição dificilmente alcançada, em razão da febre maldita do ouro. Mas os apóstolos dessas realidades grandiosas não tardarão a surgir nos horizontes acadêmicos do mundo, testemunhando o novo ciclo evolutivo da humanidade”.³⁸⁸

³⁸⁴ Apud D’ANDREA, Antony. *O self perfeito e a nova era. Individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais*. op. cit., p. 144.

³⁸⁵ A ética do *carma*, por exemplo, ainda que tenha sido relativizada – como vimos tentando demonstrar –, não tem sua existência questionada.

³⁸⁶ D’ANDREA, Antony. *O self perfeito e a nova era. Individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais*. op. cit., p. 144.

³⁸⁷ BRÓLIO, Roberto. A Medicina no alvorecer da nova era: visão espírita. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Saúde e Espiritismo*. op. cit., p. 310.

³⁸⁸ Emmanuel (psicografia de Francisco Cândido Xavier) citado por BRÓLIO, Roberto. *Ibidem*, p. 311.

Ocorre, entretanto, que, ao contrário dos terapeutas alternativos, que procuram “se firmar em relação à ciência”,³⁸⁹ os médicos espíritas vêem-se como continuadores dela, enquanto médicos que, tendo acesso à “espiritualidade”, a qual inspirou e inspira grandes pesquisadores, podem vislumbrar o futuro da medicina, lobrigar idéias que se farão corriqueiras na Terra, mas que precisam, antes, de pioneiros que lhe preparem o terreno. Por isso que, embora considerem a ciência como limitada, não se acham à parte dela, visto que ela própria foi inspirada por gênios do “outro lado”, sendo, por isso mesmo, divina e além de tudo consentânea aos padrões do planeta.³⁹⁰ A ciência carrega essa ambigüidade: ela é humana e divina simultaneamente, quer dizer, ela é fruto dos indivíduos que usam do livre arbítrio para pesquisar, mas, ao mesmo tempo, é inspirada por bons (e às vezes maus) espíritos, que se incumbem de assistir os “colegas encarnados”.

Por último, listamos mais uma aproximação dos médicos espíritas com os terapeutas desse campo alternativo: assim como estes “[...] negam expectativas de controle, autoridade e poder sobre o paciente, que é transformado assim em agente autônômico de autocura”,³⁹¹ aqueles, como já o referimos, endossando essa postura, também criticam o modelo médico dominante, em que as possibilidades de cura estão concentradas nas mãos de seus representantes oficiais. Baseando-se na obra de Fritijof Capra, *O ponto de mutação*, Marlene Nobre faz um pequeno libelo não propriamente contra esse modelo, mas contra suas “desvantagens”, o que inclui as relações que ele estabelece com o paciente. A respeito dessas relações, destacamos o seguinte parágrafo, no qual também o paciente é responsabilizado:³⁹²

³⁸⁹ D’ANDREA, Antony. *O self perfeito e a nova era. Individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais*. op. cit., p. 144.

³⁹⁰ Dessa maneira, como a Terra está passando por mudanças, do estágio de *provação e expiação* para *regeneração*, a medicina também está em transformação, argumenta-se. “Esta plêiade de espíritos missionária trabalha pela implantação do Evangelho aqui na Terra, trabalha pela união do conhecimento humano, ou ciência, com os conceitos do Mestre Jesus, ou Evangelho”. GUIMARÃES, Fernando Augusto Garcia. *Ciência espírita: grandes vultos*. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Medicina e Espiritismo*. op. cit., p. 38. A seguir, temos um exemplo de como funciona a inspiração, no caso em questão, de um artista: “O Espírito André Luiz, na obra *Os Mensageiros*, revela assunto transcendental de grande interesse, ressaltando que nem todas as grandes composições artísticas são originariamente criadas na vibração material, desde que ‘toda arte elevada é sublime na Terra, porque traduz visões gloriosas do homem na luz dos planos superiores’, isto é, muitos artistas, à noite, dormindo no leito, em processo de projeção da consciência através do veículo perispírico, visitam planos mais elevados, onde tem acesso às belas criações elaboradas por mentes mais evoluídas. Voltando ao corpo físico, relembram o maravilhoso ‘sonho’ e reproduzem palidamente as obras que viram ou ouviram. NUNES FILHO, Américo Domingos. *Desdobramento perispírico: certeza da imortalidade*. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Saúde e Espiritismo*. op. cit., p. 86.

³⁹¹ Apud D’ANDREA, Antony. *O self perfeito e a nova era. Individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais*. op. cit., p. 149.

³⁹² Informações baseadas no seguinte trecho de *O ponto de mutação*: “A adoção de um conceito holístico e ecológico de saúde, na teoria e na prática, exigirá não só uma mudança radical conceitual na ciência médica, mas também uma reeducação maciça do público. Muitas pessoas aderem obstinadamente ao modelo biomédico porque receiam ter seu estilo de vida examinado e ver-se confrontadas com seu comportamento doentio. Em vez

Muitos de nós aderimos ao modelo biomédico porque receamos ter o nosso estilo de vida reexaminado e vermo-nos confrontados com nossos comportamentos doentios. Em vez de enfrentarmos tal situação, frequentemente penosa, insistimos em delegar toda a responsabilidade da nossa saúde ao médico e aos medicamentos.³⁹³

Para D’Andrea, “Tal mudança na relação terapeuta-paciente expressa o ideal de autonomia cara à Nova Era e corresponde à afirmação do paciente como *smart agente reflexivo*”.³⁹⁴ Nisso os espíritas estão de pleno acordo com a Nova Era; vimos que, no espiritismo, toda cura é autocura: o indivíduo, dando-se conta das raízes de seu problema, empreende esforços morais para curar-se. Porém, enquanto na Nova Era o indivíduo “[...] deve adaptar-se racional e eticamente aos imperativos holísticos de uma civilidade ‘cós mica’ (global)”,³⁹⁵ no espiritismo, ele deve adaptar-se aos imperativos cristãos de um caminho ascético. Ademais, essa colocação não exclui a possibilidade de o indivíduo ser ajudado por “entidades rarefeitas”, o que não ocorre na Nova Era, em que “[...] terapeutas não trabalham para influenciar ‘forças misteriosas incalculáveis’ weberianas [...]”.³⁹⁶

Outro ponto merece ser destacado: embora a busca da cura (ou melhor, da autocura) seja propugnada pelos médicos espíritas e “entidades superiores”, ela nunca terá total êxito neste orbe. Pode-se libertar de certas doenças e dores, mas a saúde perfeita não pertence a este mundo, porquanto todos são almas enfermas, circundadas por uma falange de espíritos em semelhante condição,³⁹⁷ alimentando uma “psicosfera” propícia ao desenvolvimento de todo tipo de mazelas. Sair dessa conjuntura é um horizonte que os indivíduos devem ter, e cabe ao médico ajudá-los nesse processo, mesmo sabendo que a saúde perfeita – tão platonicamente definida pela Organização Mundial de Saúde (OMS), como concordam médicos ortodoxos e espíritas – é impossível. A idéia é ser tão saudável quanto possível neste planeta.

de enfrentarem tal situação embaraçosa e frequentemente penosa, insistem em delegar toda a responsabilidade por sua saúde ao médico e aos medicamentos”. FRITIJOF, Capra. O ponto de mutação. op. cit., p. 155.

³⁹³ LIMA, Taciana Cristina Freitas de. Uma visão psicossomática. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Medicina e Espiritismo*. op. cit., p. 120.

³⁹⁴ D’ANDREA, Antony. *O self perfeito e a nova era. Individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais*. op. cit., p. 149.

³⁹⁵ Idem, ibidem, p. 149.

³⁹⁶ Idem, ibidem, p. 149.

³⁹⁷ Acredita-se que a relação entre encarnados e desencarnados, presos ao orbe terrestre, seja de um para três.

3.3 Ciência e religião

Neste tópico analisaremos como se processa a união entre ciência e religião no paradigma médico-espírita. Inicialmente, estudaremos quais os diferentes pesos conferidos a essas duas “formas de conhecimento”; posteriormente, como são amalgamadas essas duas concepções tão díspares de mundo; e, por fim, como essa proposta conciliadora poderia repercutir no paradigma biomédico, de acordo com o pensamento do “nativo” e com uma análise nossa, à luz da teoria de Thomas Kuhn, desenvolvida em sua obra *A estrutura das revoluções científicas*.³⁹⁸

3.3.1 Fé metódica: * princípio de certeza absoluta

“A fé abre uma picada, a Ciência passa por cima e constrói uma estrada.”

(Chico Xavier)

O comentário acima Marlene Nobre ouviu do próprio autor. Numa de suas obras, ela o compara com o pensamento de Santo Agostinho com que se deparou posteriormente: “A fé procura, o intelecto encontra”, a propósito de um comentário de Santo Isaías (VII, 9): “Se não crerdes não entenderéis”.³⁹⁹ A médica cita as duas frases, a de Chico e a de Santo Agostinho, com o fito de expressar em poucas palavras⁴⁰⁰ o *modus operandi* de parte de seu trabalho. De acordo com a médica:

Em meu livro *A Obsessão e suas Máscaras*, tomei como diretriz essas mesmas idéias. Nele, parto da revelação espiritual, procurando organizar esse extraordinário filão de informações e proponho aos pesquisadores e estudiosos o desenvolvimento de investigações e trabalhos práticos sobre o assunto. Procuro, assim, contribuir, embora reconheça a forma singela desse tentame, para que a Ciência avance nessa direção, uma vez que a obsessão é um dos piores flagelos da humanidade. Neste trabalho, aqui apresentado, seguimos a mesma orientação.⁴⁰¹

Esse procedimento pode ser estendido à maioria dos médicos associados à AME a cujos trabalhos – livros e artigos – tivemos acesso. Como asseguram, muito de seus conhecimentos de corpo, de saúde e de cura são “antecipados”⁴⁰² pela “revelação espiritual”,

³⁹⁸ KHUN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

* Em contraposição a dúvida metódica, de Descartes.

³⁹⁹ NOBRE, Marlene R. Severino. Obsessões e psicopatologias. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Saúde e Espiritismo*. op. cit., p. 161.

⁴⁰⁰ Argumento utilizado não só pela sua concisão, pelo seu efeito axiomático, senão também pela autoridade de seu autor: Santo Agostinho “assina” algumas passagens de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, sendo considerado, portanto, um dos espíritos iluminados engajados no advento da “Terceira Revelação”.

⁴⁰¹ NOBRE, Marlene R. Severino. Obsessões e psicopatologias. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Saúde e Espiritismo*. op. cit., p. 161.

⁴⁰² Trata-se de conhecimentos que, embora obscuros no momento de sua “revelação”, se espera que sejam posteriormente esclarecidos e confirmados pela ciência.

isto é, por apriorismos que condicionam boa parte da reflexão espírita. No parágrafo abaixo, Guimarães afirma que o espírito André Luiz nos transmite idéias à frente de nosso tempo, o que denota uma crença na superioridade incontestada dessa “entidade” e, por isso mesmo, uma infração aos princípios estabelecidos por Kardec, a que os médicos espíritas sempre fazem referência:

O componente científico é brilhantemente exemplificado pelas obras ditadas pelo Espírito André Luiz que transmitem conceitos científicos corretos para a época de suas publicações e conceitos que vieram a ser comprovados posteriormente como é o caso da expressão “luz coagulada” encontrada na página 66 do livro *E a Vida Continua...e recentemente comprovado pela física*.

O componente filosófico e a direção do trabalho de Chico Xavier é dada por seu orientador espiritual Emmanuel.⁴⁰³

Não queremos avaliar o processo de construção de mundo desses médicos, mas corroborar a idéia de uma *especificidade brasileira* no modo de os espíritas lidarem com os espíritos, da qual muitos dos nossos “nativos” compartilham.

Num trecho do artigo *Psicose e reencarnação*, de Rosemeire Simões, divisamos uma possível hierarquia sobre a origem do conhecimento, no seu campo profissional. Para ela: “Quando abordamos a nosologia sob o enfoque da Doutrina Espírita, lidamos com hipóteses sustentadas pela visão científica, pelas observações clínicas e, ainda, pela valiosa contribuição dos autores espirituais”.⁴⁰⁴ Esse parágrafo, mesmo retirado de seu contexto, leva-nos a entender que o conhecimento acadêmico, pelo menos para Rosemeire, é o pilar da nosologia espírita, e as revelações espirituais, uma fonte secundária ou terciária.

Sejam os conhecimentos dos médicos espíritas fundados a partir da “revelação espiritual”, como concebe Marlene Nobre e a maioria de seus confrades, sejam eles “apenas” dilatados por esse “expediente religioso”, como nos sugere Rosemeire Simões, o fato é que a religião constitui a base do conhecimento espírita. Parte desse conhecimento, como o que se refere à saúde, os médicos espíritas consideram como científico: isso porque, embora o paradigma desses médicos seja fundamentado na religião, eles advogam não se restringirem a ela, já que se amparam também em evidências científicas e trabalham na descoberta de novas pesquisas – que “avance[m] na direção”⁴⁰⁵ de tais revelações. Mas não é somente por isso que o paradigma médico-espírita é concebido como científico: consentâneos com alguns

⁴⁰³ GUIMARÃES, Fernando Augusto Garcia. Ciência espírita: grandes vultos. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Medicina e Espiritismo*. op. cit., p. 37-38.

⁴⁰⁴ SIMÕES, Rosemeire. *Psicose e reencarnação*. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Saúde e Espiritismo*. op. cit., p. 256.

⁴⁰⁵ NOBRE, Marlene R. Severino. *Obsessões e psicopatologias*. Ibidem, p. 161.

intelectuais “*avant-garde*”, como veremos, os espíritas concebem a religião como fonte legítima de conhecimento.

Talvez possamos nos referir ao sistema de pensamento dos espíritas como um sistema híbrido, uma vez que não descarta o contributo científico, mas o subordina à religião (mesmo que isso não tenha ficado nem mesmo implícito no argumento de Rosemeire Simões). É o que podemos concluir, já que o que procuram na ciência é principalmente a confirmação dos pressupostos espíritas, que são as baías por entre as quais seguem as pesquisas espíritas, as lentes através de que são lidas as pesquisas acadêmicas. Desse modo, procuram colocar a ciência à disposição da religião, no sentido de procurar na primeira a confirmação da segunda.

É sabido que, em qualquer ciência, toda teoria inclui um “pré-julgamento”, um “pré-juízo” acerca das coisas destituídas de significação:⁴⁰⁶ isto não é apanágio da pesquisa espírita. O pesquisador sempre vai para um laboratório ou campo munido de um conjunto de idéias anteriores aos fatos, de modo que os resultados da investigação são inevitavelmente viciados de pré-conceitos. No caso dos médicos espíritas, porém, os resultados já estão, em sua maioria, prontos (ou perto disso): já foram *ditados* pelos espíritos. Parece-nos que o objetivo desses médicos tende a ser provar aquilo que na prática e no mundo ideal deles já está nomeado, organizado e em funcionamento, de modo que as pesquisas sirvam mais como senha para entrar na academia, do que fonte de novos conhecimentos, ainda que fatalmente “contaminados” de prejulgamentos.⁴⁰⁷ O texto abaixo, que procura incentivar os profissionais espíritas da área de saúde a pesquisar, nos dá alguma idéia sobre isso:

Portanto, podemos realizar uma variedade grande de pesquisas neste segmento de investigação [mediunidade e cura]. Estas pesquisas podem ser experimentadas com animais de laboratórios, plantas, reações bioquímicas e biofísicas, ação de enzimas *in vitro*, etc. Podem, também, ser realizadas pesquisas clínicas como a interferência da prece, da fluidoterapia, do passe na evolução clínica de doenças fora de alternativa terapêutica (câncer em estágio [sic] avançado, aids [sic], doenças degenerativas, etc). Ainda trabalhando na linha de pesquisa da Mediunidade, podemos investigar um de seus distúrbios: a obsessão. [...] O Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, em seu livro *A Loucura sob Novo Prisma*, em que procura demonstrar a “natureza especial” da loucura que é a obsessão, sugerindo o seu tratamento pela associação da condutas clínicas com a terapia espírita da desobsessão. O Dr. Inácio Ferreira nos apresenta uma experiência prática destes conceitos de Bezerra de Menezes no seu livro *Novos Rumos à Medicina*, com a descrição de suas

⁴⁰⁶ ALVES, Rubem. *Filosofia da Ciência – introdução ao jogo e sua regras*. 21. ed, op. cit., p. 94.

⁴⁰⁷ Há aquelas pesquisas que desejam aprofundar assuntos bem específicos do conhecimento espírita, como, por exemplo, o mecanismo de funcionamento da glândula pineal (ou epífise), protagonista no intercâmbio entre mortos e vivos. No entanto, no contexto de luta contra a medicina instituída, os objetivos dos médicos espíritas tendem mais para a conquista da opinião dos “opponentes” do que para a verticalização em assuntos *in* da doutrina: donde a prioridade de organizar o conhecimento espírita já angariado nos moldes da academia, ou seja, dispor em linguagem científica aquilo que eles já conhecem por meio do expediente religioso, isto é, pela a revelação mediúnica.

atividades no Sanatório Espírita de Uberaba, mostrando uma eficácia de cura encorajadora. Os profissionais da área da psiquiatria têm um campo de pesquisa altamente promissor, basta buscar comprovar a eficácia clínica da terapia da desobsessão nos hospitais e clínicas onde atuem.⁴⁰⁸

Nas últimas linhas, o autor argumenta sobre o promissor campo dos psiquiatras na área de pesquisa: “[...] basta buscar comprovar a eficácia clínica da terapia da desobsessão nos hospitais e clínicas onde atuem”; quer dizer: sabe-se, de antemão, que o método de desobsessão é eficaz: o que se espera é a sua validação científica, a sua transliteração para a linguagem acadêmica. Dentro do universo de conhecimento espírita não existem dúvidas nem sobre o funcionamento nem sobre os resultados que se podem esperar sobre esse método de cura.

O seguinte parágrafo, além de corroborar o que vimos afirmando, mostra-nos que a confirmação dos conhecimentos espíritas pela ciência é questão apenas de tempo:

Essas nossas colocações buscam aplicar as informações espíritas às informações da ciência. Necessitam ser analisadas e submetidas à metodologia de pesquisa científica para serem validadas.

Quando confirmadas, possibilitarão à medicina do futuro compreender a complexidade dos fatores mentais no campo das moléstias do corpo físico. Muito raramente não se encontram as afecções diretamente relacionadas com o psiquismo. Todos os órgãos são diretamente subordinados à ascendência moral.⁴⁰⁹ [grifos nossos].

Insistindo na metáfora de Chico Xavier posta como epígrafe – e no modo, portanto, como os médicos espíritas unem ciência e religião –, podemos afirmar que a fé (nos espíritos) traz princípios importantes sobre a “realidade” e cabe ao homem alargá-los. Esse modo de lidar com a fé – de maneira racional, como diriam, posto que toda idéia tem que passar pelo “crivo da razão” – é que faz com que os espíritas a elevem à condição de conhecimento. O espiritismo é entendido como a “Terceira Revelação”, que, ainda em curso, é presidida por espíritos sábios, que dão coordenadas seguras sobre variados assuntos, inclusive no campo da saúde, seja através do conhecimento de “fisiologia” do espírito, seja de terapêutica ou de ética do profissional. Isso significa que “A Doutrina dos Espíritos representa uma fonte inesgotável de conhecimentos e, após Kardec, o trabalho incansável dos Espíritos continua presente através da sagrada e consagrada psicografia de Francisco Cândido Xavier”.⁴¹⁰

⁴⁰⁸ GUIMARÃES, Fernando Augusto Garcia. Ciência espírita: grandes vultos. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Medicina e Espiritismo*. op. cit., p. 54.

⁴⁰⁹ MOREIRA, Oswaldo Hely. Associação do conhecimento médico ao conhecimento espírita no estudo da função celular. *Ibidem*, p. 154.

⁴¹⁰ NICODEMOS, Elisabeth Rezende. Transplante: morte encefálica e repercussões perispirituais. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Saúde e Espiritismo*. op. cit., p. 118.

Se para Kardec as experiências mediúnicas, conforme argumentava, traziam como consequência uma filosofia e uma doutrina (leia-se: uma religião), no caso dos médicos espíritas, a religião é que traz como corolário uma ciência. É assim que um suposto médico “desencarnado” se tornou o maior cientista médico, maior e mais conhecido do que qualquer médico “encarnado”. André Luiz⁴¹¹ é um espectro que ronda quase todos os artigos dos médicos da AME, de modo que seria vã a tentativa de contabilizar o número de vezes em que ele é citado por suas “verdades” científicas à frente de nosso tempo. A seguir, lemos um trecho em que o médico Roberto Souza faz deferência às contribuições de André Luiz para a ciência médica, sem citá-las, no entanto, pontualmente, senão somente os campos a que pertencem (fisiologia, fluidoterapia, desobsessão):

E, em especial, no campo da medicina, temos a chamada “Série André Luiz”, psicografada pelo maior médium do século XX, Francisco Cândido Xavier, contribuindo ativamente para que o diagnóstico e a terapêutica enfoquem o homem em sua verdadeira constituição: espírito-perisipírito-corpo físico, ampliando os conceitos do que sejam a vida e a morte e as técnicas de tratamento, onde a fluidoterapia, o atendimento desobsessivo e a busca do auto conhecimento e, conseqüente, da reforma íntima transformam-se em recursos primordiais para a conquista da saúde real.⁴¹²

Os conhecimentos trazidos por André Luiz do “Plano Maior” vêm sendo, segundo os espíritas, paulatinamente comprovados pela ciência. Um desses conhecimentos é o de que: “A idéia é um ‘ser’ organizado por nosso Espírito, a que o pensamento dá forma e ao qual vontade imprime movimento e direção”.⁴¹³ “Assim”, explica Marlene Nobre, “através desses ‘seres’ produzidos por nós mesmos, coagulados a partir dos nossos pensamentos, influímos nesse vasto oceano de forças que nos rodeiam”.⁴¹⁴ Essa teoria, descrita por André Luiz há anos, é comparada, pelos médicos espíritas, com a do médico e pesquisador Gustae Geley;

⁴¹¹ André Luiz é autor espiritual de extenso número de livros, todos psicografados por Francisco Cândido Xavier (alguns foram escritos junto com Waldo Vieira). Ele estreou no mercado editorial espírita em 1944, com a obra *Nosso Lar*, na qual descreve os labores de uma cidade espiritual próxima à Terra. O livro logo se transformou em objeto de estudo e discussão nos círculos espíritas do país. Por sua formação em Medicina – era médico sanitaria no primeiro quartel do século XX – e por seus atributos intelectuais, André Luiz conseguiu captar e descrever “verdades científicas” correntes naquela cidade espiritual, e avante do “nosso plano”, o que o tornou uma referência entre estudiosos espíritas e uma “antena da vanguarda” dos médicos. É forçoso notar que, entre os médicos espíritas, Bezerra de Menezes, também médico, é lembrado freqüentemente pela sua devoção aos desvalidos, pelo seu exemplo de caridade – foi o “Médico dos pobres” –; enquanto André Luiz o é por sua acuidade no estudo de pormenores do “mundo espiritual” e sua transmissão para o “mundo material”. O reconhecimento de Bezerra como um grande espírito vem desde quando ainda era “encarnado”, enquanto André Luiz só seu deu a conhecer após sua primeira publicação, já no “mundo espiritual”. Em tempo: *Nosso Lar* foi adaptado para o cinema, pela *20th Century Fox*.

⁴¹² SOUZA, Roberto Lúcio Vieira de. Medicina e Espiritismo: uma pequena contribuição. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Medicina e Espiritismo*. op. cit., p. V.

⁴¹³ André Luiz (psicografia de Francisco Cândido Xavier), citado por NOBRE, Marlene R. Severino. Obsessões e psicopatologias. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Saúde e Espiritismo*. op. cit., p. 161.

⁴¹⁴ Idem, ibidem, p. 167.

trata-se da ideoplastia, que é a “moldagem da matéria viva, feita pela idéia”.⁴¹⁵ Segundo Marlene Nobre, “Temos, assim, a possibilidade de cocriar, moldando o fluído cósmico universal, ou plasma divino, através da força mental inerente ao nosso Espírito. Realizamos esse processo através das ideoplastias.”⁴¹⁶

Aqui retomamos outro argumento nosso: os médicos espíritas acabaram por eleger certos espíritos em quem confiar,⁴¹⁷ de modo que o que dizem é considerado, *a priori*, como verdadeiro. O caso mais típico é o do citado médico e pesquisador André Luiz, que repassa para os encarnados alguns dos princípios já correntes no “Plano Superior”. Assim, de acordo com o ponto de vista espírita, poderíamos classificar as pesquisas que vão surgindo no mundo acadêmico que tocam nos assuntos abordados pelo “médico do Astral” em dois tipos: aquelas que estão no caminho certo no desvelamento da “realidade”, pois comprovam o que por ele foi dito; e aquelas que são fruto da vaidade e do estreito horizonte do pesquisador, pois “ainda” não estão na direção que aponta André Luiz, já instruído das verdades consensuais do “Plano Maior”.

A comparação com o método de Kardec é inevitável, já que ela gera críticas *internas* ao espiritismo. Levá-la a efeito é fundamental se quisermos compreender as disputas entre alas mais “científicas” e mais “religiosas” do espiritismo e, logo, sabermos para que lado pendem os médicos da AME. A fidelidade ao método de Kardec é um princípio usado internamente para diferenciar os “religiosos”, que se encontram na “superfície da doutrina”, dos “verdadeiros espíritas”, isto é, aqueles que a consideram verdadeiramente em seu tríplice aspecto: filosofia, ciência e religião. De um modo geral, as impressões dos antropólogos e sociólogos, de um *espiritismo à brasileira*, somam-se, *mutatis mutandis*, à dos mais reconhecidos intelectuais *hards* do espiritismo. De acordo com o “metro que melhor mediu Kardec”,⁴¹⁸ Herculano Pires:

Depois de Denis, foi o dilúvio. A Revista Espírita virou um saco de gatos. A sociedade Parisiense naufragou em águas turvas. A Ciência e a Filosofia Espíritas

⁴¹⁵ Gustae Geley apud NOBRE, Marlene R. Severino. Obsessões e psicopatologias. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Saúde e Espiritismo*. op. cit., p. 167.

⁴¹⁶ Idem, *ibidem*, p. 167.

⁴¹⁷ É intrigante como os espíritas fazem a distinção entre espíritos “sábios” e “pseudo sábios”, a partir da escala proposta por Kardec: um dos critérios utilizados, ou o principal, parece ser, como já apontado, o carisma do médium. O caso mais emblemático de um espírito considerado por muitos como “pseudo sábio” é Ramatis, dado a conhecer pela psicografia de Hercílio Maes. Ramatis fala de uma vida bem mais adiantada que a da Terra em Marte, da necessidade uma alimentação vegetariana, da Atlântida perdida: idéias que têm angariado a atenção de muitos espíritas, que vêem nele o princípio de uma fraude, de uma mistificação. Se o critério para “condená-lo” é a idéia considerada por muitos como esdrúxula, o que dizer de Kardec, que ostentou a idéia de uma vida superior em Júpiter, com suas casas em estilo parecido com o *art nouveau*, mencionada por Wolfgang Mozart? Não queremos nos intrometer nas críticas *in* dos espíritas, mas apontar algumas contendas relevantes.

⁴¹⁸ A expressão é de Emmanuel, “mentor espiritual” de Francisco Cândido Xavier.

ficaram esquecidas. O aspecto religioso da Doutrina transviou-se na ignorância e no fanatismo. Os sucessores de Kardec fracassaram inteiramente na manutenção da chama espírita, na França. E, quando a *Árvore do Evangelho* foi transplantada para o Brasil, segundo a expressão de Humberto de Campos, veio carregada de parasitas mortais que, ao invés de extirpar, tratamos de cultivar e aumentar com as pragas da terra.⁴¹⁹

Kardec procurava sistematizar o assunto dos espíritos por meio de metodologia própria, buscando, conforme afirmava, apurar tanto a universalidade quanto os pontos dissonantes. Talvez essa seja a diferença substancial entre o espiritismo de Kardec e o espiritismo brasileiro. Dentro dessa crítica interna, podemos dizer que os médicos espíritas tendem a sacralizar as idéias dos “espíritos de escol”, como as do já sobejamente citado André Luiz e também as do espírito Emmanuel. Embora as pesquisas acadêmicas sejam relevantes, elas o são apenas na medida em que comprovam o que os médicos espíritas já sabem de antemão: o que vale críticas de médicos espíritas não engajados à AME, que, “numa simples olhada” na bibliografia utilizada pelos médicos associados em seus livros e artigos, já os taxam de “religiosos”, “utópicos”.⁴²⁰

Não objetivamos comparar o espiritismo brasileiro com o de Kardec, nem estabelecer algum tipo de juízo. Queremos, sim, realçar a especificidade de certo *espiritismo brasileiro*, do qual esses médicos espíritas parecem não se distinguir: para isso é necessário pensá-lo no contexto maior, seja espacial, seja cronológico. Não há como não citar as obras de Kardec e seu procedimento, já que ele é constantemente referido como baliza por esses atores sociais.

3.3.2 Guinada espiritual

“Ciência e Religião são duas janelas através das quais podemos olhar para o mundo que nos circunda.”

(Freeman Dyson)

A união entre religião e ciência nunca foi surpresa no meio espírita; entretanto, as tensões entre esses dois pólos variaram ao longo da história do espiritismo. Hoje, os médicos espíritas procuram equilibrá-las, relativizando, de um lado, o poder de conhecimento e de previsão da ciência, e, de outro, outorgando à religião o *status* de conhecimento. Isso não

⁴¹⁹ HERCULANO PIRES, José: *O Mistério do Bem e do Mal*. São Bernardo do Campo: Correio Fraternal, 1989.

⁴²⁰ Referimo-nos a uma pequena pesquisa de campo, sobre espíritas que se reuniam nas dependências de um centro espírita em Juiz de Fora, sob a direção de um reconhecido psiquiatra espírita, para o estudo de *O livro dos espíritos*. Quando inquirido por nós sobre a metodologia empregada pelos médicos associados às AMEs, esse diretor, pesquisador da mediunidade e autor de uma tese acadêmica sobre o assunto, comentou que bastava ver a citação de “autores espirituais” para perceber que não se tratava de pesquisa “séria”, mas uma coletânea de preceitos ainda não submetidos à avaliação científica.

significa propriamente a busca de uma equiparação entre esses dois “extremos”, mas de um bom “relacionamento” entre eles.

No entanto, o caráter mais novidadeiro não são exatamente as proposições epistemológicas desses profissionais espíritas, mas as mudanças por que passa a sociedade moderna, que criam, com elas, afinidades eletivas – senão de fato, pelo menos na percepção deles. Referimo-nos a duas situações: em primeiro lugar, à saturação do modelo de sociedade contemporâneo – que leva, conseqüentemente, ao esgarçamento também do modelo de ciência. Em segundo lugar, à tendência de alguns intelectuais outorgarem à religião, e não apenas à ciência, o status de meio através do qual se pode acessar a realidade. Para alguns intelectuais, ciência e religião seriam duas formas legítimas de conhecimento. Esse é o caso, por exemplo, de Freeman Dyson, professor de Física do Instituto de Estudos Avançados de Princeton. Em seu livro *O infinito em todas as direções*,⁴²¹ citado pelos médicos espíritas, o cientista é taxativo: “Ciência e Religião são duas janelas através das quais podemos olhar para o mundo que nos circunda”.⁴²²

Sobre os limites da sociedade moderna e da ciência médica, vejamos a análise que deles fazem os médicos espíritas; depois, a de alguns expressivos intelectuais contemporâneos:

O mundo adentra uma fase de maiores contrastes, onde o moderno e o primitivo ainda caminham juntos, provocando desconforto em alguns, questionamentos em outros e ampliação dos horizontes em outra parcela da humanidade. Tudo isto é resultado dos tempos, quando o joio deverá ser separado do trigo e queimado, e os verdadeiros valores da vida resgatados. Este processo de reencontro com a Verdade não seria diferente no campo da Ciência Médica. Nunca o homem conviveu com tantos recursos no campo da saúde e sofreu as intempéries de tantas doenças, levando a criatura a imensos sofrimentos e conflitos. A Medicina, que alcançou profundos conhecimentos, vê-se, atualmente, como desafio de desvendar o “Proteoma”, depois de vencida as barreiras do “Genoma”, porque não conseguiu respostas às centenas de perguntas com a leitura do DNA. A cada passo da propedêutica, ocorrem mutações genéticas, provocando agravamento em processos infecciosos, processos etiopatogênicos ficam mais sutis e as lutas no campo da saúde prosseguem.⁴²³

A percepção desse esgotamento pelo qual passa o atual modelo de sociedade, ainda que esses agentes sociais o dotem de um teor religioso, é marca de nossa contemporaneidade. Anthony Giddens e Ulrich Beck, os principais mentores da sociologia da *modernização*

⁴²¹ NOBRE, Marlene R. Severino. Nossa contribuição para o debate. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Saúde e Espiritismo*. op. cit., p. V.

⁴²² Freeman Dyson, *O Infinito em Todas as Direções*, citado por: NOBRE, Marlene R. Severino. *ibidem*, p. V.

⁴²³ SOUZA, Roberto Lúcio Vieira de. Medicina e espiritismo: uma pequena contribuição. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Medicina e Espiritismo*. op. cit., p. III.

reflexiva, afirmam que adentramos numa etapa da modernização em que os efeitos produzidos pela sociedade já não podem mais ser tratados e assimilados no sistema da sociedade industrial, mas confrontados; donde surge “a possibilidade de uma (auto)destruição criativa” para essa sociedade, o que significa dizer a destruição de toda uma era.⁴²⁴ Nesse novo estágio da sociedade, o êxito das modernizações já não ocorre dentro de suas próprias vias e categorias, mas, sim, contra elas. Consigo, esse êxito traz o colapso das idéias de *controle*, de *certeza* e de *segurança*.

A radicalização da modernidade corrói as premissas da sociedade industrial, mudando-a de modo sub-repticiamente, e abrindo caminho para outra modernidade.⁴²⁵ Nesse processo, em que pequenas medidas assumem grandes efeitos cumulativos, a sociedade torna-se um tema e um problema para si própria. O que outrora parecia trazer crescentes informações sobre os mundos natural e social e, com isso, um controle cada vez maior sobre eles, não se confirmou, daí a autoconfrontação da sociedade.⁴²⁶

Já que o móvel dessa modernização não é o conhecimento, mas o não-conhecimento; não é o previsível, mas o imprevisível; não é a segurança, mas a insegurança, a ambivalência; Ulrich Beck⁴²⁷ advoga que a reflexividade da modernidade põe em pauta um novo componente para a sociedade: o risco. Para o autor, portanto, a sociedade contemporânea é também uma *sociedade de risco*,⁴²⁸ isto é, uma sociedade que perdeu (ou vem perdendo) a previsão e o controle das conseqüências futuras das ações humanas e das diversas conseqüências indesejáveis da modernidade. Nessa sociedade, o dano deixa de ser contingente, *i.e.*, evitável, porque, usando a expressão de Giddens, escapa ao nosso controle a capacidade de “colonizar o futuro”.⁴²⁹

A discussão sobre os efeitos do caráter invasivo das modernas tecnologias nos corpos humanos e nos ambientes é um capítulo importante desse debate. Processos naturais, ao longo da história humana, têm sido cada vez mais tecnológicos. No caso da saúde podemos

⁴²⁴ As grandes correntes da teoria social, constituídas a partir do século XIX, atribuíam a superação do capitalismo ou à crise – econômica ou política – ou ao declínio dessa etapa da modernidade. Os teóricos da modernização reflexiva afirmam, entretanto, não ser a crise, mas as vitórias da modernidade as responsáveis por essa nova forma social. Beck U. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott (Orgs.). *Modernização reflexiva: Política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Unesp, 1997, p. 12.

⁴²⁵ Idem, *ibidem*, p. 13.

⁴²⁶ Idem, *ibidem*, p. 16.

⁴²⁷ Apud IANNI, Aurea Maria Zöllner. Desafios para um novo Pacto Sanitário: biotecnologia e risco. *Revista Ciência & Saúde Coletiva da Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva*. n. 0335, 2008.

⁴²⁸ BECK U. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott (Orgs.). *Modernização reflexiva: Política, tradição e estética na ordem social moderna*. op. cit., p. 16-17.

⁴²⁹ GIDDENS, Anthony. *A Vida em uma sociedade pós-tradicional*. *Ibidem*, p. 76.

exemplificar esse fenômeno social com a iatrogenia: trata-se de uma “[...] ‘epidemia’ de malefícios provocados pelas intervenções médico-sanitárias, decorrentes dos próprios avanços do desenvolvimento do conhecimento científico-tecnológico do campo da saúde (indústria médico-farmacêutica, tecnologias diagnósticas e terapêuticas, equipamentos hospitalares, etc.).”⁴³⁰

Aurea M. Zöllner Ianni resume o quadro da saúde no contexto da discussão levantada por Giddens e Beck:

Apesar dos avanços incalculáveis no conhecimento técnico-científico, na descoberta das causas sociais que condicionam e determinam os quadros nosológicos, no conhecimento sobre a etiologia das doenças e nas estratégias públicas das políticas de saúde, as populações encontram-se cada vez mais expostas a diferentes doenças.⁴³¹

Chegamos de volta ao argumento dos médicos espíritas, qual seja, a Medicina, não obstante seus profundos conhecimentos alcançados, vê-se confrontada com resultados imprevistos, que se multiplicam a cada descoberta: o futuro já não pode mais ser “colonizado”, retomando a expressão de Giddens. Um impasse que se insere num contexto maior: o da crise de toda a sociedade moderna, “[...] quando o joio deverá ser separado do trigo e queimado”. Concordando, *mutatis mutandis*, com Fritjof Capra, que também se debruça sobre o tema, os médicos espíritas acreditam que a crise possa propiciar a emergência de um novo modelo de civilização, em que “[...] os verdadeiros valores da vida (serão) resgatados.”⁴³² No que diz respeito especificamente à ciência médica, no entender dos médicos espíritas, esse *turning point* já começou. Segundo eles:

Esse movimento levou diversos estudiosos, nas mais diferentes áreas de conhecimentos, a voltar para as questões de transcendência da vida, do reencontro com a divindade e da prática da espiritualidade, como instrumento de bem-estar e saúde. Hoje, ao visitarmos os principais sites de busca, na Internet, procurando artigos que envolvam questões sobre “Medicina e Espiritualidade”, só nas principais revistas de publicações médicas, editadas em língua inglesa, encontramos quase dez mil citações, demonstrando o crescimento do interesse e da importância do assunto. O Movimento médico-espírita brasileiro atento a essas questões, diretamente relacionadas com os seus objetivos, vem, desde a década de oitenta, do século passado, estimulando estudos e pesquisas e realizando eventos

⁴³⁰ M. Grmek, mais recentemente, traz um exemplo: ele “Atribui à expansão da epidemia de AIDS o uso inadequado da tecnologia médica e dos procedimentos em saúde; a falta de controle dos bancos de sangue e das práticas de transfusão, em especial, mas também ao intenso uso de procedimentos invasivos.” Apud IANNI, Aurea Maria Zöllner. Desafios para um novo Pacto Sanitário: biotecnologia e risco. *Revista Ciência & Saúde Coletiva da Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva*. op. cit.

⁴³¹ IANNI, Aurea Maria Zöllner. Desafios para um novo Pacto Sanitário: biotecnologia e risco. *Revista Ciência & Saúde Coletiva da Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva*. op. cit.

⁴³² SOUZA, Roberto Lúcio Vieira de. Medicina e espiritismo: uma pequena contribuição. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Medicina e Espiritismo*. op. cit., p. III.

científicos e doutrinários, de caráter nacional e até internacional, nos quais tem sido apresentados os seus resultados.⁴³³

Se as crescentes informações sobre os mundos natural e social não trouxeram consigo um controle cada vez maior sobre esses mundos, como esperavam os cientistas, é porque um componente indispensável da “realidade” ficou de fora: o componente espiritual. Para os espíritas, como explicado no primeiro capítulo, dois elementos regem o Universo: o elemento *espiritual* e o *material*. O que essa crise tem propiciado é justamente trazer o primeiro elemento para a montagem do quebra-cabeça que o Universo se nos apresenta – é o que pensam e esperam os médicos espíritas.

Assim, para os espíritas, nenhuma frase resumiria melhor o pensamento a respeito do novo modelo epistemológico, ou seja, da nova noção de universo que se “seguirá” à crise do que a máxima atribuída a Einstein: “A ciência sem a religião é parálitica, a religião sem a ciência é cega”. Tal ideologia justifica o fato de alguns médicos espíritas chamarem a “ciência do século XXI” de “ciência einsteniana”.⁴³⁴

Podemos inferir que, para os médicos espíritas, volver os horizontes da ciência para a espiritualidade não seria um retrocesso, mas uma consequência do esgotamento desse modelo de conhecimento, cujos limites tornam-se cada vez mais patentes. Ao contrário de atávicos, esses médicos vêem-se como vanguardistas engajados, junto a outros pioneiros – citados alhures⁴³⁵ –, no devassamento desse aspecto relegado à metafísica desde Descartes. O “pioneirismo” desses cientistas, dessa “minoría criativa”, a exemplo de Amit Goswami, seria o prelúdio de toda uma era que se inicia.

A consciência do presente como um campo propício a novas experimentações e aberto pelo próprio avanço da modernidade pode ser percebido por meio do parágrafo abaixo. Por ele também podemos deduzir que a posição em que a medicina espírita se encontra atualmente é mais confortável que a de décadas atrás; daí certo entusiasmo:

Vivemos momentos decisivos na história da Humanidade, que se refletem em todos os terrenos do conhecimento. Surgem propostas e modelos explicativos para

⁴³³ SOUZA, Roberto Lúcio Vieira de. Medicina e espiritismo: uma pequena contribuição. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Medicina e Espiritismo*. op. cit., p. IV.

⁴³⁴ O cirurgião Guimarães afirma: “É nossa obrigação, desde que envolvidos no meio universitário e com a ciência de nossa época, seguir a linha científica de visão einsteniana, espiritualista, na busca da difusão das verdades da natureza humana, à luz dos conhecimentos espíritas.” GUIMARÃES, Fernando Augusto Garcia. Ciência espírita: grandes vultos. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Medicina e Espiritismo*. op. cit., p. 45. Já o professor de fisiologia Iandoli Jr. afirma: “Parece-me que a saída é acompanharmos a tendência da ciência Einsteniana e unirmos definitivamente a religião e a ciência, revelando a vida após a morte e suas características, dando a devida importância aos conceitos morais e assim aliviando o médico e consequentemente seus pacientes através da luz do conhecimento.” JR IANDOLI, Décio. O médico diante da morte. *Ibidem*, p. 171.

⁴³⁵ Como Harold Koenig, Fritjof Capra e Amit Goswami.

questões antes inabordáveis, na tentativa de dilatar os horizontes da compreensão, hoje ensaiando apreender pontos transcendentais.

Essa Nova Era, predita e esperada, apresenta no seu limbo a diversidade e liberdade de pensamento e expressão. Facetas da Verdade são abordadas de mil maneiras, possibilitando sintonias diversas, em atendimento às necessidades individuais.

Assim, também no âmbito das terapêuticas, multiplicam-se recursos, apresentando o homem e sua linguagem objetiva e subjetiva, como um universo em si mesmo, a ser devassado. Ganha força a vertente espiritual do ser como causa primária de muitas enfermidades, ainda que sob denominações diversas.⁴³⁶

No parágrafo seguinte, Marlene Nobre cita alguns dos vanguardistas desse momento de inflexão da História, rumo às verdades entrevistadas pelos espíritas. Destaca-se que essa “minoría criativa”,⁴³⁷ como é referida por Nobre, impulsionou na década de 1970 a implantação de cursos de Medicina e Espiritualidade em universidades:

A obra do ilustre físico e humanista Fritjof Capra, especialmente, *O Ponto de Mutação*, está na vanguarda dessa luta em favor de um novo paradigma para a humanidade, em particular para a Medicina, com sua proposta de Assistência Holística à Saúde, que contempla o ser humano integral – Mente-Corpo. Nessa luta por um novo modelo de saúde, engajou-se também o físico quântico, Amit Goswami, com sua teoria sobre a Consciência, exposta em sua obra, especialmente, *O Universo Autoconsciente*. Nela, ele sustenta que a Consciência está fora da matéria, sendo, na verdade, fonte criadora do mundo material.⁴³⁸

O estudo da espiritualidade por acadêmicos não ligados ao espiritismo seria apenas um início, um primeiro e importante passo rumo ao conhecimento do componente espiritual, cujo desfecho seria a comprovação da existência do espírito e suas numerosas conseqüências para a saúde.⁴³⁹ Essa visão teleológica da história, intrínseca ao espiritismo, é mais um dos componentes religiosos desses médicos espíritas.⁴⁴⁰ Para eles, a ciência, não obstante seus gargalos, caminha progressiva e inexoravelmente na direção do domínio da realidade; a propósito, dentro dessa visão teleológica, esses gargalos, essas crises são mesmo necessárias, por possibilitar uma reflexão sobre a própria trajetória da ciência, assim como as doenças o são para os indivíduos, e por dar ensejo a experimentação de novos caminhos. Assim, desde

⁴³⁶ SOUZA, Lenice Aparecida de. Homeopatia e espiritismo. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Saúde e Espiritismo*. op. cit., p. 315.

⁴³⁷ “Expressão do historiador Arnold Toynbee, que designa grupos minoritários de pessoas, defensoras de mudanças evolutivas, em contraposição, à grande maioria, arraigada à mentalidade arcaica.” Nota da própria autora: NOBRE, Marlene R. Severino. A construção da espiritualidade na medicina. Disponível em: <http://www.amebrasil.org.br/html/pesq_const.htm> Acesso em: 10 jan. 2010.

⁴³⁸ Idem, *ibidem*.

⁴³⁹ Segundo Nobre “[...] a compreensão de que o Espírito é prioritário no comando do corpo, e a aceitação desse novo paradigma seguramente não de marcar uma nova era para a Medicina terrestre.” NOBRE, Marlene R. Severino. Nossa contribuição para o debate. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Saúde e Espiritismo*. op. cit., p. VI.

⁴⁴⁰ Como vimos, no capítulo 1, uma herança da filosofia do século XIX.

que *moralizada* – isto é, orientada pelas virtudes cristãs – e *espiritualizada* – ou seja, amparada pela descoberta do espírito e de seus efeitos sobre a matéria –, a ciência superará todos seus efeitos colaterais. Isso, em suma, significa incorporar à ciência *todos* os preceitos “científicos” e doutrinários espíritas. No Medinesp de 1999, pensando a respeito de como o Brasil (leia-se: os espíritas) poderia contribuir para a “Medicina do Terceiro Milênio”, não houve hesitação quanto a isso:

Aqui estamos para levar a contribuição espírita à saúde, tendo como base seus princípios fundamentais. Pretendemos deixar claro o Paradigma Espírita para a Saúde, capaz de atender a todos os avanços da Ciência e influir de tal modo a tornar muitíssimo maior a revolução biotecnológica, e tudo isso dentro de um clima de fraternidade legítima. Falamos de uma revolução muito maior, não prevista pela maioria dos cientistas atuais, que vai se entreabrir com a descoberta, pela Ciência, do perispírito, ou corpo energético do Espírito. Esta grande conquista ocorrerá, provavelmente, nas primeiras décadas do próximo século, mudando radicalmente o estudo da Fisiologia, da Etiopatogenia, do Diagnóstico e da Terapia nas Universidades. Os desdobramentos serão impressionantes, ao contrário do que escreveu John Horgan em seu livro *O Fim da Ciência*.⁴⁴¹

A idéia de uma medicina *complementar* parece ser relativizada quando cotejada com outras propostas espíritas para o meio acadêmico. Se o fato de os médicos espíritas não atacarem frontalmente a ciência se trata de uma estratégia deliberada ou de um pensamento legítimo – *i. e.*, que a “Medicina da Alma” pode ser complementar à oficial – é uma das indagações que abordaremos no próximo tópico, embora adiantemos que nos parece que ambas as premissas não são entre si excludentes. Procuraremos pensar essas questões tanto do ponto de vista do “nativo”, quanto do da ciência: nessa última perspectiva, nos valeremos da teoria de Thomas Kuhn.

3.3.3 Asclépio no leito de Procusta

“[...] a compreensão de que o Espírito é prioritário no comando do corpo, e a aceitação desse novo paradigma seguramente hão de marcar uma nova era para a Medicina terrestre.”

(Marlene Nobre)

A ciência, segundo a teoria de Kuhn, passa por momentos de *ciência normal* e por *períodos de crise*. Analisemos o primeiro conceito: por *ciência normal* entende-se a “[...] pesquisa firmemente baseada em uma ou mais realizações científicas passadas”.⁴⁴² Essas

⁴⁴¹ NOBRE, Marlene R. Severino. Saudações de boas-vindas. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Medicina e Espiritismo*. op. cit., p. 8-9.

⁴⁴² KUHN, Thomas. *A Estrutura das revoluções científicas*. op. cit., p. 29.

realizações são reconhecidas durante algum tempo por alguma comunidade científica específica como proporcionando os fundamentos para sua prática posterior.⁴⁴³ Em seu estado *normal*, a ciência é dirigida por um paradigma, que determina os padrões para o trabalho legítimo dentro da ciência normal que governa.

A existência de um paradigma é a característica que distingue a *ciência normal* da *não-ciência*, é condição indispensável para a sua caracterização. Ao adquiri-lo, uma comunidade científica adquire igualmente um critério para a escolha de problemas que, enquanto o paradigma for aceito, podem ser considerados como dotados de uma solução possível. Em outras palavras, esses são os únicos problemas que a comunidade admitirá como científicos ou encorajará seus membros a resolver. Outros problemas, mesmo muitos dos que eram anteriormente aceitos, passam a ser rejeitados como metafísicos ou como sendo parte de outra disciplina.⁴⁴⁴

Mudanças no paradigma podem, no entanto, ocorrer. A descoberta de uma *anomalia*, que é o reconhecimento de que, de alguma maneira, a natureza violou as expectativas paradigmáticas que governam a ciência normal, pode levar a transformações. À descoberta de uma anomalia, segue-se então uma exploração mais ou menos ampla da área em que ela ocorreu. Esse trabalho somente se encerra quando a teoria do paradigma for ajustada, de tal forma que o anômalo se tenha convertido no esperado.

A assimilação de um novo tipo de fato exige mais do que um ajustamento aditivo da teoria. Até que tal ajustamento tenha sido completado – até que o cientista tenha aprendido a ver a natureza de um modo diferente – o novo fato não será considerado completamente científico.⁴⁴⁵

Segundo Kuhn, a afirmação de que as descobertas científicas são consideradas, freqüentemente, como a criação de algum conhecimento novo – que é então somado ao grande corpo de conhecimento já existente – somente é válida para as questões mais banais. Dessa forma, “Quando descobertas fundamentais estão em jogo, a destruição ou desintegração do conhecimento velho é exigida, antes que o novo possa ser criado”.⁴⁴⁶ Em se tratando, portanto, dos problemas normais da pesquisa, pode-se afirmar que existe um reduzido interesse em produzir grandes novidades, seja no domínio dos conceitos, seja no dos

⁴⁴³ KUHN, Thomas. *A Estrutura das revoluções científicas*. op. cit., p. 29.

⁴⁴⁴ Idem, ibidem, p. 60. Talvez seja por isso que os médicos espíritas apelem para a História, em vez de para a ciência. Quer dizer, se não conseguem legitimidade na história recente da ciência, encontram-na no passado distante, em que se encontra a origem dos fundamentos da medicina ocidental.

⁴⁴⁵ Idem, ibidem, p. 78.

⁴⁴⁶ C.C. Darlington apud ALVES, Rubem. *Filosofia da Ciência – introdução ao jogo e suas regras*. 21. ed. op. cit., p. 157.

fenômenos. Todavia, fenômenos novos e insuspeitados são periodicamente descobertos pela pesquisa científica; cientistas têm constantemente inventado teorias radicalmente novas.⁴⁴⁷

A relação do exposto acima com o nosso trabalho está justamente na consciência dos médicos espíritas do poder desestruturador das anomalias no âmbito do paradigma. Com isso, boa parte de suas ações centra-se em levar à comunidade científica tanto quanto ao público leigo a informação do que consideram os “furos” no paradigma dominante. Dessa maneira, pretendem não apenas pôr em pauta novos objetos de especulação na academia – hoje relegados à metafísica⁴⁴⁸ – como também forçar uma revisão dos compromissos assumidos por seus membros.

Segundo muitos médicos espíritas, a não aceitação das explicações espíritas pela comunidade científica é devida menos à (falta de) plausibilidade de tais explicações – até porque, na opinião deles, elas não são levadas a sério e, por isso, não são testadas adequadamente – do que aos compromissos já há muito estabelecidos pelos cientistas ortodoxos. A respeito desses compromissos, pronuncia-se, indiretamente, o engenheiro Hernani Guimarães, considerado pelos espíritas um dos maiores e mais rigorosos cientistas espíritas do Brasil.

Como se explicariam, então, os 1.200 casos do professor Hemendra Nath Banerjee (1931-1985) e os 2.600 casos do professor dr. Ian Stevenson, que sugerem fortemente tratar-se de ocorrências de reencarnação? Como ficariam as evidências das milhares de curas obtidas graças às terapias de vidas? Vamos *ajustá-las todas, uma por uma, à desgastada suposição de fraude, ou metê-las no Leito de Procrusta do reducionismo?* Seriam só fenômenos da mente, ou estariam aí implicados outros fatores além dos psíquicos?

Como se explicam as ectoplasmias de Kate King obtidas graças à mediunidade de Florence Cook? William Crookes ter-se-ia deixado enganar como sugerem capciosamente alguns críticos? (Amadou, 1966, pp.45-54).

Igualmente sem explicação satisfatória ficarão os casos de Poltergeist como o do Paraguaí, em que as ações físicas observadas contrariam o princípio universal da conservação da energia, se encaradas pelo prisma da Parapsicologia dita ortodoxa (Goldstein, 1997). Nesse Poltergeist, além de atividades físicas contínuas e de grande dispêndio de energia, houve o aporte de um jipe Toyota, inteiramente carregado de mercadoria, pesando cerca de 2.500 kg, à distância de 40 metros e em aclave. O impacto do veículo, contra um dos esteios do armazém com que ele se chocou, foi suficiente para entortar profundamente o pára-choque do jipe.⁴⁴⁹ [grifo nosso].

⁴⁴⁷ KUHN, Thomas. *A Estrutura das revoluções científicas*. op. cit., p. 77.

⁴⁴⁸ Segundo Vasconcelos, entre a segunda metade do século XIX e os primeiros anos do século XX, os fenômenos “psíquicos” ou “espíritos” interessavam a um conjunto de cientistas, dispostos a investigar a sua credibilidade e identificar as suas forças produtoras. Entre eles, destacavam-se Cesare Lombroso e William James. VASCONCELOS, João. *Espíritos clandestinos: Espiritismo, Pesquisa Psíquica e Antropologia da Religião*. op. cit., p. 98.

⁴⁴⁹ ANDRADE, Hernani Guimarães. *Psicobiofísica: novo paradigma para a ciência*. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Saúde e Espiritismo*. op. cit., p. 4.

Colocar fenômenos anômalos, como os descritos acima, no leito de Procusta,⁴⁵⁰ para usar a metáfora que Hernani Guimarães retirou da mitologia grega, ou taxá-los de fraudes são expedientes usados pelos cientistas, segundo o engenheiro, para que o paradigma mecanicista continue hegemônico e para que seus mantenedores não tenham de visitar seus conceitos, o que significaria não apenas todo um trabalho de reformular velhas teorias, como também a assunção de que esses cientistas estariam errados. As veleidades⁴⁵¹ dos pesquisadores seriam também, então, um dos motivos pelo qual o paradigma venha perdurando tanto, na apreciação de muitos médicos espíritas. É por isso, segundo afirma Hernani Andrade, que:

Em alguns casos, a aceitação pelo sistema vigente vai depender mais do tempo, do que da conversão dos representantes da ortodoxia. Max Planck que, em 1900 formulou a Teoria dos Quanta, também enfrentou oposição à sua descoberta. É dele o seguinte comentário:

“Uma nova verdade científica não triunfa ao convencer seus antagonistas e fazê-los enxergar a luz, mas sim porque estes morrem e surge uma nova geração já familiarizada com ela.”⁴⁵²

Sobre esse assunto, Kuhn entende que a invenção de novas teorias evoca, regularmente, a mesma resposta por parte de alguns especialistas que vêem sua área de competência infringida por essas teorias. Para esses homens, a nova teoria implica uma mudança nas regras que governavam a prática anterior da ciência normal. Por isso, a nova teoria repercute inevitavelmente sobre muitos trabalhos científicos já concluídos com sucesso. Deste modo, uma nova teoria, por mais particular que seja seu âmbito de aplicação, nunca ou quase nunca é um mero incremento ao que já é conhecido. Sua assimilação requer a reconstrução da teoria precedente e a reavaliação dos fatos anteriores. Esse processo intrinsecamente revolucionário raramente é completado por um único homem e nunca de um dia para o outro.

Vimos que, para legitimar seus postulados, um dos expedientes empregados por Hernani Guimarães e por outros pesquisadores espíritas é desqualificar certos aspectos do paradigma hegemônico (e por que não “paradigma adversário?”). Dessa forma,

⁴⁵⁰ Procusta era um salteador que, após saquear os viajantes, levava-os para o seu esconderijo, onde os deitava sobre um leito de ferro. Procusta ajustava o tamanho de suas vítimas ao do leito, esticando-as por meio de cordas ou cortando-lhes os pés ou as pernas, conforme a necessidade. “Pois bem”, argumenta Andrade, “o sistemático enquadramento da fenomenologia paranormal dentro dos limites da categoria psicológica parece-nos uma tentativa ‘procustiana’ de ‘reduzir’ os fatos paranormais a meros produtos psicofisiológicos do cérebro, presumível sede da mente.” ANDRADE, Hernani Guimarães. *Psicobiofísica: novo paradigma para a ciência*. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Saúde e Espiritismo*. op. cit., p. 2.

⁴⁵¹ Toda ciência, seja dito de passagem, comporta arbitrariedades.

⁴⁵² ANDRADE, Hernani Guimarães. *Reencarnação – sua aceitação pelo oficialismo científico*. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Medicina e Espiritismo*. op. cit., p. 13.

propagandeiam os fenômenos considerados, pelo menos por eles, como anômalos, bem como apontam os possíveis fracassos na tentativa de ajustá-los, a todo custo, ao paradigma dominante. No que se refere aos fenômenos anômalos, um dos principais apontados pelos médicos espíritas são as Experiências de Quase Morte (EQMs), que se constituem numa espécie de “carro chefe” de suas investidas contra o saber acadêmico. A anomalia consistiria no fato de o paciente experimentar uma “[...] clara consciência fora do corpo, no momento em que o cérebro é afetado por uma parada cardíaca” e enquanto o eletroencefalograma mostra-se plano.⁴⁵³

É importante ressaltar que, à luz da teoria de Kuhn, os fracassos de enquadramento das anomalias no paradigma hegemônico poderiam induzir a emergência de uma crise.⁴⁵⁴ Portanto, se os espíritas denunciam esses malogros, não o fazem senão visando agravar a crise – epistemológica, ética, pedagógica, etc. – por que passa a ciência médica; assim, inferimos que, a princípio, buscar enquadrar-se na categoria de “medicina complementar” seria apenas uma estratégia desses agentes em litígio. Mais do que terem seus postulados complementando o paradigma biomédico, parece-nos que, ao intensificar a crise e forçar um novo conjunto de compromissos, os espíritas esperam tomar parte no novo *establishment* que seguiria à crise. Os fenômenos que forçariam esses novos *compromissos* haveriam de ser considerados sob uma nova ótica, e esses “pioneiros”, cujo paradigma já se encontra bastante articulado, ofereceriam um conjunto abundante de respostas, como divisamos no parágrafo seguinte:

Aqui estamos para levar a contribuição espírita à saúde, tendo como base seus princípios fundamentais. Pretendemos deixar claro o Paradigma Espírita para a Saúde, *capaz de atender a todos os avanços da Ciência* e influir de tal modo a tornar muitíssimo maior a revolução biotecnológica, e tudo isso dentro de um clima de fraternidade legítima. Falamos de uma revolução muito maior, não prevista pela maioria dos cientistas atuais, que vai se entreabrir com a descoberta, pela Ciência, do perispírito, ou corpo energético do Espírito. Esta grande conquista ocorrerá, provavelmente, nas primeiras décadas do próximo século, mudando radicalmente o estudo da Fisiologia, da Etiopatogenia, do Diagnóstico e da Terapia nas Universidades. Os desdobramentos serão impressionantes, ao contrário do que escreveu John Horgan em seu livro *O Fim da Ciência*.⁴⁵⁵ [grifo nosso]

Instigações como as das EQMs (isto é, um indivíduo consciente não obstante uma parada cardíaca esteja afetando-lhe o cérebro) são um recurso empregado pelos espíritas para que – valendo-nos da teoria de Kuhn – a ciência normal se desoriente seguidamente. Quando

⁴⁵³ Cf. NOBRE, Marlene. O Paradigma Médico-Espírita, pontos de intersecção entre Medicina e Espiritismo. Disponível em: <<http://www.allankardec.nl/portugues/palestras/marlene1.htm>>. Acesso em: 8 jan. 2009.

⁴⁵⁴ KUHN, Thomas. *A Estrutura das revoluções científicas*. op. cit., p. 14.

⁴⁵⁵ NOBRE, Marlene R. Severino. Saudação de boas-vindas. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Medicina e Espiritismo*. op. cit., p. 8-9.

isso ocorre – isto é, quando os membros da profissão não podem mais esquivar-se das anomalias que subvertem a tradição existente da prática científica – começam então as investigações extraordinárias que conduzem a profissão a um novo conjunto de compromissos, a uma nova base para a prática da ciência. Os episódios extraordinários nos quais ocorre essa alteração de compromissos profissionais são denominados, por Thomas Kuhn, de *revoluções científicas*. Elas são os complementos desintegradores da tradição à atividade da ciência normal, ligada à tradição.⁴⁵⁶

Revolucionar a ciência médica seria a expressão que melhor se aplica às “investidas” dos espíritas, posto que, não apenas o paradigma médico-espírita – a despeito do que dizem os seus proponentes⁴⁵⁷ – opõe-se radicalmente ao paradigma biomédico, mas também porque, enquanto religiosos que também são, os médicos espíritas pretendem subverter uma ordem laica por uma “híbrida”. Ou seja, uma ordem em que “espíritos superiores” são reconhecidos e o que dizem é levado em altíssima conta, mas também uma ordem em que os homens, mesmo valendo-se da sapiência dessas “entidades venerandas”, não se escusam do trabalho de pesquisa, nem dispensam todos os avanços da ciência. Nessa ordem, Deus assiste os homens, possibilitando-lhes o intercâmbio com “seres iluminados do além”, porém não os desobriga do trabalho de pesquisa.

Ainda que a meta dos médicos espíritas não seja se opor ao paradigma biomédico, como afirmam, ao procurarem trazer como objeto legítimo de análise a existência ou não de espíritos,⁴⁵⁸ concorrem, necessariamente, para o desmoronamento das bases desse paradigma. Embora desejem apenas ajustes no paradigma existente, ao forçar encarar um problema como esse, acabam gerando uma anomalia cujo resultado pode ser diferente do esperado, já que “[...] uma nova teoria por mais particular que seja seu âmbito de aplicação, nunca ou quase

⁴⁵⁶ KUHN, Thomas. *A Estrutura das revoluções científicas*. op. cit., p. 24-25.

⁴⁵⁷ Costuma-se reiterar os argumentos de Kardec a esse respeito: “Dissemos, e repetimo-lo, seria um erro crer que a mediunidade curadora venha destronar a medicina e os médicos. Ela vem lhes abrir uma nova via, mostrar-lhes, na natureza, recursos e força que ignoravam e com as quais podem beneficiar a ciência e dos doentes; numa palavra, provar-lhes que não sabem tudo, desde que há pessoas que, fora da ciência oficial, conseguem o que eles mesmo não conseguem. Assim, não temos a menor dúvida de que um dia haja médicos-médiuns, como há médiuns-médicos que, à ciência adquirida juntarão o dom de faculdade mediúnicas especiais.” KARDEC citado por LINS, Fernando Antônio D. *Espiritismo e medicina: uma abordagem*. ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Medicina e Espiritismo*. op. cit., p. 66.

⁴⁵⁸ Comprovar a existência de espíritos é preocupação de alguns membros da AME; a esse respeito, Hernani Andrade tece algumas considerações: “Há evidências da existência do espírito? Pensamos que sim. O que nos parece **sem demonstração alguma** são exatamente as evidências da inexistência do Espírito. Na realidade, o que pode observar-se a cada episódio é a sistemática rejeição da explicação espiritual, considerada, a priori e sem nenhuma justificação rigorosamente científica, como definitivamente descartável. Além disso, há um enquadramento prévio, também injustificado, dos fatos na categoria psíquica. ANDRADE, Hernani Guimarães. *Psicobiofísica: novo paradigma para a ciência*. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Saúde e Espiritismo*. op. cit., p. 4-5. [grifos do autor].

nunca é um mero incremento ao que já é conhecido”.⁴⁵⁹ Esse é um processo intrinsecamente revolucionário, pois sua assimilação requer a reconstrução da teoria precedente e a reavaliação dos fatos anteriores.

Embora muitas das ações dos médicos espíritas possam, teoricamente, *desorientar* o paradigma vigente, esses profissionais não se consideram, como vimos dizendo, opositores dos médicos oficiais, ao contrário: tiveram formação profissional semelhante, foram iniciados no mesmo paradigma; logo, consideram-se seus colegas. Entretanto, mesmo procurando falar como membros “de dentro” do paradigma, como cientistas, raramente são ouvidos como tal.⁴⁶⁰ Daí o imperativo de penetrar na “sólida rede de compromissos ou adesões – conceituais, teóricas, metodológicas e instrumentais”⁴⁶¹ dos biomédicos. Diferentemente de Kardec, que tratava sua ciência como singular, como tendo métodos próprios, os médicos espíritas buscam penetrar nessa *rede de compromissos* utilizando o quanto possível métodos de pesquisa semelhantes aos da ciência normal e amparando-se em suas teorias.⁴⁶² Os recentes “avanços” na ciência têm permitido essa interface conhecimento espírita/conhecimento científico:

Impulsionado pelos novos paradigmas ditados pela física quântica, pelo avanço científico da psicoimunobiologia, da psicologia transpessoal e tantas outras contribuições científicas na pesquisa do espírito, o médico espírita dá um passo à frente do seu tempo ao abraçar a dimensão espiritual da saúde, sem deixar de usufruir de todo arsenal que a tecnologia coloca à sua disposição.⁴⁶³

É preciso se considere a forma ambígua como agem os médicos espíritas, isto é, embora afirmem não se oporem ao paradigma biomédico, criticam os seus fundamentos, os seus sustentáculos, de forma que, se essas críticas fossem levadas a efeito, ele inevitavelmente ruiria. Essa posição ambígua explica-se pelo fato de que esses médicos, nada obstante suas

⁴⁵⁹ KUHN, Thomas. *A Estrutura das revoluções científicas*. op. cit., p. 26.

⁴⁶⁰ Bandarra, no que diz respeito às propostas dos médicos espíritas, é taxativo: “Não voltemos ao tempo das roupas pretas e capuzes de bico de pássaro. Dai a Hipócrates o que é de Hipócrates, e a Kardec o que é de Kardec.” Em relação ao 1º Simpósio de Medicina e Espiritualidade, organizado pela Associação Médico-Espírita de São Paulo e realizado em 2003 na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Bandarra comenta: “Esperemos que o Conselho Federal de Medicina e a universidade brasileira retomem o rumo certo, para que não percam a visão responsável da prática médica e façam uso de recursos públicos com inteligência.” BANDARRA, Paulo Bento. *Medicina e espiritualidade: retrocesso de dois mil anos. Observatório da Imprensa*, 30 dez. 2003. Disponível em: <<http://www.geocities.com/quackwatch/medespiritual.html>>. Acesso em: 3 dez. 2007.

⁴⁶¹ KUHN, Thomas. *A Estrutura das revoluções científicas*. op. cit., p. 66.

⁴⁶² Veja, por exemplo, a afirmação do cardiologista H. Moreira: “Essas nossas colocações buscam aplicar as informações espíritas às informações da ciência. Necessitam ser analisadas e submetidas à metodologia de pesquisa científica para serem validadas. MOREIRA, Oswaldo Hely. *Associação do conhecimento médico ao conhecimento espírita no estudo da função celular*. ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Medicina e Espiritismo*. op. cit., p. 154.

⁴⁶³ MARABUCO, Kátia. *Mediunidade na prática médica I*. IN: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Saúde e Espiritismo*. op. cit., p. 131.

divisas espirituais, são também iniciados nesse paradigma biomédico, o que os leva a crer na sua eficácia técnica, nos seus conhecimentos de fisiologia e suas conseqüências. Entretanto, como convivem tanto com o “plano material” quanto com o “espiritual” – planos paralelos – acreditam que a simples descoberta deste, pelos cientistas, somar-se-ia ao conhecimento daquele. Tratar-se-ia, portanto, de levar em consideração as “leis” de um outro plano, ainda desconhecido pelos cientistas, cujas implicações não exatamente excluiriam os conhecimentos acadêmicos, mas neles se “encaixariam”. Seriam planos/conhecimentos complementares, e não excludentes. Aos conhecimentos de fisiologia do corpo, por exemplo, juntar-se-iam os de “fisiologia” do perispírito, que se liga, célula a célula, ao corpo; à idéia de que o cérebro comanda o corpo, se adicionaria a de que ele o faz como intermediário do espírito, não afetando em nada os conhecimentos sobre fisiologia desse órgão. Talvez pudéssemos afirmar, do ponto de vista dos médicos espíritas, que os fundamentos do paradigma vigente não são tão “profundos” assim: haveriam de ir mais longe, para além da matéria. Aí entenderíamos a razão de se dizerem médicos complementares. Para eles, nenhum conhecimento importante seria de fato descartado, mas seria preciso ser compreendido além de sua “aparência”, o que acarretaria, na ciência médica, mudanças de *hierarquias*, o espírito comandando o corpo, e de *prioridades*, o espírito sendo tratado antes do corpo.

Assim, os médicos espíritas preferem o termo *evolução* ao termo *revolução*, embora por vezes o empreguem, não no sentido khuniano, mas no de uma “evolução rápida”. Essa evolução, ou revolução, consistiria na descoberta daquilo que é o âmago da saúde: o espírito e sua fisiologia; e, além disso, a descoberta da força do pensamento com suas inúmeras conseqüências, como a possibilidade de plasmar uma saúde tão perfeita quanto possível.

CONCLUSÃO

Nestas linhas finais, abordaremos uma questão que ficou em aberto: a medicina proposta pelas AMEs é uma *medicina complementar* à medicina oficial ou um *paradigma alternativo*? Parece-nos que seja tanto um quanto outro, dependendo do enfoque que se dê.

Do ponto de vista da *práxis*, o aporte espírita é “*inofensivo*” à Medicina oficial, pois o que os médicos espíritas acrescentam, a princípio, ao campo da medicina, são elementos direcionados para o tratamento do *espírito*, como a evangelhoterapia, os passes e as orações, de modo que nenhum desses recursos exclui os tratamentos convencionais. Para os médicos ortodoxos, tratar-se-ia de ferramentas capazes de atuar, quando muito, na manutenção e no restabelecimento da saúde psicológica.⁴⁶⁴ Nesta perspectiva, não há *concorrência* em termos de conhecimento tecnológico médico, mas um *acréscimo* de sentido ao que é realizado experimentalmente pela medicina oficial.

Desse modo, os médicos das AMEs não defendem – como muitos médicos espíritas defendiam outrora – a mediunidade receiptista, as operações médicas incisivas⁴⁶⁵ ou os sanatórios com tratamento desobsessivo,⁴⁶⁶ práticas que, de fato, competiriam com a medicina oficial. Os problemas que essas práticas já trouxeram com as autoridades certamente têm seu peso na decisão de os médicos espíritas não apoiá-las.

Devemos acrescentar que mesmo as concepções espíritas mais elementares, como as de fluido, ectoplasma, energia, vibrações e passes são ministradas nos centros (ou casas)

⁴⁶⁴ Para muitos médicos ortodoxos, tratar-se-ia até de práticas salutares, coadjuvantes no processo terapêutico, desde que consentâneas às crenças religiosas dos pacientes.

⁴⁶⁵ A exemplo das praticadas por Zé Arigó e, mais recentemente, Edson de Queiroz, ambos “a serviço” do espírito Dr. Fritz. As espetaculares cirurgias realizadas por esses médiuns-curadores não contavam com anestesia ou assepsia. GREENFIELD, Sidney. O corpo como uma casca descartável: as cirurgias do Dr. Fritz e o futuro das curas espirituais. *Religião e Sociedade*, op. cit., p. 136.

⁴⁶⁶ Embora recomendem o tratamento desobsessivo para aqueles que possuam algum transtorno psiquiátrico mantido pelas casas espíritas.

espíritas;⁴⁶⁷ logo, fora dos espaços da medicina oficial, como hospitais, clínicas e consultórios. Assim, a proposta “inofensiva” das AMEs, para o presente, não concorre com a Medicina oficial, mas acrescenta sentido ao que é realizado experimentalmente pelos médicos ortodoxos.

Mas, se nos detivermos no terreno das “*intenções*”, das expectativas desses médicos espíritas para as próximas décadas,⁴⁶⁸ a medicina proposta por eles poderia ser entendida como algo mais que complementar. Se nos aprofundarmos nas declarações desses agentes, veremos que eles anelam um espaço muito maior na academia do que o de um simples complemento (ou um acessório cuja força, na apreciação de muitos biomédicos, haveria de estar, quando muito, em sua simbologia, em seu “efeito placebo”). O objetivo, para as próximas décadas, é comprovar a existência do espírito e sua “imortalidade” e todas as conseqüências que esse “novo fato” traria para o processo terapêutico;⁴⁶⁹ assim, asseveram: “[...] o próprio tempo se encarregará da tarefa de modificar o posicionamento dos cientistas ortodoxos. Nada mais duradouro do que a verdade dos fatos.”⁴⁷⁰

Portanto, a despeito de os médicos espíritas afirmarem que sua medicina é complementar, eles visam, em última instância, *transformar* a medicina organicista. Dessa forma, a idéia de complementaridade faria sentido apenas no presente, enquanto seus objetivos confundem-se com parte das propostas das medicinas holísticas, as quais defendem o cultivo da espiritualidade num sentido *lato*.

Assim, em princípio, os médicos espíritas defendem uma *vaga* espiritualidade, aquela que procura, de algum modo, conectar o indivíduo com o transcendente, estimulando-lhe sentimentos que ajudariam na cura, como a esperança e a fé. Entretanto, em muitas publicações das AMEs, prescreve-se o cultivo da espiritualidade junto à busca do entendimento dos “verdadeiros” mecanismos de adoecimento e cura. Dessa forma, afirmam a necessidade de se reconhecer a realidade do espírito e buscar a sua comprovação – a exemplo

⁴⁶⁷ Ainda que alguns médicos espíritas exortem os médicos a fazerem uso, em seus locais de trabalho, de suas “energias” no tratamento ao paciente.

⁴⁶⁸ Lembrando o pensamento teleológico desses médicos, para os quais a “Medicina do Terceiro Milênio” deverá ser, mais cedo ou mais tarde, *eminenteiramente espiritual*.

⁴⁶⁹ Como, por exemplo, a “terapia de vidas passadas” (TVP), as “desobsessões”, o “alinhamento de chacras” (a existência deles é “garantida” por André Luiz) e as “cirurgias” – o termo não é o mais apropriado – de “parasitas ovóides”, que são espíritos “sofredores-obsessores” que perderam o “corpo espiritual”, transubstanciando-se num corpo ovóide, num estágio alto de degradação. “O espírito, ligado ao obsediado, de maneira intrínseca no seu afã de prejudicar, adquire uma forma ovóide assemelhando-se a um ovo de consistência indefinida que se ‘cola’ no corpo de seu alvo distorcendo-lhe pensamentos, opiniões e agindo incessantemente para lhe proporcionar toda sorte de infortúnios.” GUIA Heu. Ovóides. Disponível em:

< <http://www.guia.heu.nom.br/ovoides.htm> > Acesso em: 05 jul. 2010. Além de mudar a etiologia, lembrando que a nomeação da doença é parte importante do processo terapêutico.

⁴⁷⁰ ANDRADE, Hernani Guimarães. Reencarnação – sua aceitação pelo oficialismo científico. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Medicina e Espiritismo*. op. cit., p. 19.

do que acontecia no passado – no âmbito acadêmico. Sobre a possibilidade de o conhecimento acerca do espírito ser aceito como científico, os espíritas são claros:

Aceitamos, também, a existência do perispírito, do corpo espiritual, ou seja, a natureza multidimensional do ser humano. Estas hipóteses podem ser aceitas dentro de uma lógica científica embasada em modelos teóricos, que utiliza a teoria da relatividade, a teoria quântica, a moderna física. São compatíveis com a possibilidade de serem verdades comprováveis. Um exemplo de modelo teórico se encontra no livro do Dr. Hernani Guimarães Andrade: *Espírito, Perispírito e Alma - Ensaio sobre o Modelo Organizador Biológico*. A comprovação experimental destas hipóteses exige trabalho árduo de investigação com tecnologia adequada, o que ainda não temos à nossa disposição.⁴⁷¹

Ou ainda:

Várias são as linhas de pesquisa para este tipo de abordagem científica. Podemos buscar comprovar a hipótese de reencarnação, da comunicabilidade dos espíritos com o mundo material, o fenômeno da mediunidade, bem como demonstrar que nosso corpo não é constituído somente pelo componente material.⁴⁷²

É importante frisar, portanto, que esses médicos têm seus objetivos traçados para o presente e para o futuro.⁴⁷³ Urgentemente, eles acreditam ser preciso validar a prece como recurso terapêutico, assim como os outros recursos a ela ligados, como a fluidificação da água, os passes e, o mais recente desses recursos, a evangelhoterapia. Em um segundo momento, é preciso fazer com que se reconheça a “realidade dos envoltórios sutis” e seu papel na manutenção da saúde e na geração das doenças, redefinindo a prioridade médica: o cuidado deve se dirigir primeiro ao espírito. Ficaria preparado, assim, o caminho para a “Era do Espírito”, em que o poder do “pensamento reto”, mais do que qualquer medicamento, seria o principal agente de cura; ao médico, então, caberia um papel educativo, estando “[...] muito mais engajado no aspecto preventivo das doenças”.⁴⁷⁴ Instaurar-se-ia assim uma nova era no campo da saúde: *para além* da medicina atual.

Portanto, em que pese as “*intenções*” dos médicos espíritas de transformarem a medicina em algo *para além* do orgânico – o que só aconteceria nas próximas décadas, no pensamento determinista desses agentes – a medicina espírita, no terreno *prático*, não entra em *competição* com a medicina oficial. Esse não enfrentamento se dá não só pela crença, hoje, de que medicina oficial, não obstante suas falhas, alivia os sintomas, mas também pela

⁴⁷¹ GUIMARÃES, Fernando Augusto Garcia. Ciência espírita: grandes vultos. In: ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. *Medicina e Espiritismo*. op. cit., p. 45-46.

⁴⁷² Idem, *ibidem*, p. 46.

⁴⁷³ Um futuro no sentido quase escatológico, quando a Terra estiver pronta para entender a “realidade” do espírito.

⁴⁷⁴ NOBRE, Marlene R. Severino. *A alma da matéria*. op. cit., p. 42.

crença de que, na atual condição, os homens não estão preparados para uma medicina eminentemente espiritual; daí a necessidade de educar os homens tanto quanto reorientar as prioridades da academia.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ronaldo de. Religião na metrópole paulista. *Revista brasileira de ciências sociais*, São Paulo, v. 9, n. 56, out. 2004.
- ALVES, Rubem. *Filosofia da Ciência – introdução ao jogo e sua regras*. 21. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- _____. *Filosofia da Ciência – introdução ao jogo e sua regras*. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- AMORIM, Pedro Paulo. A Renovação Cristã e a complexidade do campo religioso brasileiro no último quartel do século XX. Anais do II Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades. *Revista Brasileira de História das Religiões –ANPUH*. Maringá (PR) v. 1, n. 3, 2009.
- A RELIGIÃO é o ópio do cérebro. *Jornal de notícias*, Porto, 10 maio 2008. Sociedade. Disponível em: <http://jn.sapo.pt/PaginaInicial/Sociedade/Interior.aspx?content_id=1022414> Acesso em: 8 maio 2009.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Os pensadores, Volume Comte*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- ASSOCIAÇÃO Médico-Espírita do Brasil. (Org.). *Medicina e Espiritismo*. São Paulo: [s.n.], 2004.
- _____. *Saúde e Espiritismo. Campos de força, mediunidade, sexualidade e abordagens na prática médica*. 3. ed. São Paulo: [s.n.], 2004.
- ASSOCIAÇÃO dos Médicos Católicos do Espírito Santo. *Revista Arautos do Evangelho*. São Paulo: Associação Internacional de Direito Pontifício, n. 96, dez. 1999.
- BANDARRA, Paulo Bento. Isto É vendendo misticismo. *Fórum Projeto Ockham*. 4 jun. 2005. Disponível em: <<http://www.projetoockham.org/cgi-bin/yabb/YaBB.cgi?board=midia;action=display;num=1117889059>> Acesso em: 8 maio 2009.
- _____. Medicina e espiritualidade: retrocesso de dois mil anos. *Observatório da Imprensa*, 30 dez. 2003. Disponível em: <<http://www.geocities.com/quackwatch/medespiritual.html>>. Acesso em: 3 dez. 2007.
- BARROS, Roque Spencer Maciel de. *A ilustração brasileira e a idéia de universidade*. São Paulo: Convívio, 1986.
- BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott (Orgs.). *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Unesp, 1997.
- BENCHAYA, Salomão Jacob. Projeto kardequizar. *Revista Espírita Harmonia*. ano 20, n. 147, dez. 2006. Disponível em: <<http://www.carlosparchen.net/projeto040207.html>> Acesso em: 22 maio 2010.

- BIRMAN, Patrícia. O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo. *Mana – Estudos de Antropologia Social*, v. 3, n. 2, 1997.
- BONET, O. O saber e o sentir. Uma etnografia da aprendizagem da biomedicina. *Physis – Revista de Saúde Coletiva*, v. 9, n. 1, p. 123-150, 1999.
- _____. *Saber e Sentir: uma etnografia da aprendizagem da biomedicina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.
- BRÓLIO, Roberto. *Doenças da alma*. 9. ed. São Paulo: FE Editora Jornalística, 1997.
- CAMARGO JR., Kenneth R. A biomedicina. *PHYSIS – Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro: IMS/Uerj, v. 7, n. 1, p. 45-68, 1997.
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. *Kardecismo e Umbanda*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1961.
- CAMPOS, Giovana. Associação médico-espírita de São Paulo. 40 anos inserindo o paradigma espiritual na prática clínica. *Folha espírita*, São Paulo: FE Editora Jornalística Ltda, ago. 2008.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. Entre o cármico e o terapêutico: dilema intrínseco ao espiritismo. *Rhema*, v. 6, n. 23, p. 113-128, 2000.
- CONAN DOYLE, Arthur. *História do espiritismo*. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 1995.
- CANGUILHEM, Geogers. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- CARUSO, Marina. Médicos da fé – profissionais utilizam suas crenças religiosas no trabalho do dia-a-dia. *Isto é independente*. São Paulo: Ed. Três, n. 1554, 14 jul. 1999.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *O Mundo Invisível: cosmologia sistema ritual e noção da pessoa no Espiritismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- CHAER, Laura. Sobre holismo e educação holística. *Fragments de Cultura*, Goiânia, v. 6, n. 4, abr. 2006.
- CLAVREUL, J. *A ordem médica: poder e impotência do discurso médico*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CONNERTON, Paul. *Como as Sociedades Recordam*. Oeiras: Celta Editora, 1999.
- CÔRTEZ, Celina; PEREIRA, Cilene; TARANTINO, Mônica. A medicina da alma – os cientistas já admitem que as práticas espirituais fazem bem à saúde. *Isto é independente*. São Paulo: Ed. Três, n. 1859, jun. 2005.
- CREMA, Roberto. *Introdução à visão holística: breve relato de viagem do velho ao novo paradigma*. São Paulo: Summus, 1989.
- CREMA, Roberto; D'AMBROSIO, Ubiratan; WEIL, Pierre. *Rumo à nova transdisciplinaridade: Sistemas abertos de conhecimento*. 4. ed, São Paulo: Summus Editorial, 1993.
- DAMASCENO JUNIOR, Luiz Carlos. Isto É no além: Ciência paga o pato da incompetência jornalística. *Observatório da Imprensa*. ano 15, n. 392, ago. 2006.
- DAMÁZIO, Sylvia, F. *Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- D'ANDREA, Anthony A. F. *O self perfeito e a Nova Era - Individualismo e reflexividade em religiões pós-tradicionais*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- FRITIJOF, Capra. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- FRUTUOSO, Suzane. A força da fé. São Paulo. *Revista Época: Globo*, n. 459, 2 mar. 2007.
- FONSECA, Celso; LOBATO, Eliane. Falando com o além. *Isto é independente*. São Paulo: Ed. Três, n. 1918, 26 jul. 2006.
- FOUCAULT, M. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

- GIUMBELLI, Emerson Alessandro. Heresia, doença, crime ou religião: o Espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 40, n. 2, 1997.
- _____. *O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do Espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.
- _____. GIUMBELLI, Emerson. O “Baixo Espiritismo” e a História dos Cultos Mediúnicos. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 9, n. 19, p. 247-281, jul. de 2003.
- GREENFIELD, Sidney M. *Cirurgias do além: pesquisas antropológicas sobre curas espirituais*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. O corpo como uma casca descartável: as cirurgias do Dr. Fritz e o futuro das curas espirituais. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, ano 1-2, n. 16, 1992.
- GREYSON, Bruce. Experiências de quase-morte: implicações clínicas. *Revista psiquiátrica clínica*, v. 34, p. 116-125, 2007. Suplemento.
- GUEDES, Carla Ribeiro; NOGUEIRA, Maria Inês; CAMARGO JR., Kenneth R. de. A subjetividade como anomalia: contribuições epistemológicas para a crítica do modelo biomédico. *Ciência & saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 4, p. 1093-1103, out./dez. 2006.
- HAMA, Lia. O embaixador dos espíritos. *Revista das Religiões*. São Paulo: Abril, n. 15, nov. 2004.
- HERCULANO PIRES, José: *O Mistério do Bem e do Mal*. São Bernardo do Campo: Correio Fraternal, 1989.
- HOBBS, Eric. *A Era das Revoluções. Europa 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- _____. *A Era do Capital. 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- _____. *A Era dos Impérios. 1875-1814*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- HUAIXAN, José Queid Tufailé O movimento de reformas. *Revista Isis*, mar. 2007. Disponível em: <<http://www.tafalado.com.br/isis/anteriores/reformas.htm>> Acesso em: 6 nov. 2008.
- IANNI, Aurea Maria Zöllner. Desafios para um novo Pacto Sanitário: biotecnologia e risco. *Revista Ciência & Saúde Coletiva da Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva*. n. 0335, 2008.
- INCONTRI, Dora. *Quem era mestre de quem?* Disponível em: <http://www.pedagogiaespirita.org.br/tiki-read_article.php?articleId=30&show_comzone=y#comments> Acesso: 21 jul. 2009.
- KANT, Immanuel. *Resposta a pergunta: Que é esclarecimento?* Textos Seletos. Tradução Floriano de Sousa Fernandes. 3. ed. Petrópolis: Vozes, p. 63-71, 2005.
- KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003.
- _____. *A gênese: os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003.
- _____. *O Livro dos Espíritos*. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003.
- _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003.
- _____. *O que é o Espiritismo*. 41. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999.
- _____. *O livro dos médiuns*. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003.
- KÜHL, Eurípedes. *Deus, espírito e universo: o Espiritismo e os desafios do século 21*. São Paulo: Petit, 2009.
- KUHN, Thomas. *A Estrutura das revoluções científicas*. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- LANDMAN, James. *Medicina não é saúde*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- LAPLATINE, François. *Antropologia da doença*. Tradução Walter L. Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LE GOFF, Jacques. *As Doenças têm História*. Lisboa: Terramar, 1985.

- LEWGOY, Bernardo. A transnacionalização do espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicial. *Religião e sociedade*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 84-104, jul. 2008.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
- LUZ, Madel T. Cultura contemporânea e medicinas alternativas: novos paradigmas em saúde no fim do século XX. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 15, p. 145-176, 2005. Suplemento.
- MARINO JÚNIOR, Raul. *A religião do cérebro: as novas descobertas da neurociência a respeito da fé humana*. São Paulo: Editora Gente, 2005.
- MEDINA, Ceres de Carvalho. O pensamento kardecista. In: CONSORTE, Josideth Gomes; COSTA, Maria Regina da. *Religião, Política e Identidade*. São Paulo: EDUC, 1988.
- _____. Reflexões sobre o pensamento de Kardec. *Revista Nures (PUC-SP)*, n. 3, maio/set. 2006.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 3. ed. São Paulo-Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1994.
- MONTERO, Paula. *Da doença à desordem: as práticas mágico-terapêuticas na Umbanda*, São Paulo (tese de Doutorado), FFLCH/USP, 1983.
- MOURA, Antunes Marta. Saúde e doença. *O Reformador*. Brasília: FEB, ano 126, n. 2.153, p. 26-28, ago. 2008.
- NOBRE, Marlene R. Severino. *A alma da matéria: clonagem humana, fundamentos da Medicina espírita*. 2. ed. São Paulo: Fé Editora Jornalística, 2005.
- NOGUEIRA, Salvador. Em busca da alma. *Galileu*. n. 193, ago. 2007. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDR78259-7943,00.html>> Acesso em: 25 maio 2008.
- NOGUEIRA, Maria Inês; CAMARGO JR., Kenneth Rochel de. A orientalização do Ocidente como superfície de emergência de novos paradigmas em saúde. *História, ciências, saúde-Manguinhos*, v. 14, n. 3, p. 841-861, jul./set. 2007.
- QUEIROZ, Marcos S. O itinerário rumo às medicinas alternativas: uma análise em representações sociais de profissionais da saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, 2000.
- _____. O paradigma mecanicista da medicina ocidental moderna: Uma perspectiva antropológica. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 20, n. 4, 1986.
- QUEIROZ, Marcos de Souza; CANESQUI, Ana Maria. Antropologia da medicina: uma revisão teórica. *Revista de Saúde Pública*, v. 20, n. 2, p. 152-164, 1986.
- QUEIROZ, Marcos S; VIANNA, Ana Luíza. Padrão de política estatal em saúde e o sistema de assistência médica no Brasil atual. *Revista de Saúde Pública*, v. 26, n. 2, p. 132-140, 1992.
- PIETRUKOWICZ, Marcia Cristina Leal Cypriano. *Apoio social e religião: uma forma de enfrentamento dos problemas de saúde*. Dissertação (Mestrado) – Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 2001.
- PRADO, Adriana, RODRIGUES, Greice. Tratamentos para a alma – Médicos e hospitais começam a adotar a espiritualidade e a esperança como recursos para o combate de doenças. *Isto é independente*. n. 2025, 27 ago. 2008 Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoe/edicoes/2025/artigo99610-1.htm>> Acesso em: 7 set. 2008.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla (Org.). *Do Positivismo à desconstrução: idéias francesas na América*. SP: Edusp. 2004.
- RABELO, Miriam C. et al. *Comparando experiências de aflição e tratamento no candomblé, pentecostalismo e espiritismo*. In: Encontro Anual da ANPOCS, 22, 1998. Caxambu. Disponível em: < <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/anpocs/rabelo.rtf>>. Acesso em: 22 set. 2007.

- RODRIGUES DE PAULO, Jaider; MOREIRA Oswaldo Hely; SOUZA, Roberto Lúcio Viera de. *Depressão: abordagem médico-espírita*. 2. ed. São Paulo: FE Editora Jornalística, 2006.
- SANCHIS, Pierre. As religiões dos brasileiros. *Horizontes*, Belo Horizonte, v. 1 n. 2, p. 28-43, 1998.
- SAYD, Jane Dutra. *Mediar, Mediar, Remediar: aspectos da terapêutica na medicina ocidental*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1988.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SOUZA, Juvanir Borges de. A vinda do Consolador. *O Reformador*. Brasília: FEB, n. 2.113, p. 5-7, abr. 2005.
- TADVALD, Marcelo. Corpo e possessão na teodicéia racionalista. *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 9, n. 9, set. de 2007.
- TERRA, Luiz. O espiritismo e a dor. *Revista Internacional do Espiritismo*, jan. 1976. Disponível em: <<http://www.terraespiritual.locaweb.com.br/espiritismo/artigo1994.html>> Acesso em: out. 2009.
- TERRICABRAS, J. M. et al. *Diccionario de Filosofia*, Tomo II (E-J). Editorial Ariel S.A., Barcelona, 1994.
- VASCONCELOS, João. Espíritos clandestinos: espiritismo, pesquisa psíquica e antropologia da religião entre 1850 e 1920. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 92-126, 2003.
- XAVIER, Francisco Cândido. *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho* (autor espiritual: Humberto de Campos). 61. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1977.
- _____. (autor espiritual: André Luiz). *Os mensageiros – A vida no Mundo Espiritual*. 4 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2007.
- WANTUIL, Zeus; THIESEN, Francisco. *Allan Kardec: o educador e o codificador*. 2. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, v. 1, 2004.
- WARREN Jr, Donald. A medicina espiritualizada: a homeopatia no Brasil do século. XIX, *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, 1986.
- _____. A terapia espírita no Rio de Janeiro de Janeiro por volta de 1900, *Religião e Sociedade*, v. 3, n. 11, 1984.